UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCAIS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

MAYTÊ LUANNA DIAS DE MELO

PROGRAMAS DISCIPLINARES DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO:
Conformação do Campo Epistemológico no Brasil

JOÃO PESSOA
2017

MAYTÊ LUANNA DIAS DE MELO

PROGRAMAS DISCIPLINARES DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO:

Conformação do Campo Epistemológico no Brasil

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba, como pré-requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.
Linha de Pesquisa: Ética, Gestão e Política de Informação.
Orientador: Prof. Dr. Edivanio Duarte de Souza.

JOÃO PESSOA

2017

Catalogação na publicação
Seção de Catalogação e Classificação.

M528p Melo, Maytê Luanna Dias de.
Programas disciplinares da ciência da informação: conformação do campo epistemológico no Brasil / Maytê Luanna Dias de Melo. - João Pessoa, 2017.
101 f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Edivanio Duarte de Souza.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCSA/PPGCI

1. Ciência da Informação. 2. Ciência da Informação - Brasil. 3. Programas disciplinares - Ciência da Informação. I. Título.

UFPB/BC CDU - 02(043)

MAYTÊ LUANNA DIAS DE MELO

PROGRAMAS DISCIPLINARES DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO:

Conformação do Campo Epistemológico no Brasil

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba, como pré-requisito parcial para obtenção do titulo de Mestre em Ciência da Informação, em ____/____/_____.

BANCA DE DISSERTAÇÃO

_____
Prof. Dr. Edivanio Duarte de Souza – PPGCI/UFPB (Orientador)

_____
Profa. Dr. Henry Poncio Cruz de Oliveira – PPGCI/UFPB

_____
Profa. Dra.– Dalgiza Andrade Oliveira – PPGGOC/UFMG

_____
Prof. Dra. Maria das Graças Targino - PPGCI/UFPB

_____
Prof. Dr. Ronaldo Ferreira de Araújo – ICHCA/UFAL

Dedico esta dissertação ao meu filho Theo e ao meu marido, Leonardo, que estiveram presentes em todos os momentos desse caminho, me amparando, acompanhando, estimulando, encorajando, enxugando minhas lágrimas e me amando em demasia.

Dedico-a ao Guto, que por vezes encostava-se ao meu pé só pra dizer que estava ali e eu não estava só.

Dedico também aos meus pais, Lúcia e Damião, que não mediram e não medem esforços para me socorrer nos momentos de angústia, dúvida e, principalmente, saudade.

Dedico à minha irmã, Luciene, em quem me espelho, por estar a todo o momento me tirando dúvidas, me incentivando e se fazendo presente mesmo distante.

Dedico ao meu orientador, Prof. Dr. Edivanio, pela amizade, paciência e excelente orientação.

Por fim, dedico a todas as mulheres que são ou foram mães no período da pós-graduação. Há, por trás das cortinas, muita iniqüidade nas relações de gênero na ciência brasileira. É perceptível ainda, nos eventos científicos, a representação desproporcional das mulheres, somado, ou em circunstância disso, a dificuldade de conciliar carreira e maternidade. Digo a todas: unir a maternidade e a pós-graduação é possível (e louvável), não se abstenham de nenhum desses sonhos, seja em qual momento você estiver.

AGRADECIMENTOS

A todos os docentes do PPGCI/UFPB, em especial, Prof. Henry, Profa. Bernadina, Prof. Xavier e Prof. Gustavo, pela atenção e carinho nas aulas e espaços da Universidade.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pelo financiamento desta pesquisa.

Ao meu orientador, Edivanio Duarte, pelas colaborações, discussões, ligações, orientações via whats app, sempre determinantes para o progresso da pesquisa e crescimento pessoal, sobretudo pelo carinho e amizade.

Aos colegas do PPGCI, por ter tornado a caminhada mais prazerosa, em especial, Laiana, Ed, Niele, Ediene, Gabi, May e Fabi.

A todos os meus amigos, espalhados pelo país, que estavam presentes mesmo longe.

Aos meus pais, Damião e Lúcia, por todo esforço, força de vontade, garra e, acima de tudo, por todo amor. Eles foram e são essenciais na minha vida.

Aos meus irmãos, pela ajuda nos momentos de angústia, em especial, a Luciene Melo, minha companheira de guerra (risos).

Ao meu filho Theo, por ter mudado minha história.

Ao meu marido, pela família linda que construiu comigo. Amo-te!

A Deus Pai, Uno e Trino, que, em sua bondade infinita e misericordiosa, me possibilitou de estar onde estou e caminhar o que caminhei. A Ele toda honra e toda Glória, agora e para sempre.

Meu eterno Muito obrigada!

Andei,
Por caminhos difíceis, eu sei.
Mas olhando o chão sob meus pés,
Vejo a vida correr.
E, assim, cada passo que der, tentarei fazer o melhor que puder.
Aprendi.
Não tanto o quanto quis, mas vi que conhecendo
o universo ao meu redor,
Aprendo a me conhecer melhor,
E assim escutarei o tempo que ensinará
A tomar a decisão certa em cada momento.
E partirei, em busca de muitas idéias.
Mas sei que hoje
Se encontram meu passado, futuro e presente.
[...]
Hoje é um ponto de chegada e,
ao mesmo tempo, ponto de partida.
(SABINO, Fernando Encontro Marcado)

RESUMO

O estudo estabelece um desenho disciplinar da Ciência da Informação através dos elementos que compõe os programas disciplinares do campo, no Brasil. Para isto, buscou-se explorar a produção que aborda os elementos disciplinadores, caracterizar o contexto de institucionalização destes elementos, compreender a natureza constitutiva e evidenciar os contornos dos programas disciplinares da área. Para tanto, optou-se pela pesquisa de abordagem Quali-Quantitativa, por intermédio de um levantamento bibliográfico e documental. Os dados foram coletados na Plataforma Sucupira quanto aos Programas de Pós-graduação da área da Ciência da Informação e Biblioteconomia. Utilizou-se também o Laboratório de Tecnologias Intelectuais e a Plataforma de Periódicos Científicos. Todos os dados coletados foram sistematizados em quadros e ilustrações, em seguida analisados e discutidos em consonância com os artigos que compuseram o referencial teórico. O resultado aponta que os programas disciplinares promovem construções disciplinares identificadoras, pautadas no objeto de estudo da área, a *informação.* Seu uso, suas práticas, seus processos, são essenciais para estabelecer as atribuições, favorecer ligações, difundir técnicas entre todas as áreas que se co-relacionam com a Ciência da Informação. Isso foi percebido no âmbito dos programas de pós-graduação por meio das áreas de concentração, da formação do corpo-docente pesquisador, do financiamento das pesquisas, das associações e do foco e escopo dos periódicos científicos.

Palavras-chave: Campo da Ciência da Informação. Ciência da Informação no Brasil. Programas Disciplinares da Ciência da Informação.

ABSTRACT

The study establishes a disciplinary design of Information Science through the elements that make up the disciplinary programs of the field in Brazil. To do this, we sought to explore the production that addresses the disciplinary elements, to characterize the context of institutionalization of these elements, to understand the constitutive nature and to show the contours of the disciplinary programs of the area. For that, we opted for the research of Quali-Quantitative, approach through a bibliographical and documentary survey. The data were collected in the Sucupira Platform for the Post-Graduate Programs in the area of Information Science and Librarianship. It was also used the Laboratory of Intellectual Technologies and the Platform of Scientific Periodicals. All the data collected were systematized in tables and illustrations, then analyzed and discussed in consonance with the articles that composed the theoretical reference. The result indicates that the disciplinary programs promote disciplinary constructions identifying, based on the object of study of the area, the information. Its use, its practices, its processes, are essential to establish the attributions, to favor connections, to spread techniques among all the areas that are related to the Information Science. This was perceived in the scope of postgraduate programs through the areas of concentration, the training of the research faculty, the funding of research, associations and the focus and scope of scientific journals.

Keywords: Field of Information Science. Information Science in Brazil. Disciplinary Programs of Information Science.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 -	Terminologia da área da Ciência da Informação	20
Ilustração 2 -	Estrutura das revoluções científicas	25
Ilustração 3 -	Áreas de Avaliação distribuídas em Colégios	61
Ilustração 4 -	Ciência da Informação: subáreas e especialidades	62
Ilustração 5 -	Ciência da Informação como área do conhecimento	63
Ilustração 6 -	Foco e escopo dos periódicos científicos da Ciência da Informação	86
Ilustração 7 -	Programas Disciplinares da Ciência da Informação	87

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 –	Programas de pós-graduação com área básica em Ciência da Informação	66
Quadro 2 –	Cursos de pós-graduação da área básica Biblioteconomia	68
Quadro 3 –	Áreas de concentração dos cursos e programas de pós-graduação e em Ciência da Informação	70
Quadro 4 –	Financiadores da Pós-Graduação em Ciência da Informação no Brasil	74
Quadro 5 –	Coordenadores e vices-coordenadores dos GT/ANCIB	79
Quadro 6 –	Associações científicas da Ciência da Informação no Brasil	80
Quadro 7 –	Periódicos Científicos da Ciência da Informação no Brasil	83

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABECINA	Associação Brasileira de Educação em Ciência da Infomação
ADI	American Documentation Institute
ALA	American Library Association
ANCIB	Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação
ANEEL	Agência Nacional de Energia Elétrica
ASIS	American Society for Information Science
ASIST	American Society for Information Science and Technology
C&T	Ciência & Tecnologia
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de nível Superior
CDU	Classificação Decimal Universal
CM	Association for Computing Machinery
CNE	Conselho Nacional de Educação
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CT&I	Ciência, Tecnologia & Inovação
EU	União Européia
EUA	Estados Unidos da América
FA	Fundação Araucária de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Estado do Paraná
FAP	Fundação de Amparo à Pesquisa
FGV	Fundação Getúlio Vargas
FAPEMIG	Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de Minas Gerais
FAPERJ	Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo a Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro
FAPESB	Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado da Bahia
FAPESC	Fundação de Amparo a Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catariana
FID	Federação Internacional de Informação e Documentação
FINATEC	Fundação de Empreendimentos Científicos e Tecnológicos
FNDCT	Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
FNF	Faculdade Nacional de Filosofia
FUFSE	Fundação Universidade Federal de Sergipe
FUMP	Fundação Universitária Mendes Pimentel

FUNCAP	Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico
FUNDUNEP	Fundação para o Desenvolvimento da UNESP
GT	Grupo de Trabalho
IBBD	Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação
IBICT	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
IC&T	Informação Científica e Tecnológica
IDRC	International Development Reserch Center
IFLA	International Federation of Library Associations and Institutions
ITA	Instituto Tecnológico de Aeronáutica
LTi	Laboratório de Tecnologias intelectuais
MCT	Ministério da Ciência e Tecnologia
MEC	Ministério da Educação
MEMEX	Memory Extender
PPGCI	Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação
PGI	Programa Geral de Informação
SIGIR	Special Interest Group on Information Retrieval
SLA	Special Libraries Association
SNPG	Sistema Nacional de Pós-Graduação
TIC	Tecnologias de Informação e Comunicação
UDESC	Universidade do Estado de Santa Catarina
UEL	Universidade Estadual de Londrina
UFAL	Universidade Federal de Alagoas
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFC	Universidade Federal do Ceará
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFPA	Universidade Federal do Pará
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UFSCAR	Universidade Federal de São Carlos

UnB	Universidade de Brasília
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNESP	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1	**INTRODUÇÃO**	**13**
2	**A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO NO CAMPO CIENTÍFICO**	**20**
2.1	**Concepções Paradigmáticas e Condições para a Ciência da Informação**	**25**
3	**PERSPECTIVAS DISCIPLINARES DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**	**35**
4	**A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO NO BRASIL**	**43**
4.1	**A Implantação da Ciência da Informação no Brasil**	**47**
4.2	**A Institucionalização da Ciência da Informação no Brasil**	**50**
5	**PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**	**54**
5.1	**Caracterização da Pesquisa**	**54**
5.2	**Universo e Amostra da Pesquisa**	**55**
5.3	**Coleta e Sistematização dos Dados**	**56**
5.4	**Análise e Discussão dos Resultados**	**59**
6	**ORGANIZAÇÃO DE PROGRAMAS DISCIPLINARES DA CIIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**	**60**
6.1	**A Institucionalização da Área de Conhecimento no Brasil**	**60**
6.2	**Programas e Cursos de Pós-graduação**	**64**
6.3	**Infraestrutura Básica do Domínio Disciplinar da Ciência da Informação**	**73**
7	**CONSIDERAÇÕES FINAIS**	**89**
	REFERÊNCIAS	**96**

1 INTRODUÇÃO

Denominados na Europa de “centros ou serviços de documentação” e conhecidos nos Estados Unidos como “bibliotecas especializadas”, os sistemas de informação especializada surgiram em meio ao aumento exponencial da informação, em meados do século XX, constituindo-se em domínio fecundo para a emergência da Ciência da Informação.

Tomando como referência esse contexto, Saracevic (1996) esclarece que a Ciência da Informação possui três características que correspondem à matriz de sua evolução e existência, a saber, a natureza interdisciplinar, o vínculo com a Tecnologia da Informação e a participação deliberada na Sociedade Informacional. Essas características permeiam as discussões e tentativas de estabelecimento do domínio disciplinar da Ciência da Informação, nos últimos anos.

Complementarmente à concepção de Saracevic (1996), a Ciência da Informação apresenta diversas perspectivas em torno de sua origem e desenvolvimento. Nesse sentido, Souza (2011) defende a existência de, pelo menos, três perspectivas disciplinares, a saber, biblioteconômica, documentária e técno-informacional, que sinalizam para a definição de programas disciplinares do campo científico.

Na perspectiva biblioteconômica, os fundamentos da Ciência da Informação se encontram na história da Biblioteconomia Especializada norte-americana, que, em um segundo momento, direciona suas preocupações ao tratamento da informação por intermédio das tecnologias de microfilmagem, no domínio da Documentação.

No fim do século XIX, os documentalistas europeus aproveitaram as técnicas biblioteconômicas, aperfeiçoando-as, buscando realizar o tratamento e a organização da informação por meio da análise aprofundada do conteúdo dos documentos, surgindo assim a perspectiva documental.

Nessa linha de raciocínio, observa-se que há um deslocamento das discussões em torno das práticas bibliotecárias e documentárias propriamente ditas para um conjunto de atividades mais diretamente relacionadas ao planejamento e à organização de novos sistemas de informação, na segunda metade do século XX. De acordo com Souza (2011), observa-se aí o desenho de outra abordagem do conhecimento que também se apresenta como perspectiva de origem e desenvolvimento disciplinar da Ciência da Informação, a Tecnológica e Informacional, com fundamentos na Recuperação da Informação. Esta se desenvolveu, com o intuito de resolver os problemas relacionados à interatividade entre homem e máquina,

buscando estabelecer processos automáticos de tratamento e recuperação da informação. Deste modo, é composta por duas subáreas com abordagens diferenciadas: a primeira dedica-se à natureza da informação, aos usuários, ao uso da informação, à interatividade sistema de informação e usuário. Já a segunda, à elaboração de produtos e serviços de informação, como base dados, *softwares*, entre outros.

No Brasil, a Ciência da Informação surge com a implantação do Curso de Mestrado em Ciência da Informação, em 1972, no então Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD), transformado em Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), no ano de 1976. O IBICT assumiu, segundo Pinheiro (2005), o papel de criador e gestor de atividades precursoras de informação científica e tecnológica (ICT) e ações políticas, contribuindo fortemente para a implantação de outros órgãos e cursos no Brasil e na América Latina, e para a formação profissional na nova área.

Tendo na sua base a insuficiência dos serviços bibliográficos e informacionais oferecidos nas décadas de 1950 e 1960, a comunidade científica em expansão e detentora de uma proposta interdisciplinar a Ciência da Informação, no Brasil, se instaura através de uma proposta de capacitação e atualização dos profissionais que desenvolviam atividades na área de Bibliografia e Documentação Científica.

Após, pelo menos, meio século de sua implantação no Brasil, é possível observar que a Ciência da Informação ainda conta com uma infraestrutura de pesquisa em implantação, com algumas dificuldades teóricas e com apoio institucional em desenvolvimento, o que muito dificultou sua consolidação como campo científico (OLIVEIRA, 2005; PINHEIRO, 2005; SOUZA, 2011).

Para González Gómez (2000), a (re)construção de um campo científico pode ser iniciada pelos programas de pesquisa, pois estes possuem como componentes principais as escolhas metodológicas que vão indicar os caminhos de investigação que podem ser seguidos ou heurísticas positivas e heurísticas negativas, que estabelecem o que podem ou não ser do domínio do objeto da pesquisa.

Nesse mesmo horizonte, desenvolvem-se, especialmente, os programas disciplinares, que emergem ou declinam conforme a economia política. Estes, por sua vez, são essencialmente institucionais e, de acordo com Lenoir (2004), preocupam-se em estabelecer atribuições, facilitar ligações com outras disciplinas e permitir a transmissão de técnicas e ferramentas conceituais do campo científico a grupos de usuários de disciplinas vizinhas e a pessoas em treinamento para tipos particulares de carreira. Assim, faz-se necessário considerar os processos sociais, políticos e econômicos por quais passa a sociedade, na

compreensão das perspectivas disciplinares da Ciência da Informação, visto que o período em que essa ciência emerge é assinalado por profundas transformações nesses setores. Trata-se, segundo Castells (2000) e Mattelart (2002), de uma nova era, marcada por um conjunto de acontecimentos sócio-históricos que reestruturou o modo de produção capitalista, resultando na emergência de um novo modelo de desenvolvimento, o informacionalismo, na intensificação da globalização da economia e, consequentemente, numa nova configuração de sociedade contemporânea.

A rigor, cada modo de desenvolvimento possui seu elemento essencial no processo produtivo. Os três modos já experimentados pela sociedade, a saber, o agrário, o industrial e o informacional possuíram como elementos essenciais, respectivamente, a mão de obra e os recursos naturais; as novas fontes de energia; e as tecnologias de processamento da informação, de comunicação e de geração de conhecimento. Se observarmos, a informação e o conhecimento se fizeram presentes em todos os modos de desenvolvimento, e no modo informacional, estes constituem como fonte principal de produtividade (CASTELLS, 2000).

Além do elemento essencial, cada modo de desenvolvimento é composto também por um princípio de desempenho determinado estruturalmente. Enquanto o modo industrial objetiva o crescimento da economia e/ou a maximização de lucros, o *informacionalismo* visa, além disso, ao desenvolvimento tecnológico, à acumulação de conhecimentos e a maiores níveis de complexidade de processamento da informação (CASTELLS, 2000). Assim como um paradigma, o modo de desenvolvimento padroniza os domínios comportamentais da sociedade; então a emergência de um novo implica necessariamente em novas formas históricas de interação, controle e transformação social.

O campo da ciência, como um todo, está vivenciando um processo de transição entre distintos paradigmas, a saber, a modernidade e a contemporaneidade. Neste contexto, a Ciência da Informação tem buscado sua constituição e identidade, pois, observando sua historicidade, só no ano de 1961 a Ciência da Informação estabelece formalmente sua finalidade e seu primeiro arcabouço conceitual (SOUZA, 2011).

Desde a década de 60 do século passado, a Ciência da Informação vem buscando constituir-se como Ciência, que implica na construção de relativa autonomia. Segundo Oliveira (2005), apesar de seus embasamentos fundarem-se nas práticas biblioteconômicas, ela não é uma evolução da Biblioteconomia, como mencionam alguns autores, na medida em que tanto a primeira quanto a segunda baseiam-se em orientações paradigmáticas diferenciadas. A Ciência da Informação, nesse contexto, apresenta-se como espaço destinado

ao aprofundamento e à atualização de estudos e práticas bibliotecárias que são desenvolvidos pelos próprios Bibliotecários, que realizam estudos e pesquisas em Ciência da Informação.

Compreendendo que se trata de um campo de conhecimento em ascensão, conforme Saracevic (1996), a Ciência da Informação precisa adquirir e manter o caráter de Ciência relativamente autônoma, que significa superar alguns entraves que acometem a indefinição de seu objeto de estudo, a saber, a informação e os processos que a envolvem. Nesta perspectiva, faz-se necessário compreender a sua natureza disciplinar, que compõe o processo de implantação e institucionalização do seu campo científico, os objetos presentes nos programas de pesquisa e programas disciplinares por intermédio de evidências presentes na produção científica da área.

Embora atuem na mesma dinâmica do campo científico, programas disciplinares e programas de pesquisa têm orientações distintas no que se refere aos seus objetivos. Os primeiros são fundamentalmente institucionais e preocupam-se em determinar atribuições, promover conexões com outras disciplinas e possibilitar a transmissão de técnicas e ferramentas conceituais do campo científico a um grupo de usuários de disciplinas vizinhas. Os segundos, por sua vez, caracterizam-se por seu foco orientado a problemas, mediante seu esforço para dominar os ciclos de crédito e os recursos disponíveis para estender e legitimar produtos de pesquisa (LENOIR, 2004).

Diversos campos do conhecimento trabalham, de uma forma ou de outra, com a informação, porém, apenas alguns que a adotam como objeto de estudo, dentre os quais se destaca a Ciência da Informação. Desse modo, ela se movimenta num território de pluralismos que dificulta o seu processo de consolidação epistemológica. Nesse contexto, questiona-se: que elementos constituem os contornos dos programas disciplinares na Ciência da Informação no Brasil?

A presente pesquisa tem como objetivo geral estudar os elementos que constituem os programas disciplinares na Ciência da Informação no Brasil. E, para tanto, visa, especificamente a:

- explorar a produção que aborda de modo específico os elementos disciplinadores do campo da Ciência da Informação;
- caracterizar o contexto de institucionalização dos elementos presentes nessa produção;
- aclarar os componentes que compreendem a natureza constitutiva da Ciência da Informação;

- evidenciar os contornos dos programas disciplinares da Ciência da Informação no Brasil no campo informacional.

Nesse contexto, é forçoso considerar que a tentativa de estabelecer um desenho disciplinar da Ciência da Informação é imprescindível para que se possam compreender esses problemas de pluralidade que vêm sendo historicamente constituídos no seu domínio epistemológico. De modo específico, conforme Le Coadic (2004), Saracevic (1996) e Souza (2011), o debate sobre a interdisciplinaridade, que caracteriza a Ciência da Informação e que resulta das condições em que ela surge e se desenvolve, tem como base a complexidade do objeto de estudo informação, a pluralidade de formação de pesquisadores envolvidos e a convergência entre diferentes disciplinas.

Levando em conta essa amplitude do campo da Ciência da Informação e suas diversas interlocuções com outras áreas, é importante notar que, na prática, essas relações interdisciplinares exigem, dos pesquisadores oriundos de outros campos ou áreas de conhecimento, maior esforço no sentido de produzir o que González de Gómez (2000) denominou de excedente epistemológico ou excedente de problematização. Estas práticas interdisciplinares de pesquisa deverão ter como base e devem ser orientadas por programas disciplinares que possam favorecer o progresso da dinâmica do campo informacional, promovendo suas construções disciplinares próprias.

Este estudo se alinha a uma sugestão de pesquisa realizada por González de Gómez (2000), quando afirma que a reconstrução de um campo científico pode ser iniciada pelos programas de pesquisa, na medida em que estes são substanciais para entender a dinâmica das disciplinas, consequentemente dos programas disciplinares. Com efeito, segundo Paviani (2008, p. 37), "as disciplinas podem se originar de programas de pesquisa ou por influências externas de diferentes ordens". O fato é que tais programas permitem compreender os empreendimentos coletivos e institucionalizados na geração do conhecimento nessas esferas. São nesses espaços que as disciplinas se fazem presentes, na medida em que elas são "mecanismos institucionais para regular as relações de mercado entre consumidores e produtores de conhecimento" (LENOIR, 2004, p. 65) e nelas estão presentes os interesses de uma classe científica, bem como forças políticas e econômicas.

A interdisciplinaridade, não depende apenas de intenções, propostas e identificação com o objeto de estudo, mas, sobretudo, de condições científicas institucionais e políticas. Portanto, esta integração disciplinar não pretende homogeneizar as teorias e metodologias da Ciência da Informação, mas atentar à complexidade dos elementos que fazem parte do seu domínio epistemológico. E, nesse sentido, a conformação do seu campo epistemológico

requer programas de pesquisa em consonância com programas disciplinares bem definidos teórico e metodologicamente.

Esta pesquisa foi importante para entender o fortalecimento desta área de conhecimento como campo disciplinar específico dedicado ao aprofundamento dos estudos sobre as propriedades da informação e os processos de sua construção, comunicação e uso. Compreende-se que esta pode representar uma parcela de contribuição com os avanços no processo de consolidação da área no país. Nesse sentido, insere-se na linha de pesquisa *Ética, Gestão e Políticas de Informação* do Programa de Pós-Graduação em Ciência a Informação da Universidade Federal da Paraíba (PPGCI/UFPB).

Ademais, do ponto de vista pessoal, encontrou-se, no decurso da disciplina *Introdução à Biblioteconomia e à Ciência da Informação*, cursada na Graduação em Biblioteconomia, na Universidade Federal de Alagoas (UFAL), algumas dificuldades de entender os limites teórico-conceituais entre essas disciplinas, despertando interesse em aprofundar os estudos nesse domínio de conhecimento, sobretudo, porque se observou contribuições entre essas áreas, porém, não restou claro o suficiente a relação entre essas no estudo da literatura. Portanto, é permanente o apelo a uma abordagem mais objetiva sobre a Ciência da Informação de modo a especificar seus programas e projetos disciplinarizadores, buscando um maior entendimento a partir de sua institucionalização no Brasil.

A presente dissertação, incluindo esta introdução, se encontra organizada em sete seções. Na segunda seção, *A Ciência da Informação no Campo Científico*, discute o surgimento e a ascensão desta área de crescimento advindos da convergência de diversas áreas do conhecimento. Nela é discutida a terminologia da área, bem como as concepções paradigmáticas, e condições que a tornam, na visão de alguns autores, uma ciência imatura.

Na terceira seção, *Perspectivas Disciplinares da Ciência da Informação*, faz-se uma explanação sobre as perspectivas disciplinares da Ciência da Informação com enfoque nas perspectivas biblioteconômica, documentalista e tecno-informacional ou recuperação da informação. Nesta seção, são discutidas as rupturas e transformações que ocorreram na área desde seu surgimento, seu estreito vínculo com a Biblioteconomia e a Documentação, as contribuições significativas de cada uma dessas áreas, bem como as particularidades, as características e os traços de amadurecimento científico.

Na quarta seção, *A Ciência da Informação no Brasil*, são discutidas as condições de implantação da área no país, os elementos de sua institucionalização, o movimento da pós-graduação brasileira, os primeiros cursos, a mudança de cenário resultante do aumento das

atividades de C&T, bem como a formalização e implantação relacionada à criação de estruturas acadêmicas tanto de ensino quanto de pesquisa.

Na quinta seção, *Procedimentos Metodológicos*, são abordados os métodos e as técnicas adotados no caminho percorrido para a realização dessa pesquisa. Os elementos que compõem a metodologia, a saber, a caracterização da pesquisa, a escolha da abordagem, o universo e amostra da pesquisa, a coleta e a sistematização dos dados, e a análise e discussão dos resultados.

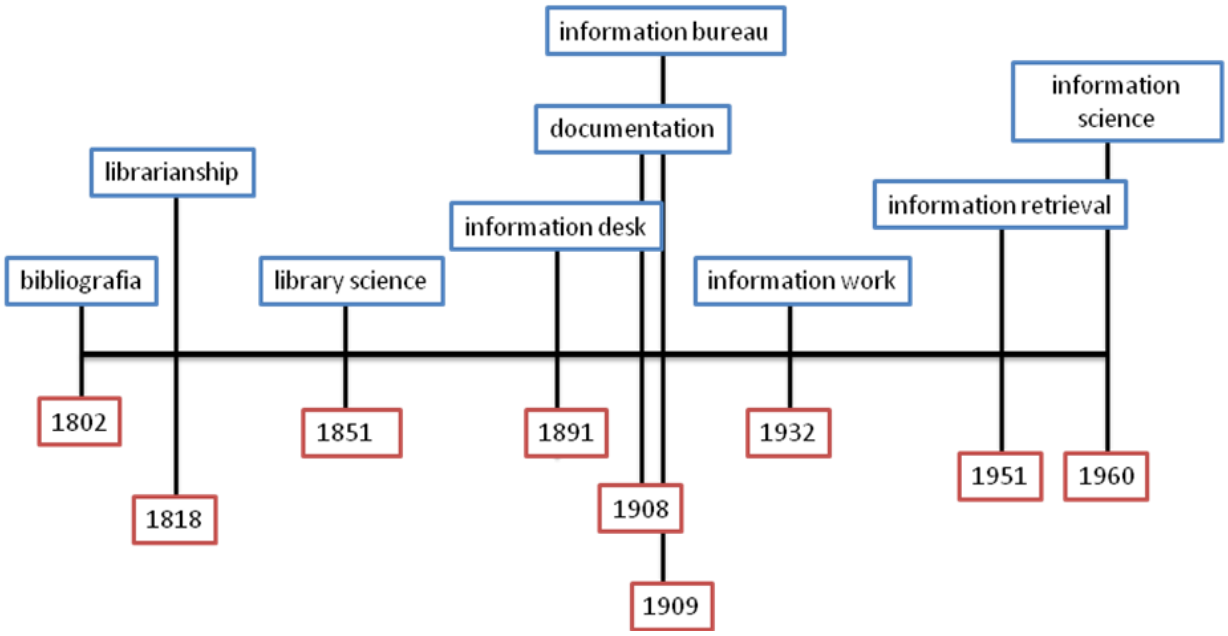
A sexta seção, *Organização de Programas Disciplinares da Ciência da Informação*, debate a organização dos programas disciplinares da Ciência da Informação, iniciando com história da institucionalização da Área de Conhecimento no Brasil. Os dados coletados na Plataforma Sucupira (2017) apontam a forma como as áreas e subáreas estão organizadas, os cursos e programas de pós-graduação, incluindo suas áreas básicas e as áreas de concentração, buscando especificar o domínio disciplinar do campo. Complementarmente, são analisados outros elementos disciplinadores da área, que contemplam as associações científicas, o corpo-docente pesquisador, o financiamento das pesquisas e os periódicos.

Na sétima e última seção, *Considerações Finais*, será feita uma retomada de toda pesquisa; o contexto em que está inserida; sua justificativa; síntese dos resultados conseguidos no âmbito dos programas de pós-graduação por meio das áreas de concentração, da formação do corpo-docente pesquisador, do financiamento das pesquisas, das associações e do foco e escopo dos periódicos científicos; os resultados, que apontam para programas disciplinares que promovem construções disciplinares identificadoras, pautadas no objeto de estudo da área, a *informação;* além de dificuldades e sugestões de pesquisa.

2 A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO NO CAMPO CIENTÍFICO

A Ciência da Informação é um campo em ascensão e emergiu da convergência de diversas áreas do conhecimento. É, portanto, um campo caracterizado por um domínio de produção multidisciplinar que condiciona a constituição de novos objetos do conhecimento, a partir de diferentes relações interdisciplinares. Trata-se de uma área relativamente nova, porém, os primeiros esforços e estudos na área tiveram início em 1802, quando as primeiras ações terminológicas foram identificadas. Segundo Alvares e Araújo Júnior (2010), a terminologia para esta disciplina variou muito como se pode observar na *time-line*, construída para melhor delinear a cronologia dos termos fundantes da Ciência da Informação.

Ilustração 1 – Terminologia da área da Ciência da Informação



Fonte: Alvares e Araújo Júnior (2010).

O primeiro registro que se tem datado se refere ao termo *Bibliografia* em 1802. Posteriormente, registra-se *Librarianship*, 1881, seguido por *Library Science* em 1851, quando se designa um termo para os estudos de livros e biblioteca. O termo *Documentation*, cunhado por Paul Otlet, surgiu em 1903 para designar a análise aprofundada do conteúdo documental, e foi traduzido para o inglês só em 1908, tornando-se a principal referência terminológica na Europa para a área (ALVARES E ARAÚJO JÚNIOR, 2010).

No ano de 1891, foi proposto o termo *Information desk* como alternativa de substituição de *Reference desk*. Na mesma conjuntura, em 1909, para determinar o local onde os serviços de informação eram realizados, cunhou-se o termo *Information bureau.* Em 1932, a *Association of Special Libraries and Information Bureau*, propõe o termo *Information work* para completar o uso dos termos que designavam o trabalho de informação (ALVARES E ARAÚJO JÚNIOR, 2010).

Cunhado por Calvin Mooers, o termo *Information retrieval* só é referenciado em 1951, tornando-se popular imediatamente porque, segundo Ferneda (2012), a recuperação da informação engloba os aspectos intelectuais da descrição da informação e de sua especificação para a busca, bem como qualquer sistema, técnica ou máquina que são utilizadas para realizar a operação. De fato, a Recuperação de Informação denota muitas contribuições para a Ciência da Informação e representa uma condição pertinente para a área até os dias atuais. Pode-se dizer que a Recuperação de Informação e a Ciência da Informação caminharam lado a lado desde o surgimento da área, para resolver diferentes problemas de informação (ALVARES E ARAÚJO JÚNIOR, 2010).

Porém, só no ano de 1960, finalmente a expressão *Information Science* passa a ser utilizado num âmbito maior, abraçando todos estes esforços que começaram em 1802.

Segundo Rabello (2012), a capacidade de organização de associações profissionais e de pesquisa como o *American Documentation Institute*, fundado em 1937 e, atualmente chamado de *American Society for Information Science and Technology* (ASIST), representou, em grande medida, o interesse de os Estados Unidos da América (EUA) em se notabilizar como país investidor e produtor de Ciência e Tecnologia (C&T). Portanto, essas associações

> [...] elegeram e disseminaram o termo *information science* (ciência da informação) como o "porta-voz" de uma promissora ciência, que necessitaria, a partir de então, de reunir esforços intelectuais rumo à sua justificação disciplinar. P. ex., o artigo de Borko (1968), embasado nas ideias de Taylor, expressou bem o intento de se justificar e de delimitar essa disciplina, trazendo, de forma sucinta e genérica, as preocupações teóricas deliberadas nas conferências do Georgia Institute of Technology, realizadas nos EUA, 1961/1962, que seriam orientadoras para as pesquisas e práticas profissionais em informação na relativa separação e interdependência entre a dimensão teórica e a aplicada. (RABELLO, 2012, grifo do autor).

Complementando as ideias de Rabello (2012), quanto ao "intento de se justificar e de delimitar essa disciplina", a Ciência da Informação no campo científico é condicionada pelo interesse e pela capacidade de agregar alguns elementos que são originários de diversas áreas de conhecimento. Por outro lado, dada a complexidade das temáticas e dos problemas que as envolvem, suas construções teórico-metodológicas expressam dificuldades de integração, uma

vez que se trata de construções originárias de áreas próximas do conhecimento, contudo se caracterizam por possuírem múltiplas teorias. As abordagens adotadas na definição do campo da Ciência da Informação partem das relações interdisciplinares presentes e da tentativa de definição de "informação" como seu objeto de estudo (SOUZA, 2015).

Por ter surgido sob essa perspectiva interdisciplinar, Kobashi, Smit e Tálamo (2001, p.1) assinalam uma situação crítica ao destacar que "a Ciência da Informação é um campo científico em constituição que não apresenta consenso quanto ao seu objeto de estudo, delimitação ou método". Essas características constatadas pelos autores são resultados da das condições de sua origem e de seu desenvolvimento.

Ainda na década de 60, mais precisamente nos anos de 1961 e 1962, período em que ocorreram as conferências de *Georgia Institute of Technology*, houve as primeiras tentativas de especificar o campo científico e profissional da Ciência da Informação. No mesmo período, a aplicabilidade das Tecnologias de Informação e Comunicação e seu desenvolvimento adicionam uma nova vertente a esse campo de estudo (SOUZA, 2015).

Na década seguinte, a história do campo foi marcada pelo debate em torno da melhor especificação do seu domínio epistemológico. Em Goffman (1970) e Wersig e Neveling (1975), por exemplo, pode-se observar essa preocupação com a definição do domínio epistemológico como necessidade para o processo de evolução da área. Segundo Shera e Cleveland (1977, p. 264, tradução nossa), "o consenso parece ser que, para a Ciência da Informação ser aceita como uma disciplina acadêmica, então ela deve encontrar uma base teórica sólida e, claramente, tal fundamento deve ser estruturado em torno de algumas noções consistentes de informação".

Nos períodos posteriores, continuaram as tentativas de estabelecer uma definição para a Ciência da Informação. Nos anos 90, Wersig (1993) considera necessário que sejam adotadas abordagens alternativas visto que há tradições de pesquisa na área que não circunscrevem nas tradições da Biblioteconomia e Recuperação da Informação. Neste contexto, a Ciência da Informação é caracterizada pela necessidade de resolver e buscar estratégias para lidar com estes problemas. Sobre isso Wersig (1993, p. 235, tradução nossa) escreve:

> Nosso principal problema seria que nosso campo de estudo tem sido objeto de muitas disciplinas fragmentadas e, portanto, temos que lidar com todos esses itens fragmentados de uma natureza empírica ou teórica. A necessidade básica é conseguir uma visão integradora do campo.

Pinheiro e Loureiro (1995) também destacaram a fragilidade teórico-conceitual da Ciência da Informação em consequência da ausência de um corpo teórico definido que delineasse seu campo de atuação. Dez anos depois, Oliveira (2005, p.15) deixa claro esse diagnóstico afirmando que

> a ciência da informação é um campo científico recente, e, portanto ainda em construção. Cada disciplina científica possui conceitos e teorias consistentes, reconhecidas e partilhadas por sua comunidade. Com cerca de 30 anos de existência, a Ciência da Informação não conta, ainda com uma construção teórica que integre todos os seus conceitos e práticas. Por isso, opera baseando-se em construções teóricas mais ou menos fragmentadas (OLIVEIRA, 2005, p.15).

Sendo um campo em construção, a Ciência da Informação necessita de revisões constantes dos seus fundamentos. Esta vem procurando estabelecer sua autonomia a partir das relações e somas com outros campos do conhecimento ou disciplinas em diferentes perspectivas interdisciplinares.

Muitos cientistas discordam do conceito de interdisciplinaridade, principalmente, como ele é situado, normalmente, no rol das ciências. De acordo com Paviani (2008), nas instituições de ensino e de pesquisa, são realizadas muitas práticas identificadas como interdisciplinares, mas nem sempre essas práticas são efetivamente interdisciplinares. Em vista disso, estas vivências precisam ser descritas, analisadas e interpretadas, dado que estão dispersas e possuem níveis e graus diferentes, sendo que nestes últimos se encontram as diferenças entre a verdadeira da falsa interdisciplinaridade.

Em virtude dos problemas tratados em torno do seu objeto de estudo, a Ciência da Informação é um campo científico em que as práticas interdisciplinares estão muito presentes. Segundo Saracevic (1996), a Ciência da Informação é por natureza interdisciplinar, surgiu no berço da revolução científica e, portanto, está seguindo os mesmos passos evolutivos de outros campos.

> Se, de um lado, a interdisciplinaridade pode significar uma estratégia de flexibilização e integração das disciplinas, nos domínios do ensino e da produção de conhecimentos novos da pesquisa, de outro lado, ela pode tornar-se um mal entendido, especialmente quando é assumida como uma meta ou solução absoluta e autônoma, anulando totalmente a existência das disciplinas. Na realidade, a verdadeira interdisciplinaridade é uma defesa das disciplinas e não sua eliminação. Ela pode oferecer a compreensão, o limite e a função exata e adequada das disciplinas. (PAVIANI, 2008, p. 8)

Pode-se observar que a interdisciplinaridade não depende apenas de intenções, propostas flexíveis e/ou identificação com o objeto de estudo, mas de condições científicas institucionais e políticas. Portanto, para o autor, ela não depende de uma intencionalidade e

não precisa, necessariamente, ser assumida como uma meta. Com efeito, ela foi e continua sendo condicionada na Ciência da Informação a partir da variedade da formação das pessoas que se ocuparam de resolver os problemas pertinentes da área, tais como compreensão da informação e comunicação, bem como suas manifestações; o comportamento informativo humano; a recuperação da informação; ajustes tecnológicos (digitais, informacionais, intelectuais). Esses problemas descritos e tantos outros não podem ser resolvidos no âmbito de uma única disciplina. Objetos de investigação marcados pela complexidade exigem enfoques interdisciplinares.

Por outro lado, ninguém cria uma disciplina. Segundo Lenoir (2004, p. 80) estas "são instituições políticas que demarcam áreas do território acadêmico, alocam privilégios e responsabilidades especializadas e estruturam reivindicações de recursos." Além disso, as disciplinas "desempenham a função essencial de sistematizar e regular o fluxo de práticas sociais e técnicas no âmago da produção do conhecimento central ao sistema socioeconômico e ao sistema das relações de poder" (LENOIR, 2004, p. 80). A Ciência da Informação tem seguido o mesmo passo evolutivo de muitos outros campos interdisciplinares que tiveram sua origem no bojo da revolução científica e técnica que acompanhou a Segunda Guerra Mundial. Segundo Souza (2011), ela ainda não possui um estatuto disciplinar consistente, que possua fundamentos teórico-metodológicos próprios, caracterizando e identificando-a como campo científico autônomo. Deste modo, faz-se necessário compreender a sua natureza disciplinar, o que compõem os processos de implantação e institucionalização do seu campo científico e os objetos de estudo presentes nos programas de pesquisa e programas disciplinares por intermédio de evidências presentes na produção científica da área.

Sabendo que a ciência como um todo vivencia um processo de transição entre distintos paradigmas, modernidade e contemporaneidade, conforme sugere a literatura, e, sendo difícil precisar os elementos que compõem a formação de um paradigma, Kuhn (2006) sustenta que esta explicitação nunca pode ser completa. Desta maneira, o conhecimento de um paradigma é em parte tácito só podendo ser adquirido pela exposição direta ao modo de fazer ciência determinado por este paradigma. Nessa perspectiva, é necessário que a Ciência da Informação busque sua constituição e identidade paradigmática para se estabelecer, de fato, como ciência.

Kuhn (2006) adota abordagem da História da Ciência e da Filosofia da Ciência centrando em questões conceituais pautadas nos tipos de ideias que são concebíveis em um dado momento, nos tipos de estratégias e opções intelectuais disponíveis às pessoas durante certo período, assim como na importância de não atribuir modelos de pensamento modernos a autores históricos. A partir desta posição, argumenta que a evolução da teoria científica não

provém da mera acumulação de determinada realizações, senão de um grupo de circunstâncias e possibilidades intelectuais sujeitas a mudanças.

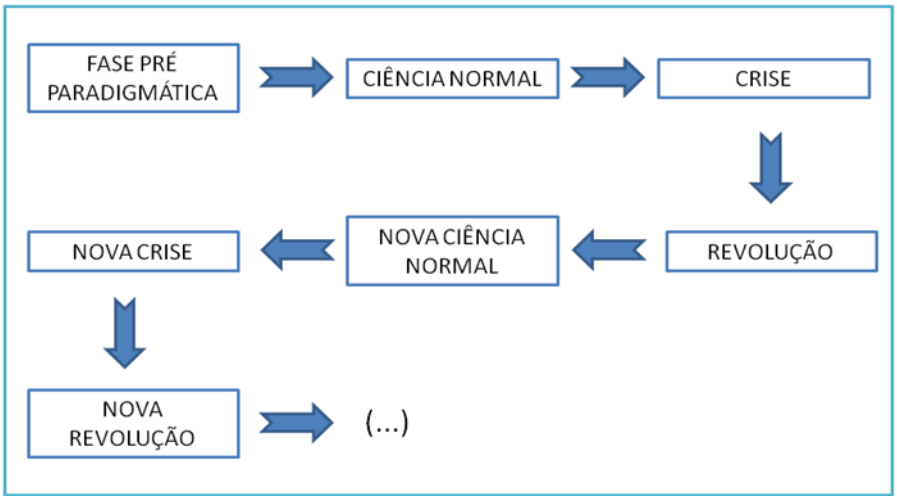
2.1 Concepções Paradigmáticas e Condições para Ciência da Informação

A primeira menção de paradigma foi retirada ainda do prefácio do livro A Estrutura das Revoluções Científicas, e, propõe paradigmas como "realizações científicas" que se encontra em estágio consensual na comunidade científica. Assim,

> [...] Considero "paradigmas" as realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência (KUHN, 2006, p. 13).

Aqui, o autor refere-se a paradigmas como um modelo reconhecido universalmente por membros de uma determinada comunidade científica para resolver problemas que permeiam suas atividades científicas. Kuhn (2006) afirma ainda que o paradigma se compõe como um cabeamento de compromissos conceituais, teóricos, metodológicas e instrumentais compartilhados. É ele que faz com que um cientista seja membro de uma determinada comunidade cientifica, uma vez que lhes são ensinados os esquemas conceituais de sua atividade. E é justamente essa educação transmitida profissionalmente que irá lhe permitir internalizar esses pressupostos e compartilhá-los em sua prática profissional.

Ilustração 2 – Estrutura das revoluções científicas



Fonte: da Pesquisa, 2017.

Thomas Kuhn foi físico por formação e suas ideias se desenvolveram utilizando essa ciência como base de explicação, mas ele procurou identificar os passos da evolução das

diversas ciências. Com efeito, o modelo por ele criado pode ser aplicado às ciências como um todo. A concepção kuhniana de ciência consiste na tese de que o desenvolvimento de uma disciplina científica se dá ao longo de uma estrutura aberta, conforme ilustração 2

Na fase pré-paradigmática, encontra-se a "pré-história" de uma ciência. É aqui onde há ampla divergência entre os pesquisadores e/ou grupo de pesquisadores, bem como o desenvolvimento de diferentes teorias, técnicas, instrumentos utilizados, etc.

> O período pré-paradigmático, em particular, é regularmente marcado por debates freqüentes e profundos a respeito de métodos, problemas e padrões de solução legítimos – embora esses debates sirvam mais para definir escolas do que para produzir um acordo (KUHN, 2006, p. 72).

Nesta fase a disciplina ainda não alcançou o status "científico" e só alcançará quando adquirir de fato um paradigma que abarque todas as suas discrepâncias e divergências, que resolva os "quebra-cabeças" que porventura surgiram na fase pré-paradigmática.

Nas ciências naturais, em geral, os quebra-cabeças podem ser oferecidos pela Natureza. Podendo ocorrer que algum destes se mostrem sem ou de difícil solução ao longo da expeculação de um paradigma. Portanto, é dever do cientista insistir no emprego dos princípios e regras paradigmáticos fundamentais o máximo que puder. Torna-se imprescindível, inclusive, o uso de analogia, não pondendo, por exemplo, cortar um canto de uma peça do quebra-cabeça para que esta possa se encaixar em uma determinada posição.

Por outro lado, mesmo que no caso da ciência esse apego ao paradigma seja essencial, como mencionado por Kuhn (2006), ele não pode ser levado ao extremo. E, quando quebra-cabeças sem solução se multiplicam, se estabelece um estado crítico denominado de "anomalias". Além disso, se estes resistem por longos períodos aos melhores e maiores esforços dos cientistas, e incidem direta ou indiretamente sobre áreas vitais da teoria paradigmática, é chegado o tempo de considerar a substituição do próprio paradigma.

Este paradigma deve ser composto por uma ontologia, para que esta indique o tipo de coisa fundamental que constitui a realidade. Deve possuir princípios teóricos fundamentais para que possam ser explicadas as leis gerais que regem o comportamento destas coisas, possuir princípios teóricos auxiliares que estabeleçam sua conexão com os fenômenos e as ligações com as teorias de domínios conexos, regras metodológicas, padrões e valores que direcionam a articulação futura do paradigma e, por último, apresentar exemplos concretos de aplicação da teoria para que estes sirvam como modelo para resolver os "quebra-cabeças" mencionados anteriormente (KUHN, 2006).

Sendo assim, um paradigma deve fornecer fundamentos para a comunidade científica desenvolver suas atividades, uma espécie de "mapa". Com efeito, as pesquisas assentadas firmemente nas teorias, métodos e exemplos de um paradigma constituem a Ciência Normal.

> A ciência normal, atividade na qual a maioria dos cientistas emprega inevitavelmente quase todo o seu tempo, é baseada no pressuposto de que a comunidade científica sabe como é o mundo. Grande parte do sucesso do empreendimento deriva da disposição da comunidade para defender esse pressuposto [...], a ciência normal freqüentemente suprime novidades fundamentais, porque estas subvertem necessariamente seus compromissos básicos. (KUHN, 2006, p. 24).

Aqui ocorre a observação mais precisa dos fenômenos, o aperfeiçoamento e o ajuste de teorias ulteriores. De posse deste corpo de princípios teóricos (re)ajustado, o cientista não precisa estar justificando o uso de seus conceitos, na medida em que "a pesquisa científica normal está dirigida para a articulação daqueles fenômenos e teorias já fornecidos pelo paradigma" (KUHN, 2006, p. 45). Enquanto a "estrutura paradigmática" estiver se mostrando operante e não surgirem empecilhos sérios no ajuste empírico da teoria, o cientista deve insistir perseverantemente no seu compromisso com o paradigma.

> A existência dessa sólida rede de compromissos ou adesões – conceituais, teóricas, metodológicas e instrumentais – é uma das fontes principais da metáfora que relaciona a ciência normal à resolução de quebra-cabeças. Esses compromissos proporcionam ao praticante de uma especialidade amadurecida regras que lhe revelam a natureza do mundo e de sua ciência, permitindo-lhe assim concentrar-se com segurança nos problemas esotéricos definidos por tais regras e pelos conhecimentos existentes (KUHN, 2006, p. 66).

Em contra partida, quando surgem "anomalias" sobre a teoria paradigmática é hora de considerar a substituição do próprio paradigma que não se dá num processo cumulativo, mas num processo de "crise" em que os membros mais ousados e criativos da comunidade científica propõem alternativas de novos paradigmas.

> A transição de um paradigma em crise para um novo, do qual pode surgir uma nova tradição de ciência normal, está longe de ser um processo cumulativo obtido através de uma articulação do velho paradigma. É antes uma reconstrução da área de estudos a partir de novos princípios, reconstrução que altera algumas das generalizações teóricas mais elementares do paradigma, bem como muitos de seus métodos e aplicações. (KUHN, 2006, p. 116).

Com o passar do tempo, novas anomalias se juntam às existentes no início, tornando o paradigma insustentável e, diante deste acúmulo de anomalias, o paradigma perde sua credibilidade, surgindo, então, o que Kuhn (2006) denomina de ciência extraordinária.

Partindo desses entendimentos, é possível desenvolver uma série de questionamentos acerca das condições da Ciência da Informação bem como seu desenvolvimento no campo

científico. Antes de tudo, é preciso estabelecer a noção entre estas três diferentes ciências. A primeira, também chamada de proto-ciência, é "aquela que não possui um conjunto de idéias fundamentais que seja hegemônico, isto é, com o qual a maioria dos praticantes daquela área de estudo esteja de acordo e efetivamente use esse conjunto no desenvolvimento de seus trabalhos" (EUGÊNIO; FRANÇA; PEREZ, 1996, p. 31).

A segunda, por sua vez, é uma "[...] atividade na qual a maioria dos cientistas emprega inevitavelmente quase todo seu tempo" (KUHN, 2006, p. 24), ou seja, é nela onde se encontram todas as pesquisas que estão baseadas em conquistas feitas no passado, reconhecidas pela comunidade científica de uma área particular que atraem um grande número de outros cientistas dispostos a problematizar e resolver toda espécie de problemas a partir dela. É nesse domínio onde ocorre o surgimento de um paradigma, um ambiente menos conflituoso entre os membros de uma comunidade científica, uma vez que estes se utilizam do paradigma para o desenvolvimento dos trabalhos na área que comprovem o mesmo. Aqui todos se comprometem com as "regras" e os "padrões" estabelecidos pela prática científica.

Num dado momento, o paradigma existente se torna insustentável devido ao aparecimento de quebra-cabeças sem resolutividade. A partir daí, os cientistas da área buscam explicações fora do paradigma estabelecido e instauram-se várias características do período de ciência imatura. Inicialmente, uma zona de conflito é facilmente percebida gerando assim surgimento de anomalias que ao se acumularem fazem o paradigma perder credibilidade. Assim surgem correntes com ideias divergentes e ressurgem novas disputas que se sobrepõem a essas ideias. Essa situação pode ser caracterizada como uma crise, condicionando, desta maneira, a emergência de um novo paradigma.

No momento em que o paradigma realmente torna-se insuficiente para submeter as anomalias à teoria, ocorre o que Kuhn (2006) denomina de ciência extraordinária ou revolucionária, que nada mais é do que a emergência de um novo paradigma.

Após as concepções de ciência propostas por Kuhn (2006) serem observadas, pode-se considerar que,

> O termo ciência está reservado, em sua grande maioria, para aquelas áreas que progridem de uma maneira óbvia. Mais do que outro lugar, nota-se isso claramente nos debates recorrentes sobre a cientificidade de uma ou outra ciência social contemporânea. Tais debates apresentam paralelos com os períodos pré-paradigmáticos em áreas que atualmente são rotuladas de científicas sem hesitação. (KUHN, 2006, p. 202).

É forçoso considerar que, não obstante as críticas a ela direcionadas, esta proposta de Kuhn (2006) se apresenta como referência para analisar campos de estudo específicos, não

excluindo aquelas que emergem contemporaneamente. Nessa perspectiva, Nehmy et al. (1996) compreendem que a Ciência da Informação é, em seu projeto, uma disciplina emergente, por isso não pode ser classificada como ciência madura, tal como caracterizada por Kuhn (2006).

No posfácio à sua obra, escrito em 1969, Kuhn (2006) sintetiza os significados distintos para o conceito de paradigma em três níveis, em relação à ciência madura que reflete a natureza disciplinar dos grupos que a produzem. Segundo Eugênio, França e Perez (1996), no nível mais geral, tem-se o *paradigma metafísico*, que é constituído pelos pressupostos inquestionados na ciência como um todo, ou nos seus principais ramos. No nível intermediário, tem-se o *paradigma sociológico* ou *matriz disciplinar***,** constituído pelos compromissos compartilhados por uma comunidade científica especializada reunida no *colégio invisível*. Trata-se de uma subcultura integrada pelos praticantes de uma dada disciplina da ciência. Nesse nível, a atividade científica é vista como o conhecimento técnico e o instrumental de pesquisa em determinado campo (PRICE, 1963). No nível mais avançado, tem-se o *paradigma conceitual* ou *exemplar*, formado por soluções-modelo de problemas concretos que direcionam os iniciantes sobre a resolução de quebra-cabeças científicos.

No livro intitulado *Introdução a uma ciência pós-moderna*, Boaventura Sousa Santos pondera a questão de ruptura de paradigma. Levando em consideração o pensamento kuhniano, ele questiona se a crise atual da ciência relacionada à ruptura de paradigma pode ser considerada crise de crescimento:

> Têm lugar ao nível da matriz disciplinar de um ramo da ciência, isto é, revelam-se na insatisfação perante métodos ou conceitos básicos até então usados sem qualquer contestação na disciplina, insatisfação que, aliás, decorre da existência, ainda que por vezes apenas pressentida, de alternativas viáveis [...] a reflexão epistemológica é a consciência da pujança da disciplina em mutação e, por isso, é enviesada no sentido de afirmar e dramatizar a autonomia do conhecimento científico em relação às demais formas e práticas do conhecimento (SANTOS 1989, p.17-18).

Kuhn (2006, p. 228), por seu turno, justifica a escolha do termo "disciplinar" porque se refere a uma posse comum dos praticantes de uma disciplina particular, "'matriz' porque é composta de elementos ordenados de várias espécies, cada um deles exigindo uma determinação mais pormenorizada" (KUHN, 2006, p. 228-229). A "matriz disciplinar" é uma espécie de patrimônio ou repertório de recursos partilhados por todos os praticantes de um determinado campo disciplinar e se constitui de alguns tipos de componentes, dentre os quais se destacam as "generalizações simbólicas", as crenças, os valores e os exemplares. Merece esclarecer que as generalizações são postulados ou expressões empregados pelos praticantes

do campo sem discussão ou dissensão, e os exemplares, modelos que instruem os aprendizes de uma ciência.

Por outro lado, há as *crises de degenerescência* que correspondem às crises do paradigma e compreendem todas as disciplinas, ainda que de forma desigual. Trata-se de uma crise mais profunda, uma vez que tem como fundamento o questionamento da própria inteligibilidade do real proporcionada por um paradigma; não concerne, portanto, ao questionamento de métodos e conceitos adotados. (SANTOS, 1989).

É difícil determinar onde um dado período histórico da ciência se localiza. Porém, essa pesquisa situa-se no entorno do *paradigma sociológico* ou *matriz disciplinar*. Visto que a mesma aborda questões relacionadas à conformação do campo epistemológico da Ciência da Informação no Brasil sob a ótica dos programas disciplinares.

As discussões acerca de construções paradigmáticas na Ciência da Informação requerem a compreensão de que a disposição sistemática de uma ciência também implica em consistência interna. Com efeito, numa ciência relativamente desenvolvida, teorias, leis, técnicas e métodos são inter-relacionados, legitimadores, que se evidenciam e se apóiam mutuamente ou, ao menos, não se contradizem nem se invalidam.

Mesmo que uma consistência completa e final nunca possa ser atingida, é possível compreender que uma ciência imatura é basicamente caracterizada por incessantes discordâncias internas de teorias, princípios, fundamentos e até métodos. Deste modo, um estudo realizado por Eugenio, França e Perez (1996) aborda a Ciência da Informação como tal e aponta para que esta seja visualizada sob um novo prisma:

> considerando o modelo de evolução da ciência segundo Kuhn podemos concluir que a ciência da informação ainda se comporta como uma *ciência imatura* em busca de um paradigma que dê sustentação e abra os horizontes para o estudo e pesquisa nesta área. Pensemos então a ciência da informação sob um novo prisma: a conjugação e a articulação entre ciência e tecnologia. (EUGENIO; FRANÇA; PEREZ, 1996, p. 34, grifo nosso).

Sob a ótica dos autores, a Ciência da Informação deve ser pensada numa nova perspectiva harmônica e articulada entre a ciência e a tecnologia, mesmo que esta última evolua, aparentemente, de forma independente, pois a "tecnologia não aceita novos desafios evolucionários sem a apropriação de todos os conhecimentos científicos disponíveis" (EUGENIO; FRANÇA; PEREZ, 1996, p. 34).

Mendonça (2000) concorda que a Ciência da Informação é uma ciência imatura e seguindo a mesma ótica**,** observa que:

> [...] o campo de construção teórica da ciência da informação, que está situado entre o tecnológico e o humano, pois atualmente os avanços tecnológicos afetam o conceito e o uso da informação, que por sua vez afetam a própria estruturação do conhecimento.
> Alguns teóricos da área da informação não reconhecem esta dependência, e isto se deve ao fato de a ciência da informação ser uma ciência relativamente *nova e imatura*, à qual falta consenso, segundo o modelo de evolução da ciência formulado por Kuhn. (MENDONÇA, 2000, grifo nosso).

Pode-se observar que os autores mencionados consideram a Ciência da Informação como ciência imatura, por outro lado, sabe-se que tanto as várias ciências quanto seus vários ramos são bastante instáveis, havendo dentro de cada campo científico coerência e harmonia bem como discrepâncias e dissensões. Visto por este lado, devido à estrutura inconstante e variável das ciências, é difícil uma total conformação paradigmática.

Nehmy et al. (1996) asseguram também que, partindo do quadro conceitual de Kuhn (2006), as ciências sociais não podem ser consideradas maduras, e sustentam que as disciplinas sociais estariam num período pré-paradigmático em direção à ciência normal, devendo ser investigadas as hipóteses que sugerem que estas disciplinas possam se constituir em campos de estudo não paradigmáticos, fugindo, portanto, à rota da ciência normal.

> Embora KUHN, no Posfácio de 1969, onde faz um ajuste de posição com seus críticos, admita que uma disciplina que não tenha uma matriz disciplinar possa possuir paradigmas de natureza diversa, mantém-se a idéia de um caminho normal ou natural para a trajetória disciplinar rumo à ciência. Acatar tal trajetória para as disciplinas das ciências sociais significa colocá-las definitivamente num lugar pré-paradigmático, já que o estágio de crise, quando também há posições divergentes, não pode ser aplicado a disciplinas que não passaram por um primeiro paradigma que as tivesse direcionado para uma evolução similar àquela ocorrida nas ciências naturais (NEHMY et. al. 1996, p. 14).

Por outro lado, Capurro (2003) também traz contribuições nesse âmbito para a área, quando defende a existência de três paradigmas diferentes que não se excluem nem se extinguem no processo histórico da Ciência da Informação, a saber, paradigma físico, paradigma cognitivo e paradigma social. Estes paradigmas são pautados em posturas teórico-metodológicas também distintas possuindo, portanto, uma epistemologia plural.

Para o autor, a Ciência da Informação nasce na metade do século XX orientada por um paradigma físico, que logo é questionado e, pelo menos, parcialmente substituído.

> Minha tese é que a ciência da informação nasce em meados do século XX com um paradigma físico, questionado por um enfoque cognitivo idealista e individualista, sendo este por sua vez substituído por um paradigma pragmático e social ou, para tomar um famoso conceito cunhado por Jesse Shera e sua colaboradora Margaret Egan em meados do século passado (Shera 1961, 1970) e analisado em profundidade por Alvin Goldman (2001), por uma "epistemologia social" ("social epistemology"), mas agora de corte tecnológico digital. (CAPURRO, 2003, grifo do autor).

Iniciando-se como teoria de recuperação da informação, a Ciência da Informação estaria fundamentada numa epistemologia fisicista. Para compreendê-la Capurro (2003) apresenta a teoria de Claude Elwood Shannon e Warren Weaver como ponto de partida, e a noção de "informação-como-coisa", como algo tangível, de Michael Buckland.

A natureza do paradigma físico postula que há algo, um objeto físico, que um emissor transmite a um receptor. É importante esclarecer que, segundo Capurro (2003), Shannon não denomina esse objeto como informação e sim como mensagem, mais precisamente como signos que, por sua vez, deveriam ter uma única interpretação sem interrupções. Tomada como modelo na Ciência da Informação, essa teoria implica "numa analogia entre a veiculação física de um sinal e a transmissão de uma mensagem, cujos aspectos semânticos e pragmáticos intimamente relacionados ao uso diário do termo informação são explicitamente descartados" (CAPURRO, 2003).

Sendo assim, é possível observar que, no campo da Ciência da Informação, esse paradigma exclui o papel ativo do sujeito cognoscente ou do usuário, no processo de recuperação da informação, em particular, bem como em todo processo informativo e comunicativo no geral. O paradigma físico ganha força e tem fundamento em atividades clássicas de Bibliotecários e Documentalistas, que consideram os objetos bibliográficos e documentais como algo tangível.

Contrapondo ao paradigma físico, surge o paradigma cognitivo representado por Bertram Claude Brookes, Nicholas Belkin, Pertti Vakkari e Peter Ingwersen, dentre outros. Este paradigma é pautado no usuário como ser cognoscente, porém, o usuário é reconhecido apenas na sua condição psicológica, sendo desvinculado da situação em que se encontra e do contexto social, em sentido amplo.

> Os limites do paradigma cognitivo se apóiam precisamente na metáfora, ou *pars pro toto*, de considerar a informação, ou como algo separado do usuário localizado em um mundo numênico, ou de ver o usuário, se não exclusivamente como sujeito cognoscente, em primeiro lugar como tal, deixando de lado os condicionamentos sociais e materiais do existir humano (CAPURRO, 2003, grifo do autor).

Esse período, à luz do paradigma cognitivo, é marcado pela tentativa de desenvolvimento de sistemas de informação, métodos e técnicas de tratamento de informação que remetem fortemente à funcionalidade do aparelho cognitivo do indivíduo.

Por fim, o paradigma social que possui suas origens na obra de Jesse Shera, podendo ser representado atualmente pelas teorias de Bernd Frohmann, Birger Hjorland, Soren Brier e do próprio Capurro. Este paradigma deixa de dar ênfase aos sistemas e às leituras estruturais e passa a enfatizar os atores sociais e suas ações de comunicação e informação. Para Oliveira

(2014, p. 71), “No paradigma social, o avanço fundamental ocorre em relação ao objeto de investigação da CI, que é ampliado para o estudo das relações entre os discursos, áreas do conhecimento e documentos em relação ao acesso de distintas comunidades de sujeitos”.

Em Nehmy et.al. (1996), seguindo um olhar contrário a Capurro (2003), a leitura da visão do desenvolvimento da ciência segundo a ótica kuhniana, indica a Ciência da Informação como uma ciência carente de amadurecimento, ou seja, carente de paradigmas**.** Para Eugênio, França e Perez, (1996, p. 34), “Não há na CI algo que Kuhn chama de paradigma, alguma idéia que seja consensual, hegemônica [...]. Nota-se já uma busca por uma fundamentação teórica forte que sustente a CI, mas que ainda não existe de modo bem definido”.

Deste modo, os autores imaginam a área, assim como Nehmy et al. (1996), como uma ciência aprendiz**,** imatura, no vocabulário kuhniano, “em busca de um paradigma que dê sustentação e abra horizontes para o estudo e a pesquisa” (EUGÊNIO; FRANÇA; PEREZ, 1996, p.34). Eles também defendem que, no centro da ciência social aplicada que é a Ciência da Informação, os pesquisadores, além de afirmar o paradigma vigente – que ainda estaria por se definir – precisavam fundamentar a teoria consensual com um resultado prático.

Sob esta mesma ótica, Lenzi e Brambila (2006) indicam que, sendo a Ciência da Informação uma ciência jovem, há na área uma grande escala de discordâncias, que inviabiliza a constituição de um paradigma. A disciplina, dentro da ótica kuhniana, também se configuraria como imatura.

Saldanha (2008, p.74) aponta que

> A questão de ser ou não ser ciência é tema corrente dentro da epistemologia geral, e aparece como o sintoma de uma patologia. A CI talvez traga em seu corpo de fundamentação e justificação social o vírus dessa doença – e esse ataca de tempos em tempos. As próprias justificações a) de alteração do seu nome de suas instituições de pesquisa e b) de existência a partir da interdisciplinaridade, e não de sua especificidade, são evidências dessa angústia inaugural.

O fato de a Ciência da Informação ser ou não uma ciência, como aborda Kuhn (2006), pode ser visto como sintoma de uma patologia, tornando isto uma angustia incipiente.

Observou-se, no decorrer desta pesquisa, a dificuldade de constituição de um paradigma hegemônico, na área da Ciência da Informação. Em consonância a isso, notou-se que a área precisa constantemente lutar para explicar a sua identidade disciplinar, isto pode ser observado nas leituras feitas e nos autores citados, havendo na área um grande número de discordâncias que dificultam a constituição de um paradigma, se esta fosse a questão a ser perseguida. Portanto, é normal o surgimento de correntes de grupos de cientistas que disputam entre si, querendo impor suas idéias aos demais membros da área. Desta forma,

segundo Eugênio, França e Perez (1996), não existe um paradigma aceito pela maioria e o ramo de estudos se configura como uma ciência imatura ou proto-ciência.

Deste modo, mesmo enxergando um pouco de pessimismo na pesquisa de Saldanha (2008), quando aponta a existência de um vírus na Ciência da Informação que ataca de tempos em tempos, indagando-a sobre “ser ou não ser ciência” e suas justificações quanto à alteração do seu nome e de suas instituições de pesquisa, bem como quanto à existência da área ter se dado a partir da interdisciplinaridade, e não de sua especificidade, promovendo uma espécie de angustia, faz-se necessário entender as perspectivas disciplinares em torno de sua origem e desenvolvimento para que se possam evidenciar os programas disciplinares que fazem parte do escopo da Ciência da Informação no Brasil. Quiçá essa angústia possa ser, pelo menos, suavizada.

3 PERSPECTIVAS DISCIPLINARES DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

A Ciência da Informação apresenta diversas perspectivas disciplinares em torno de sua origem e de seu desenvolvimento. Nesse universo, pelo menos, três destas merecem enfoque, a saber, a Biblioteconomia de Jesse H. Shera (1903-1982), a Documentação de Paul Otlet (1868-1944) e a Recuperação da Informação de Vannevar Bush (1890-1974).

Cronologicamente, a Ciência da Informação se encontra na história da Biblioteconomia, apresentando-se como campo de onde emergem a Bibliografia, e, posteriormente, a Documentação (ORTEGA, 2002). Mas é necessário destacar que a Biblioteconomia defendida como origem da Ciência da Informação por Shera corresponde à vertente da Biblioteconomia Especializada norte-americana, que se aproxima das questões relacionadas à Documentação em detrimento da tradicional e secular Biblioteconomia.

Segundo Miska (1992), a Biblioteconomia é entendida como área que se dedica ao estudo e desenvolvimento de práticas profissionais de planejamento, tratamento, organização e disponibilização de acervos para uma comunidade usuária previamente estabelecida. Nesse sentido, há uma relação de suas práticas e serviços à instituição bibliotecária, entretanto, a Biblioteconomia vem passando por um processo de modernização que estende sua atuação para outros setores da sociedade, tendo em vista que amplia o conceito de acesso aos itens bibliográficos e documentais para o acesso à informação. Nesse contexto, a Ciência da Informação apresenta-se como espaço destinado ao aprofundamento e à atualização de estudos e práticas bibliotecárias, que, inclusive, têm sido desenvolvidos pelos próprios Bibliotecários, que realizam estudos e pesquisas na área da Ciência da Informação.

No final do século XIX e início do século XX, a Biblioteconomia dedicou-se ao projeto de biblioteca pública moderna, focada na promoção do acesso universal aos registros do conhecimento centrada numa política de desenvolvimento sociocultural.

> Há, ao mesmo tempo, a presença da questão pública e social, e o vínculo com o mundo erudito próprio da Biblioteconomia clássica. Essa abertura promovida pelo movimento de publicização da biblioteca foi ampliada pelo crescimento dos periódicos, que fez a Biblioteconomia se aproximar das atividades documentais. No período entre as décadas de 1930 e 1960, a área teve como referência a Escola de Biblioteconomia da Universidade de Chicago. (SOUZA, 2011, p. 122-123).

Nesse sentido, com a aproximação da Biblioteconomia a atividades documentais, serviços inerentes a bibliotecários e bibliógrafos foram aos poucos sendo assumidos pelo crescente número de documentalistas, que buscavam dedicar-se à análise aprofundada dos conteúdos daquelas publicações para realizar os seus respectivos tratamento e organização.

Segundo Shera (1980), ocorreram duas rupturas nos EUA. A primeira se deu entre bibliotecários que abandonaram a *American Library Association* (ALA) para fundar a *Special Libraries Association* (SLA), um novo campo de atuação bibliotecária denominado de Biblioteconomia Especializada. A segunda ruptura entre bibliotecários se deu pouco depois de 1930 com a criação do *American Documentation Institute* (ADI), que se tratava de uma organização composta por representantes de diversas sociedades eruditas norte-americanas e tinha como objetivo o desenvolvimento e fomento de meios auxiliares científicos na realização de atividades bibliográficas.

Pelo fato de a Biblioteconomia se dedicar às bibliotecas públicas começou a tensionar sua discussão em relação à recuperação automática da informação, em decorrência do aprofundamento das análises dos conteúdos, em que também se faziam presentes os membros da então Biblioteconomia Especializada. Portanto, devido ao deslocamento da discussão entre Biblioteconomia e Documentação para Biblioteconomia e Ciência da Informação, a palavra documentação foi perdendo seu sentido nos EUA, conforme apontara Shera (1980) que procura discutir a relação entre a Biblioteconomia e a Ciência da Informação a partir das categorias de profissionais sugeridas pela Conferência sobre especialistas em Ciência da Informação realizada em 1962 no *Georgia Institute of Tecnology* e da prática profissional.

De acordo com os participantes da conferência, expressões como documentação e documentalistas deveriam ser evitadas. Deste modo, segundo Souza (2011), foram sugeridas cinco categorias para designar tais profissionais: os bibliotecários, os bibliotecários especializados, os bibliotecários científicos, os analistas de publicações técnicas e os especialistas em Ciência da Informação, sendo que esta denominação designaria melhor os pesquisadores em detrimento dos técnicos.

López Yepes (1995) destaca ainda que a base do pensamento de Shera (1977) sobre a questão parte da ideia de que a Biblioteconomia geral, a Biblioteconomia especializada e a Documentação são constituintes de uma mesma unidade histórica, denominada organização bibliográfica. Além disso, diz que se pode concluir que a Biblioteca especializada e a Documentação têm uma raiz comum e suas divergências fazem parte de um acidente histórico.

Uma segunda perspectiva de origem e evolução é percebida, notadamente, nos países europeus. Trata-se da perspectiva documentalista, que pode ser compreendida a partir de duas concepções, a europeia e a norte-americana, conforme a origem e o desenvolvimento de cada uma delas. Nesse sentido, Souza (2011) esclarece que a perspectiva europeia provém da evolução das práticas bibliográficas, ao passo que a norte-americana está vinculada à

aplicação das tecnologias no tratamento de informação, mais especificamente, nos processos de microfilmagem. E defende que a vertente mais clássica se encontra na perspectiva europeia, que se diferencia da Biblioteconômica por ter como objeto a análise aprofundada do conteúdo dos documentos.

> A história da Documentação demonstra uma série de contribuições para a constituição do campo de conhecimento que posteriormente chamaria de Ciência da Informação. Primeiro sua preocupação com o problema documental e, posteriormente, com o conjunto de sistemas, fundamentos e técnicas de organização, que se constituem em embriões das TIC (SOUZA, 2011, p.130).

Contrário ao entendimento de Shera (1980), para Otlet e seus seguidores, segundo Rayward (1997), a prática bibliotecária, além de se limitar a alguns tipos de materiais, resistia aos novos métodos e técnicas de tratamento e organização de informação, sobretudo aos métodos de classificação e catalogação. E, no que se referia aos serviços de informação prestados, tinha um enfoque bastante conservador (RAYWARD, 1997). Mas, apesar de diferenciarem-se em alguns pontos, a Documentação tinha de início os mesmos objetivos e trabalhava basicamente com as mesmas técnicas da Biblioteconomia.

A história da Documentação evidencia que houve contribuições significativas para a constituição do campo de conhecimento que posteriormente seria chamado de Ciência da Informação. Rayward (1997) realça a importância da Classificação Decimal Universal (CDU), que proporcionava um sistema de gerenciamento de banco de dados extremamente complexo; e também serviços especiais de informação caracterizados por ele como sistemas hipertexto/hipermídia manuais rudimentares: *Escritórios Internacionais de Documentação para Regiões Polares*; *Caça e Pesca*, e *Aeronáutica*. Bem como a ideia de rede universal para a Documentação pautada na cooperação de uma rede inter-relacionada de bibliotecas, museus, arquivos e escritórios que anteciparia a Internet.

Eram serviços um tanto quanto visionários no âmbito da área da Documentação, mas, mesmo assim, estudiosos de outros domínios compreenderam insuficiência da estrutura tecnológica para a organização, o tratamento, a disponibilização e a recuperação da massa documental e informacional que era crescente.

Por outro lado, os norte-americanos retomaram as ideias que vinham sendo desenvolvidas anteriormente na linha da Documentação, e essas ganharam um novo fôlego juntamente com as ideias da Recuperação da Informação, no pós Segunda Guerra Mundial.

Após meados do século XX, houve um deslocamento dos debates em torno das práticas bibliotecárias e documentárias para atividades mais relacionadas ao planejamento e à organização de modernos sistemas de informação. Neste momento, começa a ser desenhada a

terceira perspectiva de origem e desenvolvimento disciplinar da Ciência da Informação, a perspectiva tecnológica e informacional.

Embora, nas últimas décadas, os problemas da Recuperação da Informação tenham evoluído, esta ainda se debruça em seus problemas iniciais tais como a descrição intelectual da informação; a especificação intelectual da busca; e a identificação e organização de sistemas, técnicas e /ou máquinas a serem empregados. A partir desse entendimento, pode-se dizer que na perspectiva tecnológica e informacional, a origem e a evolução da Ciência da Informação estão diretamente relacionadas à recuperação da informação.

Bush (1945) descreve o contexto, caracterizado pelo aumento exponencial de informações e déficit tecnológico, em que surge a Ciência da Informação:

> A dificuldade parece ser nem tanto aquilo que publicamos indevidamente, dada a amplitude e os interesses atuais, mas que o crescimento das publicações foi além da nossa habilidade de fazer uso eficaz destas. O acúmulo da experiência humana está se expandindo em uma taxa extraordinária, e a forma que adotamos para usar este emaranhado de informações é a mesma usada na época das embarcações de velas quadradas (BUSH, 1945, p.2-3, tradução nossa).

Ainda segundo Bush (1945), o crescimento da massa documental foi além da habilidade humana de utilizá-la eficazmente. Nesse sentido, vários pesquisadores dedicaram-se a desenvolver programas estratégicos para solucionar essa questão inclusive o próprio Bush, autor do projeto *Memory Extender* (*Memex*). O *Memex* seria um equipamento capaz de ampliar a capacidade da memória humana, ele permitiria ao usuário guardar e recuperar documentos interligados por associação, uma ideia prévia do que do que se denomina atualmente de hipertexto, na medida em que seria capaz de fazer links, chamados de rastros associativos, entre os documentos.

Segundo Barreto (2002, p. 3),

> As idéias de Bush provocaram tamanho frisson na época, que foram parar em Londres. Em 1946, um ano após o término da Segunda Guerra, foi realizada em Londres a *Royal Empire Society Scientific Conference*, onde se discutiu muito pouco sobre informação, mas que levou à realização, em 1948, da *Royal Society Scientific Information Conference*. Cerca de 340 cientistas e documentalistas de todo o mundo compareceram a essa Conferência, que durou dez dias úteis. Os seus *Proceedings* (1958) têm 723 páginas, com dois volumes e quatro seções: I – as publicações originais, II – serviços de resumo, III – indexação e outros serviços de Biblioteca, IV – revisões de literatura e relatórios anuais. A publicação dos *proceedings* levou dez anos para sair e foi editada nos Estados Unidos. Os cientistas de quase todas as áreas tinham propostas para resolver os problemas da gestão da informação, mas para não perder o status acadêmico, a nova área foi criada com o nome de: ciência da informação. Os resultados da Conferência, apesar das 723 páginas, ficaram muito perto dos problemas apontados por Vannevar Bush.

Esses problemas da gestão da informação inicialmente estabelecidos acerca da recuperação da informação e suas respectivas propostas de resolução resultaram numa multiplicidade de conceitos teóricos e práticos que promoveram uma amplitude acerca da Recuperação da Informação. Esta seria o principal núcleo da Ciência da Informação (SOUZA, 2015).

A Recuperação da Informação teve influência direta na indústria da informação e se tornou uma das aplicações mais difundidas dos sistemas de informação do mundo todo. Os estudos na área se desenvolveram principalmente no domínio dos problemas de interatividade entre homem e máquina, buscando estabelecer processos automáticos de tratamento e recuperação da informação.

Duas frentes de estudo compõem suas principais subáreas. A primeira, segundo Souza (2015, p. 58), dedicada "à natureza da informação, compreensão da estrutura do conhecimento, aos usuários e ao uso da informação, à interatividade entre os usuário e sistema de informação, e à relevância, utilidade e obsolescência da informação". A segunda, por sua vez, "se atém mais a elaboração de produtos e serviços de informação, tais como bases de dados e *software*, no espaço da indústria da informação" (SOUZA, 2015, p. 58).

Na área também houve dissidências e rupturas. Na divisão entre estudos centrados no sistema e estudos centrados no usuário, aqueles eram vinculados ao *Special Interest Group on Information Retrieval* (SIGIR) da *Association for Computing Machinery* (ACM), estes se organizavam em torno da *American Society for Information Science* (ASIS), atualmente denominada de ASIST. Cada qual com canais de comunicação específicos, tais como conferências e periódicos científicos.

Os avanços e as contribuições no campo da Recuperação da Informação são bastante significativos, porém, muitas dessas contribuições são centradas no lado tecnológico, negligenciando, muitas vezes, o lado humano. Deste modo, muito dos avanços foram acompanhados com a incompatibilidade dos aparatos tecnológicos e informacionais fazendo com que diminuísse a resolutividade dos problemas presentes do contexto informacional.

Segundo Souza (2011, p.136),

> Em que pesem as discussões nessas e em outras perspectivas das bases históricas do campo, faz-se necessário considerar que a Ciência da Informação, desde os primeiros momentos, na Europa, nos EUA e demais localidades, aponta para uma amplitude e complexidade, denunciando que seus condicionantes históricos constitutivos e seu objeto estão para além dos espaços dedicados às estruturas e aos fluxos internos dos sistemas de informação, que incluem bibliotecas, centros de documentação e sistemas de recuperação de informação. Assim, na definição de seu domínio epistemológico, é preciso considerar que a informação se manifesta nos dois contextos amplos e complexos de conhecer e comunicar.

Pode-se assegurar que cada período teve suas particularidades, suas características, seus traços e amadurecimentos científicos como contribuição para a área. Para Silva e Freire (2002, p.18), "a essência da Ciência da Informação em lidar com os problemas informacionais apresentava uma mentalidade universalizada". E, talvez por isso, por apresentar uma poliepistemologia, ela aponta algumas dificuldades na definição de seu domínio interdisciplinar, pois "o terreno interdisciplinar é muito vasto e inicialmente não foram explicitadas essas relações, além de não haver, ainda, consistência teórica, o que demanda mais estudos poliepistemológicos nessa linha" (PINHEIRO, 2002, p. 62).

Por fim, numa perspectiva de consolidação de seu domínio epistêmico-disciplinar, as práticas interdisciplinares de pesquisa devem possuir como parâmetro, critério e orientação de programas disciplinares, que, do mesmo modo, favoreçam o desenvolvimento da dinâmica do campo informacional, como um todo, possam promover suas construções disciplinares identificadoras. Por outro lado, quanto aos programas disciplinares, deve-se atentar para um aspecto ou múltiplos aspectos constitutivos que promovam a sua integração disciplinar. Para isso, faz-se necessário compreender as estratégias de institucionalização da Ciência da Informação no Brasil, no campo informacional.

Considerando a educação um tema vinculado à formação acadêmico-profissional, bem como à conformação do campo científico, Saracevic (1978, 1997, 1999, 2009) pondera a necessidade de ater-se aos modelos de educação, no campo da Ciência da Informação.

Estes modelos estão em ascensão nos EUA desde as décadas de 1950 e 1960, e o debate em torno deles na Ciência da Informação evidencia as características de sua evolução, podendo evidenciar como os profissionais se organizam numa comunidade epistêmica. Portanto, em se tratando da multiplicidade de profissionais que compõe esse campo, este é um ponto de importante reflexão.

A educação em Ciência da Informação, segundo Saracevic (1997, 1999, 2009), se desenvolveu a partir da inserção de disciplinas da área nos currículos dos cursos de Biblioteconomia e Ciência da Computação nos EUA. Nesse sentido, a Ciência da Informação passou a ser uma especialidade da Biblioteconomia e da Ciência da Computação. Por conta disso decorre a nomenclatura especialista em informação intensamente presente na produção científica, ao se referir aos profissionais de outras áreas que também trabalhavam com os processos bibliográficos, documentais e informacionais.

Com a inserção da Ciência da Informação nos currículos de Biblioteconomia e Ciência da Computação promoveu-se a conformação de dois modelos de ensino identificados por

Saracevic (1997, 1999, 2009), respectivamente, como Modelo de Jesse Shera e Modelo de Gerard Salton. Esses modelos refletem a formação dos pesquisadores, bem como a produção científica por eles publicada, possuindo pontos fortes e fracos.

O modelo de educação de Shera tem como ponto forte o desenvolvimento da educação profissional no espaço de uma estrutura de serviços, relacionando a educação à prática profissional e a um quadro que abrange o usuário de uma série de serviços de informação. Como ponto fraco, esse modelo apresenta a ausência de referencial teórico vasto que inclua o ensino formal dos sistemas de informação, principalmente, os conteúdos que facilitam a compreensão de algoritmos. Esse modelo foi e ainda é o modelo de educação predominante no campo da Ciência da Informação (SARACEVIC, 1997, 1999, 2009).

Já o modelo de educação de Salton referencia-se na formação dos cientistas da computação e, portanto, é centrado numa série de métodos formais e experimentais da área da recuperação da informação. Ele apresenta uma abordagem educativa atenta às práticas de laboratório e de pesquisa em sistema de recuperação de informação. Seu ponto forte é a educação formal e outros métodos quantitativos. Já seu ponto fraco é o desconhecimento dos aspectos amplos da Ciência da Informação, bem como de qualquer outra disciplina que aborde os aspectos humanos, pois estes são importantíssimos para a pesquisa na área da recuperação da informação. Ademais, não correlaciona sua prática profissional aos domínios em que esses sistemas são utilizados (SARACEVIC, 1997, 1999, 2009).

Conforme a complexidade que envolve a formação profissional e o domínio da Ciência da Informação, segundo Saracevic (2009) vem emergindo um novo modelo de educação em Ciência da Informação vinculado à ascensão das Escolas de Informação (*Information School)* ou I-Escola (*I-School),* que advém da mudança das Escolas de Biblioteconomia e Informação em I-Escola. Esse modelo ganha força através dos diretores de escolas que possuem formação em Ciência da Informação.

> As i-Escolas representam uma abordagem inovadora para o ensino da Ciência da Informação, com algumas conexões interdisciplinares verdadeiras. À medida que nos aproximamos do final da década, ela também significa uma nova direção para educação em Ciência da Informação (SARACEVIC, 2009, p. 31, tradução nossa).

A história da Ciência da Informação, origem e evolução, sempre esteve associada à busca pela oferta de soluções para os problemas bibliográficos, documentais e tecnológicos, seja por causa da explosão informacional ou pelo caos documental dela advindo.

> No início, a Ciência da Informação foi direcionada exclusivamente à explosão da informação em ciência e tecnologia. No entanto, logo se expandiu para outras áreas, incluindo negócios, humanidades, direito e, eventualmente, qualquer área da atividade humana. Em todas as áreas, o fenômeno da explosão da informação é contínuo e

> acelerado até hoje, especialmente nos ambientes digitais e *web* (SARACEVIC, 2009, p. 5, tradução nossa).

Saracevic (2009) observa que há diversas mudanças em todos os setores da atividade humana, o que origina na área a constituição de um campo em constante fluxo, impossibilitando a integração entre os diversos domínios e apontando para maior dificuldade de integração disciplinar.

4 A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO NO BRASIL

A história da Ciência da Informação no Brasil é marcada por momentos que retratam diretamente a própria história da pós-graduação. A implantação da área teve início na década de 70, um arrefecimento nos anos de 1980, e uma retomada na década de 90. Essa questão não é própria da Ciência da Informação, mas de muitas das áreas que se desenham em torno das mudanças que decorreram da crise do modelo centrado em políticas técnicas e científicas financiadas pelo Estado. Estas políticas decorrem da vinculação da C&T ao setor produtivo, na mesma medida em que a pesquisa passa mais tarde a fazer parte de um sistema de inovação amplo, que inclui setores produtivos e empresariais, ou seja, Ciência, Tecnologia e Inovação (CT&I) (SOUZA, 2011).

Assim, para se entender o contexto do estabelecimento da Ciência da Informação, é necessário, inicialmente, fazer uma breve análise sobre a história da implantação da pós-graduação no Brasil.

> Um breve olhar sobre a história da implantação da pós-graduação no Brasil revela, pois, suas tradições e indica uma série de contradições. Dentre estas podem ser destacadas a questão da dependência científico-cultural, o problema da incompatibilidade dos títulos e a questão do rigor dos mestrados acadêmicos (SANTOS, 2003, p. 630).

Segundo Santos (2003), a pós-graduação iniciou-se no Brasil na da década de 1930, através de uma proposta do Estatuto das Universidades Brasileiras, momento em que Francisco Campos sugeria a implantação de uma pós-graduação que tinha como referência o modelo europeu.

Tal modelo foi implementado no curso de Direito da Universidade do Rio de Janeiro (UFRJ), na Faculdade Nacional de Filosofia (FNF) e na Universidade de São Paulo (USP). O termo “pós-graduação” foi formalmente utilizado pela primeira vez na década de 1940 no Artigo 71 do Estatuto da Universidade do Brasil. Já nos anos 1950, começaram a ser assinados acordos entre EUA e Brasil que possibilitavam uma série de convênios entre escolas e universidades norte-americanas e brasileiras por intermédio do intercâmbio de estudantes, além de pesquisadores e professores.

Pode-se observar essa contribuição norte-americana e europeia também na implantação da área da Ciência da Informação. Isso fica claro quanto aos nomes que, nas palavras de Pinheiro (2007, p. 5),

> À semelhança do que ocorreu nos cursos de pós-graduação brasileiros de diferentes campos do conhecimento, nos de Ciência da Informação, sobretudo no Mestrado do IBICT, até o ano de 1981, professores principalmente dos EUA e Grã-Bretanha

> ministraram aulas e orientaram, entre eles: Frederick Wilfrid Lancaster (34 orientações), Tefko Saracevic (13 orientações), LaVahn Marie Overmyer, Bert Roy Boyce e Jack Mills, 2 orientações cada, além de John Joseph Eyre, Ingetraut Dahlberg e Suman Datta. Renomados cientistas, entre os quais Derek de Solla Price, da Yale University e Simão Mathias, da USP, desempenharam importante papel. Na condição de conferencistas foram responsáveis, juntamente com professores brasileiros de campos interdisciplinares, pela formação do corpo docente nacional de Ciência da Informação. Estes professores brasileiros do IBICT não somente assumiram a continuidade da pós-graduação, como participaram e contribuíram para a implantação de novos cursos de pós-graduação no Brasil, nesse campo do conhecimento.

Estes nomes são amplamente citados e, muitas vezes, discutidos até os dias de hoje nas pesquisas da área da Ciência da Informação, sendo que os estudos da autoria deles, inclusive, servem como base aos elementos disciplinarizadores da área.

Segundo a autora, as tendências mais fortes que marcaram a pós-graduação brasileira foram a européia e a norte-americana. A primeira principalmente na USP, e a segunda fortemente no Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA), na Universidade Federal de Viçosa e na UFRJ. A vertente norte-americana deixou suas principais marcas. No que diz respeito a Ciência da Informação, não foi diferente. Pode-se afirmar que a mesma também absorveu dupla influência, tanto européia, notadamente com as idéias de Paul Otlet, no IBBD/IBICT, quanto a norte-americana. Pinheiro (2007) acrescenta ainda que os EUA são o país que detém o maior volume de produção científica e avanços mais expressivos, deste modo, a Ciência da Informação teve, no Brasil, um início com uma referência bem consolidada.

Entre os anos de 1950 e 1960, a modernização do Brasil manteve-se dentro de um contexto de integração entre países periféricos e países centrais. Essa integração implicou na expansão de mercados consumidores nos países periféricos e no fomento de centros produtores de C&T, nos países centrais. As nações mais desenvolvidas tinham como principal objetivo desestimular a concorrência científica e tecnológica e aumentar os mercados consumidores.

> A história brasileira do desenvolvimento científico e tecnológico vinculada aos planos do governo federal começa a ganhar formato a partir dos anos 1950, com a criação do então Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq), atual Conselho de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). O surgimento dessas instituições está ligado ao projeto industrial desenvolvimentista do país. Segundo Gomes (1988), foi somente a partir da metade da década de 1960 que se começou a esboçar uma estrutura efetiva de ciência e tecnologia no Brasil. Houve um conjunto de reestruturação que tem na sua base a política modernizante e a economia aberta ao capital privado e aos investimentos estrangeiros do governo militar. O CNPq e o Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD), que foram fundados em 1954, passaram por adequações ao Programa Estratégico de Desenvolvimento, com, entre outras medidas, a criação do Fundo Nacional de Desenvolvimento

> Científico e Tecnológico (FNDCT). O IBBD, particularmente, passou por uma ampliação de suas atividades, com orientação para a automação, a normalização e o ensino. (SOUZA, 2011, p. 50).

Foi assim que se deu a instalação da pós-graduação no Brasil intensamente ligada ao projeto industrial desenvolvimentista do país e num contexto de dependência em relação às nações centrais. Deste modo, uma sociedade dependente deve vincular-se a outra, que supostamente seja mais organizada e desenvolvida, para que possa ser estabelecida uma relação de parceria. Contudo, para Santos (2003, p. 629), essa dependência pode ser extremamente prejudicial à área da pesquisa, "uma vez que a compra de *know-how* estrangeiro se torna um mau negócio por desestimular as iniciativas de desenvolvimento tecnológico do país importador, limitando a formação de cientistas e pesquisadores". Sob essa ótica, a importância dos pesquisadores e dos temas pesquisados depende fortemente dos interesses dos países desenvolvidos.

A dependência cultural pode condicionar o comportamento desses pesquisadores à

> atribuição de prestígio acadêmico aos cientistas em função da quantidade de artigos de sua autoria publicados em revistas de renome internacional, constituindo-se esse mecanismo na melhor medida de qualidade do que o país dispõe. Portanto, tais artigos, por estarem ligados a equipes editoriais em atividade nos países desenvolvidos, devem refletir problemas de interesses desses países, para que sejam publicados. (NUNES, 1978, p. 38).

Segundo o autor, dessa maneira, não pode ser medido o grau de utilidade do pesquisador e de seus trabalhos para o seu país, visto que o mesmo está preocupado com os problemas e interesses dos países desenvolvidos.

Esse cenário da pós-graduação e da pesquisa está em conformidade com o modelo político-econômico do neoliberalismo, que se caracteriza pelo recuo do Estado e pela ampliação da participação do mercado nas esferas técnica e científica. Por outro lado, não se pode esquecer que a Ciência da Informação se desenvolve fortemente vinculada aos programas governamentais nas instituições públicas. Esta merece atenção, principalmente, no que concerne à sua possível dificuldade de se situar no novo regime de produção de conhecimento (SOUZA, 2011).

Os fundamentos históricos da Ciência da Informação encontram-se intimamente ligados aos domínios das revoluções técnico-científicas dos séculos XIX e XX, num contexto marcado por profundas transformações econômicas, políticas, sobretudo, sociais, que fizeram emergir o modelo capitalista de desenvolvimento informacional. Tendo em vista que o primeiro século é marcado pelo crescimento da informação registrada, no seio da Revolução Industrial, em toda a Europa; o segundo, no que lhe concerne, é caracterizado pela crescente

produção técnico-científica, notadamente, nos EUA, no período posterior à Segunda Guerra Mundial. Nesse contexto extensivo, dois movimentos se encaminham para a necessidade de soluções de problemas, que resultariam nos primeiros indícios da constituição do campo: o aumento exponencial da produção técnico-científica e o caos documental dele advindo.

Portanto, a Ciência da Informação se originou e vem sendo desenvolvida sob uma agenda de projetos que visa à solução de problemas relacionados à recuperação da informação disponível na massa documental dispersa em múltiplos suportes (SOUZA, 2011).

O surgimento da Ciência da Informação, em outros termos, localiza-se no movimento de pesquisadores e estudiosos de diversos campos do conhecimento que buscaram aglutinar esforços iniciais para solucionar os referidos problemas. Tratava-se de compreender as questões relacionadas ao fenômeno da explosão informacional. Desta maneira, estes estudiosos focavam seus esforços na criação e no desenvolvimento de sistemas de informação.

Segundo Souza (2012, p. 54), a Ciência da Informação se inscreve

> no campo amplo da informação, como campo de conhecimentos mais avançado, dedicando-se ao aprofundamento de estudos e à qualificação de pessoal de diversas formações básicas. Isso se traduz em programas e políticas de aprimoramento e qualificação de profissionais, permitindo a abertura às questões de IC&T em diversos campos do conhecimento. Não se pode perder de vista que aí se estabelece uma relação entre a formação básica e a qualificação em informação.

Portanto, o estabelecimento da pós-graduação e da pesquisa em Ciência da Informação no Brasil se dá em função desse novo cenário, frente à qualificação de pessoal de diversas formações básicas. Em que pese o fato da Ciência da Informação ser implantada tão somente no terreno da pós-graduação e pesquisa, ela promoveu aproximações com outras áreas de conhecimento das quais se originam esses pesquisadores. Por conta disso, a partir da década de 90, muito dos cursos acrescentaram disciplinas e/ou conteúdos a partir das discussões migradas da pós-graduação em Ciência da Informação.

Segundo Souza (2012), embora alguns pesquisadores brasileiros da Ciência da Informação procurem diferenciá-la e/ou distanciá-la da Biblioteconomia, esse movimento pode ser observado na sua relação com essa área. Ao observar na Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoa de Nível Superior (CAPES, 2012), pode-se encontrar a coincidência de registros dos programas de pós-graduação em Biblioteconomia e Ciência da Informação. O exemplo disso é que os cursos de mestrado em Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), da UFPB e da Universidade de Brasília

(UnB), implantados na década de 70, são considerados como integrantes específicos do quadro da pós-graduação em Ciência da Informação.

De modo geral, as condições para a implantação da Ciência da Informação no Brasil, foram conformadas por diversas transformações que ocorreram em decorrência do aumento de produção de conhecimento característico da sociedade contemporânea e apresentaram desdobramentos semelhantes àqueles ocorridos em outros países. Esta conjuntura de revolução técnico-científica, seguida de um grande acúmulo de informação, resultou na necessidade de estudos mais aprofundados sobre as técnicas que poderiam ser empregadas em bibliotecas e centros de documentação. Desta maneira, o terreno foi sendo adaptado para a implantação da Ciência da Informação no Brasil.

4.1 Implantação da Ciência da Informação no Brasil

Um dos marcos decisivos para a introdução e propagação da Ciência da Informação no Brasil foi a fundação do IBBD quando a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) sugeriu à Fundação Getúlio Vargas (FGV) que requeresse a criação, no Brasil, de um centro nacional de bibliografia. Este órgão pregava o controle bibliográfico universal com base no desenvolvimento dos controles bibliográficos nacionais. A partir disso, decorrem os incentivos para a criação de políticas em informação e a necessária manutenção de agências bibliográficas nacionais (PINHEIRO, 2007).

Na época, a FGV realizava importantes atividades na área de bibliografia e documentação, paralelamente, estava sendo criado, também, o então Conselho Nacional de Pesquisas, atualmente Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e numa proposta conjunta entre ambos, CNPq e FGV, foi criado, em 27 de fevereiro de 1954, o IBBD, passando a integrar a estrutura organizacional do CNPq, a partir de 1976.

Os anos 70 foram marcados por uma reorganização das atividades de C&T no país, e da mesma maneira que o CNPq passa por mudanças, transformando-se em fundação, vinculando-se à Secretaria do Planejamento e à Presidência da República, o IBBD também, inclusive com a mudança de nome para IBICT, através da publicação da Resolução Executiva do CNPq n° 20/76. Deste modo, consolidou-se como órgão que coordenaria, no Brasil, as atividades de informação em C&T (PINHEIRO, 2007).

A partir daí, o IBICT tem atuado também na promoção da popularização da IC&T no Brasil. Exemplos dessa iniciativa são o projeto “Ciência às Cinco”, lançado em 1987; a Base de Dados de Filmes em C&T; e o “Programa de Tecnologias Apropriadas”.

> A trajetória da Ciência da Informação, no Brasil, teve o IBICT como o espaço institucional para o seu nascimento no País. O Instituto, na confluência de ações de vanguarda como as primeiras bibliografias brasileiras especializadas, por processo automático, no final dos anos 60, foi o solo fértil para que novas idéias em circulação nos Estados Unidos e na Europa fossem semeadas em território nacional (PINHEIRO, 2007).

Com os processos de globalização e desregulamentação do capital, uma nova ordem mundial começa a se redesenhar, na segunda metade do século XX. O acesso à informação passa a ser um pilar fundamental para o desenvolvimento das sociedades e diversas mudanças de caráter político, econômico e social começam a emergir. Portanto, para atender às necessidades bibliográficas e documentais de uma nova sociedade marcada pela explosão informacional e tecnológica, surge a Ciência da Informação "de maneira a romper com um passado de práticas que não se mostravam mais competentes para atender às necessidades bibliográficas e documentais de uma sociedade marcada pela explosão tecnológica" (ODDONE, 2006, p. 46) e, porque não acrescentar, atender às necessidades de uma comunidade científica num processo contínuo de crescimento.

Segundo Souza (2012, p. 52), a Ciência da Informação se instaura no Brasil por meio de um "movimento de capacitação e atualização dos profissionais que desenvolviam suas atividades nas áreas de Bibliografia e Documentação Científica". Este movimento de capacitação respondia a uma demanda de qualificação de pessoal vinculada às propostas da UNESCO de incentivo à implantação de programas e políticas nacionais de IC&T e o IBICT foi o laboratório para as primeiras experiências nesse domínio específico.

> Nesse contexto, a criação do IBBD em 1954, como órgão de produção e acumulação de informações bibliográficas, constituiu um suplemento de força para os bibliotecários. O contato com instituições internacionais, como a Federação Internacional de Documentação (FID) e a Federação Internacional de Associações de Bibliotecas (IFLA), por outro lado, oferecia acesso a um cenário já em vias de se globalizar, enriquecendo o domínio intelectual até ali representado exclusivamente pela biblioteconomia. A convivência com essas novas demandas traduziu-se na adesão da área ao discurso da "informação científica" e à sua progressiva elaboração em termos teóricos e pragmáticos. (ODDONE, 2006, p. 46).

O IBICT foi o espaço institucional para o surgimento dessa área no país. Na formação de recursos humanos, pode-se destacar o Curso de Pesquisa Bibliográfica, que foi implantado em 1955 no Instituto, aberto a diferentes profissionais, depois denominado Curso de Especialização em Documentação e Informação, formando um total de 757 (setecentos e cinqüenta e sete) especialistas (PINHEIRO, 2007).

Após assumir o papel de gestor de atividades pioneiras de IC&T e de formar recursos humanos (com cursos de especialização e mestrado) para a nova área, o IBICT permite que seja iniciado um debate nacional sobre questões da Ciência da Informação. E, através destas

ações políticas de coordenação, ele contribui para a implantação de outros cursos no Brasil e até mesmo na América Latina (PINHEIRO, 2007).

As discussões sobre as práticas biblioteconômicas, bibliográficas e documentárias foram inicialmente desenvolvidas no Curso de Pesquisas Bibliográficas em Ciências Médicas e em Ciências Agrícolas, daí surgiu a necessidade de ampliação desse domínio de estudo para os profissionais envolvidos em tais práticas, originando, assim, o Curso de Documentação Científica. Este curso foi muito importante, porém, como os bibliotecários nele qualificados implantavam disciplinas dele no curso de graduação em Biblioteconomia em que lecionavam, seus conteúdos foram se tornando repetitivos, ultrapassados e o curso, obsoleto (SOUZA, 2012).

Foi quando em 1972 o curso de pós-graduação em Ciência da Informação foi idealizado e criado pelo IBBD, substituindo o então obsoleto curso de Documentação Científica, visando preencher uma lacuna que decorreu do próprio desenvolvimento da área de documentação e informação. O Curso de Pós-Graduação em Ciência da Informação procurou localizar-se no encontro entre a teoria e a pesquisa em Ciência da Informação, e as inovações tecnológicas para os problemas práticos existentes em diferentes regiões do país. Para tanto, definiu sua área de atuação a partir de três grandes diretrizes:

> • científica: estudos do fenômeno da informação e do processo de comunicação, abarcando sistemas de informação, usuários e contextos;
> • profissional: estudos de atividades relacionadas ao planejamento, à operação e à administração de sistemas e serviços de informação; e
> • tecnológica: estudos da aplicação adequada das tecnologias de informação ao processamento da informação (BAUZER, 1979, p. 77)

Além de possuir uma proposta interdisciplinar, como se pode perceber, a estrutura curricular desse curso estava vinculada também à necessidade de qualificação de pessoal do IBBD, sob a forte influência da Ciência da Informação norte-americana e inglesa, pois, por inexistência de um corpo docente de doutores no Brasil, foram convidados professores e pesquisadores de universidades dos EUA e da Grã-Bretanha. Deste modo, a área buscava fundamentar seus pressupostos básicos a partir de um conjunto de disciplinas de distintas áreas do conhecimento, a saber, Teoria da Comunicação, Ciência do Comportamento, Matemática, Computação, Linguística e Filosofia da Ciência.

> A Ciência da Informação foi implantada paulatinamente no Brasil com a construção das condições técnicas e científicas estabelecidas a partir da associação crescente, nos anos de 1950, entre a tradicional Biblioteconomia e a moderna Documentação. O marco teórico-metodológico mais próximo, por assim dizer, corresponde ao aprimoramento de práticas biblioteconômicas e documentárias em um espaço

> necessitado e, ao mesmo tempo, privilegiado de Informação Científica e Tecnológica (IC&T) (SOUZA, 2012, p. 50).

A partir disso, considera-se que a Ciência da Informação foi implantada no Brasil, com desígnio de desenvolver e aprofundar esse lastro teórico-metodológico das questões biblioteconômicas e documentárias.

Autores como Miranda e Barreto (2003) associam o desenvolvimento da Ciência da Informação no Brasil ao estabelecimento dos cursos de pós-graduação que, somados a implantação de sistemas de informação, criavam um ambiente propício para a problematização de temas e questões que motivariam as pesquisas e criariam a demanda para a formação de massa crítica dessa nova área do conhecimento. Por outro lado, para Gomes (2009), o crescimento da área da Ciência da Informação foi pouco expressivo, não apenas no contexto da grande área das Ciências Sociais Aplicadas, mas em todo o Sistema Nacional de Pós-Graduação (SNP).

Partindo deste ponto, observa-se a necessidade de compreender as estratégias de institucionalização social e cognitiva da Ciência da Informação no Brasil, através de estruturas acadêmicas, programas disciplinares, pesquisa, órgãos representativos, cursos de Pós-Graduação e pesquisa, entre outros.

4.2 A Institucionalização da Ciência da Informação no Brasil

A história da institucionalização da Ciência da Informação no Brasil, em particular, foi acompanhada por diversas transformações que ocorreram em decorrência do aumento de produção de conhecimento característico da sociedade contemporânea e apresentou desdobramentos semelhantes àqueles ocorridos em outros países. Esta conjuntura de revolução técnico-científica, seguida de um grande acúmulo de informação, resultou na necessidade de estudos mais aprofundados sobre técnicas e tecnologias que poderiam ser empregadas em bibliotecas e centros de documentação.

Segundo Eliel (2008), a institucionalização social de uma disciplina científica, sua formalização e implementação esta relacionada à criação de estruturas acadêmicas tanto de ensino quanto de pesquisa que dependem, em grande medida, de esforços do Estado, por meio de seus órgãos representativos.

No Brasil, pode-se reconhecer o Ministério da Educação (MEC) e a CAPES, que instituem parâmetros para criação e custeamento de estruturas formais que definem certa disciplina. Para tanto, a institucionalização social da Ciência da Informação está vinculada à

Biblioteconomia, pois esta primeira se favoreceu das estruturas formais da segunda para traçar seu progresso e institucionalização social.

Segundo Oliveira (1998), os cursos de pós-graduação são especialmente importantes na organização e institucionalização de campos de pesquisa, e assim estes têm sido observados para o campo da Ciência da Informação. As sociedades e associações científicas, bem como os periódicos científicos também desempenham papel muito importante no incentivo à pesquisa e na promoção da comunicação e discussão de resultados de estudos.

Associações como a Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB) e a Associação Brasileira de Educação em Ciência da Informação (ABECIN) funcionam como a representação política de seus associados junto aos órgãos governamentais, defendendo seus interesses.

A ANCIB é uma sociedade civil, sem fins lucrativos, fundada em 1989 por meio do empenho de alguns Cursos e Programas de Pós-Graduação da área no país e tem como finalidade acompanhar e estimular as atividades de ensino de pós-graduação e de pesquisa em Ciência da Informação no Brasil. A Associação admite sócios institucionais, que são justamente os Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação, e, sócios individuais, professores, pesquisadores, estudantes de pós-graduação e profissionais egressos dos programas.

Já a ABECIN é uma entidade que visa assegurar o debate sobre a formação de pessoas que mantém e ampliam o corpo profissional atuante da Ciência da Informação, é, também, um espaço político no qual a discussão sobre a perspectiva da construção e experimentação de saberes novos é tão importante e significativa quanto à ação de praticar esses saberes conquistados.

Por outro lado, os periódicos científicos também são importantes, pois estes são pioneiros no desenvolvimento de seus campos de estudo, sobretudo, num contexto social de terceiro mundo, como é o caso do Brasil, que, apesar de contar com poucos recursos humanos para a pesquisa, o país possui um número razoável de periódicos.

Os programas de Pós-Graduação são em grande medida os financiadores e mantenedores destes periódicos, visto que são nesses espaços que são produzidas as pesquisas e os estudos na área da Ciência da Informação. Por este motivo, os aspectos relativos aos Cursos e Programas (áreas de concentração e linhas de pesquisa) são a base para análise das tendências e prioridades acadêmicas nacionais. Porém,

> No ínterim desse meio século, as pesquisas e a produção científica do campo da Ciência da Informação têm se diversificado bastante, indo de questões empíricas a

> questões mais teóricas, pautadas em diferentes recortes e problemas, flutuando entre as abordagens técnica e social. Entende que essa flutuação, às vezes necessária, tem dificultado a construção de um estatuto disciplinar da Ciência da Informação. (SOUZA, 2011, p. 158).

Por outro lado, o autor compreende que a aproximação da Ciência da Informação com o campo social a situa efetivamente no campo das Ciências Sociais Aplicadas, possibilitando maior clareza na definição de seus fundamentos teórico-metodológicos.

A Ciência da Informação possui diversos pontos de vista, que segundo Wersig e Neveling (1975), resultam em uma visão parcial de uma área específica do conhecimento, que se ampliam em abordagens diferentes das questões apontadas como objeto de estudo. E essas variantes possuem como suporte conceitos, métodos e teorias diferentes, que implicam em diferentes entendimentos quanto à delimitação do objeto e do campo de estudo.

Para Souza (2011), esse pluralismo epistemológico pode ser considerado como característico da área da Ciência da Informação a partir de suas condições e filiações às demais ciências sociais, contudo não se pode perder de vista que ele dificulta o estabelecimento da identidade disciplinar do campo científico.

Nesse horizonte de conformação disciplinar, é importante atentar-se ao que Oliveira (1998) aponta quanto à infraestrutura básica de um campo de conhecimento, onde esta é constituída por instituições fortes, recursos humanos qualificados e canais de comunicação e intercâmbio adequados. Em consonância a Souza (2011), a autora constatou, no fim da década de 90, que a Ciência da Informação no Brasil dispunha de uma infraestrutura de pesquisa bastante incipiente, que dificultava sua consolidação como campo científico.

Não se pode perder de vista que a Ciência da Informação, no Brasil, foi implantada e se desenvolveu no movimento de organização da pós-graduação e pesquisa, promovendo aproximações com outras áreas de conhecimento, principalmente, porque os programas de pós-graduação possibilitam mudanças em suas áreas de concentração e linhas de pesquisa. As linhas de pesquisa, particularmente, indicam outro meio de ter acesso aos programas disciplinares na pesquisa empírica, visto que elas são institucionalizadas e apontam para programas disciplinares.

Para mensurar a quantidade de Cursos e Programas de Pós-graduação da área da Ciência da Informação, no Brasil atualmente, faz-se necessário uma consulta na Plataforma Sucupira. A plataforma é uma importante ferramenta para coletar informações, realizar análises e avaliações e é base de referência do Sistema Nacional de Pós-Graduação (SNPG). Através dela é possível encontrar, em tempo real e com transparência, informações, processos

e procedimentos que a CAPES realiza no SNPG e disponibiliza para toda a comunidade acadêmica.

Pode-se considerar que, no decorrer dos últimos anos, vem havendo uma série de transformações disciplinares e interdisciplinares, seguindo o desenvolvimento da ciência como um todo. No que concerne à Ciência da Informação, em particular, possivelmente tenha havido redefinições nas relações disciplinares em função da difundida sociedade da informação e do desenvolvimento e aplicação das novas tecnologias de informação e comunicação, nos últimos anos (SOUZA, 2011).

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa científica, como um todo, corresponde a um processo ininterrupto de compreensão, produção e difusão de conhecimentos. Com o aparecimento de novas técnicas, métodos e abordagens, ela se insere como parte fundamental dos currículos e disciplinas. Segundo Gil (1999, p. 42), a pesquisa possui uma posição pragmática, na medida em que se constitui em um "processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico. O objetivo fundamental da pesquisa é descobrir respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos".

Citando Minayo, Deslandes e Gomes (2012, p.17), ela "é a atividade básica da ciência na sua indagação e construção da realidade [...] embora seja uma prática teórica, a pesquisa vincula pensamento e ação. Ou seja, nada pode ser intelectualmente um problema se não tiver sido, em primeiro lugar, um problema da vida prática". Deste modo, a pesquisa trata-se de uma ferramenta fundamental no sentido de (re)pensar a realidade. O debate em torno dela não é homogêneo, pois, além de poder ser realizada de diversas formas, ela envolve realidades sociais, circunstâncias cotidianas e ideologias distintas.

Portanto, a pesquisa é um conjunto de ações, que sugere solução para um problema. Para Koche (2007), as teorias representam a tentativa de explicação de fenômenos reais. Através da reconstrução conceitual das estruturas objetivas dos fenômenos, é possível verificar as causas, a previsão de eventos resultantes, bem como a interdependência desses com outros fenômenos. Nesta ótica, os procedimentos metodológicos caracterizam uma das principais partes da pesquisa, uma vez que dão o percurso a ser trilhado pelo pesquisador para atingir seus resultados de acordo com a realidade.

Os procedimentos metodológicos compreendem um conjunto de elementos, a saber, caracterização da pesquisa, nos quais estão expostas as particularidades do estudo, bem como seus traços e abordagem. Nesse domínio, merecem destaque o universo e a amostra, que compreendem os elementos que fizeram parte do processo investigativo, e a coleta, a sistematização, a análise e a discussão dos dados, que se descrevem o conjunto de procedimentos utilizados na execução da pesquisa.

5.1 Caracterização da Pesquisa

Esta pesquisa possuiu características exploratório-descritivas, pois objetivou-se delinear as características de um campo científico em processo de consolidação através de

uma explanação sobre a produção que aborda os seus elementos disciplinadores e os componentes de sua natureza constitutiva. Para Gil (2000), as pesquisas exploratórias proporcionam maior intimidade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito além de possuir planejamento maleável que possibilite a consideração dos mais diversos aspectos referente ao mesmo. Já as pesquisas descritivas possuem como finalidade descrever características de determinada população, fenômeno ou, ainda, estabelecer relações entre variáveis.

Na perspectiva do autor, "as pesquisas descritivas são, juntamente com as exploratórias, as que habitualmente realizam os pesquisadores sociais preocupados com a atuação prática" (GIL, 2000, p. 42).

Com base na abordagem da pesquisa, este estudo foi Quali-Quantitativo, pois as duas abordagens são complementares e não excludentes. A pesquisa quantitativa, segundo Chizzotti (1998, p. 34), "não necessita ser oposta à qualitativa, mas ambas devem sinergicamente convergir na complementaridade mútua".

Deste modo, o método de pesquisa Quali-Quantitativo pressupõe uma análise dialética que permite enxergar que ambos os métodos podem ser trabalhados em conjunto, trazendo elementos que se integram, corroborando para uma interpretação mais abrangente da realidade estudada.

Para Minayo e Sanches (1993), a relação que existe entre quantitativo e qualitativo não pode ser pensada como oposição contraditória, pois se deseja que as relações sociais possam ser analisadas em seus aspectos mais "concretos" e aprofundadas em seus significados mais essenciais. O estudo quantitativo pode gerar questões para serem aprofundadas qualitativamente e vice-versa.

As informações quantitativas, tais como, a quantidade de cursos de pós-graduação em Ciência da Informação no Brasil, acenderam questões que foram aprofundadas qualitativamente. Complementarmente, os dados quantitativos da produção que aborda os elementos disciplinadores da Ciência da Informação e os componentes de sua natureza constitutiva puderam analisados, possibilitando inclusive uma maior compreensão.

5.2 Universo e Amostra da Pesquisa

Segundo Gil (2000), universo da pesquisa pode ser um conjunto definido de elementos que têm determinadas características, enquanto a amostra é subconjunto desse universo. Deste modo, o universo da pesquisa foi composto pelo conjunto de elementos disciplinadores do

campo científico, formado por cursos e programas de pós-graduação, associações científicas, pesquisadores e publicações científicas da Ciência da Informação.

Seguindo Gil (1999), a amostra corresponde a um recorte desse universo e, portanto, considerou-se parte representativa dos elementos disciplinadores da área. No que se refere aos cursos e programas de pós-graduação, considerou-se aqueles reconhecidos pela CAPES, como pertencentes a área de conhecimento "Ciência da Informação", que contempla três áreas básicas, a saber "Arquivologia", "Biblioteconomia" e "Ciência da Informação". No domínio das associações, fizeram parte da pesquisa a Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB) e a Associação Brasileira de Educação em Ciência da Informação (ABECIN). Concernente ao corpo de pesquisadores, consideraram-se os atuais coordenadores e vice-coordenadores de Grupos de Trabalho (GT) da ANCIB. E, completando amostra, nos periódicos, consideraram-se aquelas áreas básicas e indexação na Base Qualis no quadriênio 2013-2017, na área de avaliação "Comunicação e Informação" da CAPES.

5.3 Coleta e Sistematização dos Dados

De acordo com os procedimentos técnicos utilizados, esta pesquisa apresentou-se como levantamento bibliográfico e documental sobre os elementos institucionalizadores dos programas disciplinares da Ciência da Informação no Brasil.

O levantamento bibliográfico foi essencial para a composição do referencial teórico da dissertação, bem como para a elaboração da ferramenta de pesquisa. Deste modo, do ponto de vista bibliográfico, foi desenvolvido um estudo com base em material já elaborado, a saber, os artigos científicos que abrangem os elementos referentes aos programas disciplinares da Ciência da Informação. Estes corresponderam àqueles publicados nos periódicos *qualis*.

É importante precisar que Alves-Mazzotti e Gewandsznajder (2001) consideram documento qualquer registro escrito que possa ser utilizado como fonte de informação. Portanto, do ponto de vista documental, foram realizados levantamentos em fontes de dados materiais primários dos PPGCI brasileiros recomendados pela CAPES, buscando caracterizar o contexto e evidenciar as estratégias que visam à consolidação do campo disciplinar, no Brasil.

A maior parte destes levantamentos foi feita na Plataforma Sucupira (2017), que, segundo a CAPES (2016), é uma importante ferramenta para coleta de informações, análises e avaliações, além de ser a base de referência do SNPG. Seu nome é fruto de uma homenagem

ao professor Newton Sucupira, autor do Parecer nº 977 de 1965, que conceituou, formatou e institucionalizou a pós-graduação brasileira nos moldes como é até os dias atuais. Ela disponibiliza em tempo real e com transparência as informações, processos e procedimentos que a CAPES realiza no SNPG, para toda a comunidade acadêmica; propicia a parte gerencial-operacional de todos os processos e permite a maior participação das pró-reitorias e coordenadores de programas de pós-graduação.

Os levantamentos foram realizados a partir das ferramentas de busca desta plataforma, considerando que se encontra em constante atualização, os dados foram levantados em diferentes períodos do ano, visando à atualização da pesquisa. Num primeiro momento, foram extraídos dados relativos aos programas de pós-graduação cuja área básica corresponde à "Ciência da Informação". De modo mais preciso, na página inicial, no espaço registrado por "Coleta Capes", buscou-se nos "Dados Cadastrais dos Programas" sob "Área Básica" o termo "Ciência da Informação", para que pudessem ser recuperados todos os programas da área, no Brasil.

Observou-se que a recuperação se deu de forma incompleta ou mesmo inconsistente, uma vez que não se localizava alguns programas de pós-graduação reconhecidos como pertencentes à área de Ciência da Informação. Considerando este fato, e, no intuito de garantir uma recuperação eficiente na Plataforma, outros percursos também foram utilizados.

No segundo percurso de coleta, tomou-se como ponto de partida as "áreas de avaliação" da CAPES. Na página inicial da Plataforma Sucupira, no espaço "Conheça a Avaliação", em "Informações Gerais", buscou-se no *link* "Áreas de Avaliação/Conhecimento", posteriormente, "Ciências Sociais Aplicadas", a pasta nomeada de "Ciência da Informação". Na pasta continha os termos Biblioteconomia, Arquivologia e Teoria da Informação.

Assim, percebeu-se a necessidade de repetir a pesquisa anterior seguindo a mesma linha apresentada (Coleta Capes > Dados Cadastrais dos Programas > Área Básica), considerando como "área básica", nesta busca, a "Biblioteconomia". Assim, foram identificados os programas de pós-graduação que não haviam sido recuperados anteriormente, e todos estes compuseram os quadros da pesquisa.

Os dados coletados foram sistematizados em quadros compostos por: curso ou programa de pós-graduação; instituição de oferta; área básica (Ciência da Informação e Biblioteconomia); modalidade (mestrado acadêmico, mestrado profissional e doutorado); e situação (desativado, em funcionamento, e em projeto). No espaço destinado à Modalidade, foi atribuído o conceito Capes, conforme consta na Plataforma Sucupira (2017).

Para coleta e sistematização de dados sobre as áreas de concentração dos programas, buscou-se acessar o campo destinado aos dados cadastrais de cada programa. A pesquisa foi feita novamente, na página inicial, no espaço destinado à "Coleta Capes", que contém os "Dados Cadastrais dos Programas", conforme a "Área Básica", "Ciência da Informação" e "Biblioteconomia".

Nos cursos e programas recuperados, foram identificados dados cadastrais de cada item recuperado, tais como, nome, endereço, área de avaliação, nota do curso, regime letivo, quantidade de créditos trabalhados e as áreas de concentração. Esta pesquisa limitou-se a este último item.

Ainda foi realizado um terceiro percurso de coleta de dados, que tomou como ponto de partida o acesso aos dados sobre os "Cursos recomendados e reconhecidos", na página inicial da Plataforma Sucupira (2017). Nela buscaram-se os dados quantitativos dos programas. No *link* "Por área de avaliação", foram recuperadas as áreas e os cursos nas modalidades, mestrado acadêmico, mestrado profissional e doutorado, e o total de cada programa e curso, daquela área específica, no Brasil.

Ao consultar a área de avaliação "Comunicação e Informação", foi possível encontrar quatro "áreas do conhecimento", a saber, Ciência da Informação, Comunicação, Desenho Industrial e Museologia. Em cada uma dessas áreas, contém dados sobre as instituições de ensino, os cursos e programas da área, e as modalidades de oferta.

Além dos programas, também foram coletados dados sobre outros elementos que caracterizam o domínio disciplinar da Ciência da Informação no Brasil, a saber, o financiamento das pesquisas, o corpo docente-pesquisador, a criação de associações ou sociedades científicas, e os periódicos científicos.

O levantamento de dados sobre o financiamento das pesquisas também ocorreu na Plataforma Sucupira (2017). Na página inicial da Plataforma, no espaço reservado à "Coleta Capes", em "Dados em atualização", há o acesso aos "Financiadores", em que é possível recuperar informações sobre o programa, a instituição e o ano da pesquisa. Essa busca foi feita com todos os programas e cursos recuperados na etapa anterior.

A obtenção de dados referente às associações e/ou sociedades científicas da área se deu diretamente nos respectivos *sites* oficiais, ABECIN (http://abecin.org.br/) e ANCIB (http://www.ancib.org.br/).

No que concerne ao corpo docente-pesquisador, buscou-se localizar os docentes que compõem a coordenação dos grupos de trabalho da ANCIB, uma das associações científicas mais importantes da área, no *site* da própria associação. Porém, encontrou-se o mesmo

desatualizado, deste modo buscou-se no *site* do XVIII ENANCIB, que será realizado pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), no corrente ano. No site do evento, no link "programa" encontrou-se um quadro com os GT e seus respectivos coordenadores e vice-coordenadores, estes foram retirados e expostos num quadro numa tentativa de representar o corpo docente da área da Ciência da Informação.

Os dados sobre revistas científicas brasileiras foram coletadas na base de dados do Laboratório de Tecnologias Intelectuais (LT*i*), na Plataforma Sucupira e nos respectivos *sites* das revistas. É importante considerar que o LT*i* corresponde a um projeto de ensino, pesquisa e extensão, que tem como finalidade o desenvolvimento de ações que facilitem o acesso livre à informação científica e tecnológica, buscando promover reflexões e propiciar competências em tecnologias intelectuais de produção, comunicação e uso dessa informação. (LTI, 2017).

Por fim, todos os dados coletados foram sistematizados em quadros e ilustrações, objetivando a melhor visualização. Posteriormente, eles foram analisados e discutidos em consonância com os artigos que compuseram o referencial teórico.

5.4 Análise e Discussão dos Resultados

A análise dos resultados colhidos foi feita seguindo as etapas de interpretação (GIL, 2000, MARCONI; LAKATOS, 2003). Segundo Gil (1999), a interpretação "tem por objetivo a procura do sentido mais amplo das respostas, o que é feito mediante a ligação com outros conhecimentos já assimilados". Instruem Marconi e Lakatos (2003, p. 170) que ela "significa a exposição do verdadeiro significado do material apresentado, em relação aos objetivos propostos e ao tema. Esclarece não só o significado do material, mas também faz ilações mais amplas dos dados discutidos".

Deste modo, a análise e a discussão foram realizadas a partir das relações entre as categorias que compuseram a coleta e sistematização de dados, com base nos referenciais teóricos sobre o processo de consolidação da Ciência da Informação de forma ampla e sobre as inter-relações disciplinares, de forma específica.

6 ORGANIZAÇÃO DE PROGRAMAS DISCIPLINARES DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

A institucionalização de uma área pode ser entendida a partir de uma análise histórica dos processos que a permeiam e a caracterizam. Para Eliel (2008, p. 209), "as formações universitárias, as equipes de pesquisas, as publicações, as revistas, as teses, os lugares de encontro, tais como: os colóquios, seminários, congressos, os manuais que contribuem com a transmissão de conceito e terminologia de base e as aquisições fundamentais" são alguns elementos que permitem mensurar a evolução de uma disciplina.

No contexto dessa pesquisa, buscou-se, a partir de dados referenciais dos cursos e programas de pós-graduação em Ciência da Informação espalhados pelo Brasil, caracterizar o contexto da institucionalização da área, explorando a produção que aborda os elementos disciplinarizadores, e dados da Plataforma Sucupira (2017), visando compreender as estratégias de institucionalização da Ciência da Informação no Brasil, bem como a conformação de seu campo epistemológico.

6.1 A Institucionalização da Área de Conhecimento no Brasil

A Ciência da Informação, desde a sua implantação, se constitui em um campo de relações de força muitas vezes tenso. A questão é que ela se instaurou para capacitar e atualizar profissionais que já se encontravam desenvolvendo atividades nas áreas de Bibliografia e Documentação, de incentivo à implantação de programas e políticas nacionais de IC&T, além de pregar o controle bibliográfico universal a partir do desenvolvimento dos controles bibliográficos nacionais, como foi dito anteriormente. Então, a organização entre essas áreas promoveu um espaço múltiplo de discussão e práticas entre Biblioteconomia, Documentação e Informação Científica (SOUZA, 2011).

Atualmente, a Plataforma Sucupira (2017) apresenta diferentes formas de organização das áreas de conhecimento, por isso foi possível encontrar a organização da Ciência da Informação sob três óticas diferentes. Num primeiro momento, encontrou-se como área do conhecimento situada na Área de Avaliação "Comunicação e Informação".

Esse fato pode ser explicado devido ao fato de que a representação precisa de uma área do conhecimento é uma atividade complexa e difícil. Segundo Souza e Stumpf (2009), a principal dificuldade está em determinar e nomear os principais campos de atuação, pois nenhuma área é tão especializada ou tão ampla como possa parecer num primeiro momento.

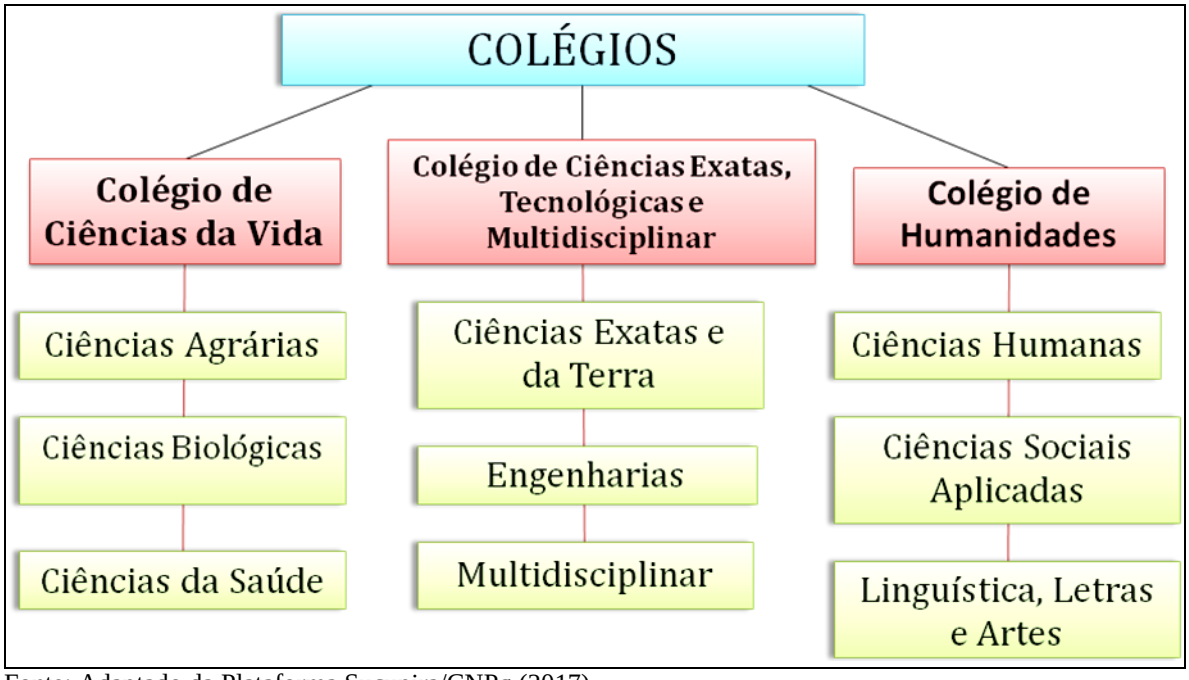
> A Ciência da Informação apresenta características peculiares por ser uma área de desenvolvimento recente em relação a outras áreas do conhecimento, e por congregar professores, pesquisadores e profissionais de diferentes formações acadêmicas com atuações diversificadas no campo da informação. Essas características, se por um lado motivam e enriquecem sobremaneira o seu desenvolvimento científico, por outro lado causam dificuldades na sua representação, enquanto área de conhecimento, em tabelas e esquemas de classificação para diferentes propósitos de uso (SOUZA; STUMPF, 2009, p. 42-43).

Para os autores, a interdisciplinaridade da Ciência da Informação dificulta sua representação como área do conhecimento, embora esta seja considerada um dos principais fundamentos da constituição e do desenvolvimento do campo científico.

Segundo a Plataforma Sucupira (2017), com o intuito de facilitar o desenvolvimento das atividades de avaliação, há 49 áreas de avaliação que são agregadas, por critério de afinidade, em dois níveis:

- Primeiro nível: Colégios
- Segundo nível: Grandes Áreas.

Ilustração 3 – Áreas de Avaliação distribuídas em Colégios



Fonte: Adaptado da Plataforma Sucupira/CNPq (2017).

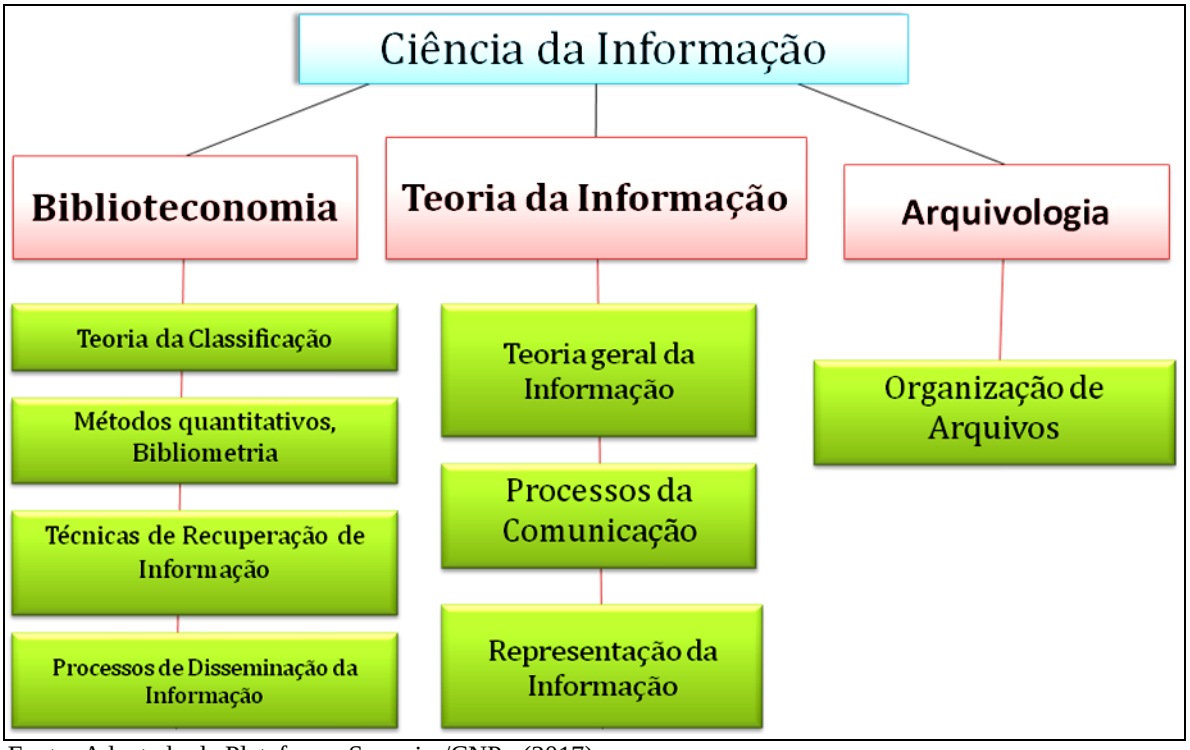
Como se pode observar na Ilustração 3, os colégios dão origem a nove grandes áreas, são elas: Ciências Agrárias, Ciências Biológicas, Ciências da Saúde, Ciências Exatas e da Terra, Engenharias, Multidisciplinar, Ciências Humanas, Ciências Sociais Aplicadas, e

Linguística, Letras e Artes. Estas grandes áreas são subdivididas em áreas, que, por sua vez, são fragmentadas em subáreas e organizadas em especialidades.

Nesse conjunto, é importante ater-se à grande área "Ciências Sociais Aplicadas", que, situada no Colégio de Humanidades, possui ao todo 13 áreas do conhecimento, são elas: Direito, Museologia, Comunicação, Serviço Social, Economia Doméstica, Desenho Industrial, Turismo, Administração, Economia, Arquitetura e urbanismo, Planejamento Urbano e Regional, Demografia, e Ciência da informação (PLATAFORMA SUCUPIRA, 2017).

A Ciência da Informação é compreendida, no Brasil, como campo de conhecimento das Ciências Sociais Aplicadas, que, segundo Oliveira (2005), está voltada aos estudos dos processos informacionais, tais como produção, tratamento, processo, organização e uso da informação.

Ilustração 4 – Ciência da Informação: subáreas e especialidades



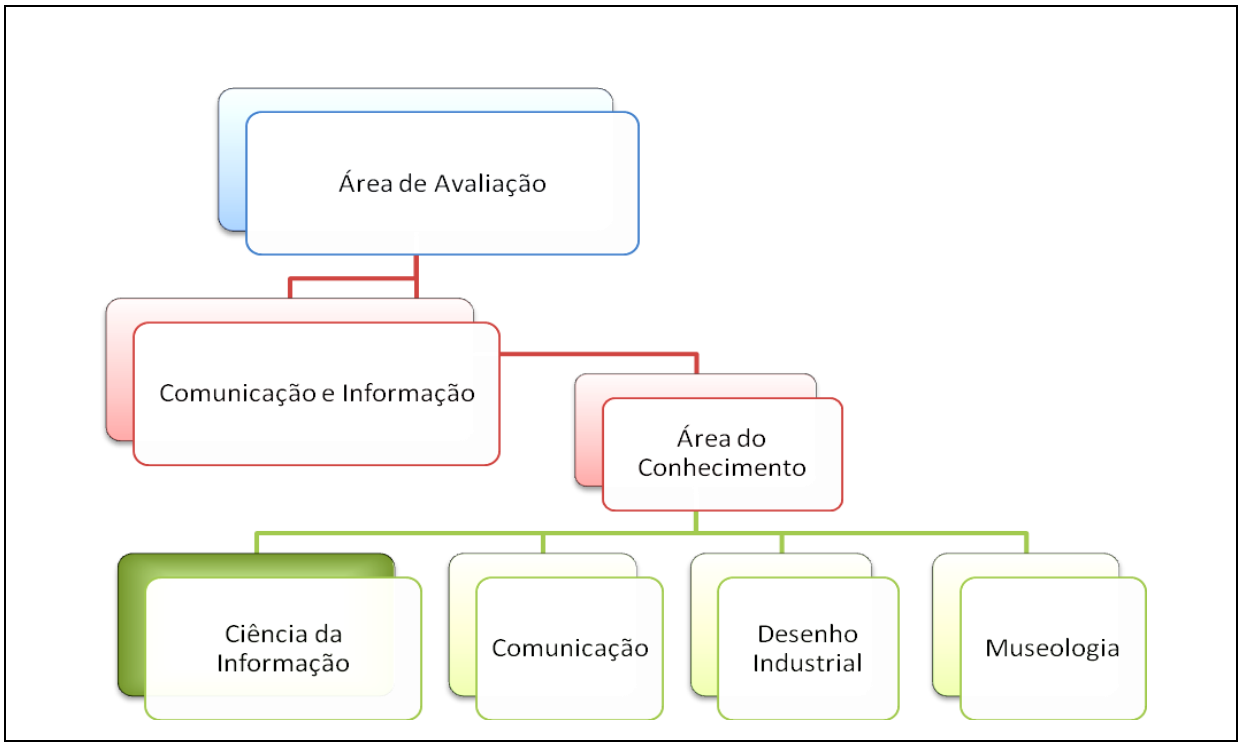
Fonte: Adaptado da Plataforma Sucupira/CNPq (2017).

A Ciência da Informação é subdividida em Biblioteconomia, Arquivologia e Teoria da Informação, que, por sua vez, estão divididas nas especialidades mostradas na Ilustração 4. Essas, por sua vez, se ramificam, respectivamente, em Teoria da Classificação, Métodos quantitativos, Bibliometria, Técnicas de Recuperação de Informação e Processos de

Disseminação da Informação; Teoria geral da Informação, Processos da Comunicação e Representação da Informação; e Organização de Arquivos.

Araújo (2011) considera a informação e a interdisciplinaridade elementos capazes de promover a cooperação entre Arquivologia e a Biblioteconomia, dentro do escopo da Ciência da Informação. As práticas de cooperação possibilitariam um abrandamento das rígidas fronteiras disciplinares, trazendo benefícios teóricos e práticos, permitindo que estas áreas deixem de ser ciências localizadas dos arquivos e das bibliotecas.

Ilustração 5 – Ciência da Informação como área do conhecimento



Fonte: Adaptado da Plataforma Sucupira/CNPq (2017).

Nesse horizonte, segundo Tanus e Araújo (2012), nos anos de 1980, ocorreu o Simpósio Internacional promovido pelo Programa Geral de Informação (PGI) da UNESCO, em Paris, que teve como objetivo encontrar elementos comuns entre Arquivologia, Biblioteconomia e Ciência da Informação para que pudesse se constituir um núcleo comum de formação profissional, entre estas três áreas. Com efeito, segundo Mueller (1984), uma das pesquisadoras presentes no evento, há uma preocupação em torno dessas três profissões ligadas à informação decorrente da necessidade de uma maior cooperação entre elas no nível acadêmico, quanto aos recursos físicos e humanos, para que assim possam ser maximizados

os recursos existentes, sem que houvesse a absorção de uma área pela outra (MUELLER, 1984; TANUS; ARAÚJO, 2012).

Portanto, numa perspectiva de conformação de seu domínio epistêmico-disciplinar, faz-se necessário atentar-se à interdisciplinaridade presente nestas pesquisas, que devem ter como fundamento e orientação programas disciplinares que agreguem o que Gonzalez de Gómez (2000, p. 7) denomina de "excedente epistemológico ou um excedente de problematização a todas hipóteses construídas num domínio interdisciplinar", ou seja, programas disciplinares que promovam construções disciplinares identificadoras.

Sob outra ótica de consulta, na Plataforma Sucupira (2017), foi possível a recuperação da Ciência da Informação ramificada da Área de Avaliação "Comunicação e Informação". Portanto, possui três formas diferentes de situar a Ciência da Informação como área de conhecimento. Esta terceira forma foi identificada a partir dos "Cursos Recomendados e Reconhecidos". A consulta aos cursos recomendados e reconhecidos pode ser feita por área de avaliação, nota e região. Nesta pesquisa optou-se por "Área de Avaliação". O detalhamento de cada programa e seus respectivos cursos trazem as informações: dados básicos (endereço, telefones, email e instituição); área de avaliação, área básica e áreas de concentração do programa; especificação dos cursos do programa que estão em funcionamento ou estão em projeto; bem como portarias e Conselho Nacional de Educação (CNE) de reconhecimento.

Na Ilustração 5, observou-se que a Área de Avaliação denominada "Comunicação e Informação" contempla, além da Ciência da Informação, três áreas do conhecimento, Comunicação; Desenho Industrial e Museologia.

6.2 Programas e Cursos de Pós-Graduação

Segundo a "Coleta Capes" da Plataforma Sucupira (2017), há atualmente no Brasil 25 cursos e programas de pós-graduação *stricto senso* que possuem como área básica a Ciência da Informação. O Quadro 1 retrata a localização desses cursos e programas, bem como sua situação, modalidade e avaliação. É possível observar que há cinco Programas de Pós-graduação que se encontram desativados, são eles: Ciência da Informação da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCCAMP), Ciências da Informação da UFRJ, Ciências da Informação da Universidade Federal Fluminense (UFF); Ciências da Informação e Documentação da Universidade de São Paulo (USP) e Gestão da Informação da Universidade Estadual de Londrina (UEL).

O Programa de Pós-Graduação da Fundação Universidade Federal de Sergipe (UFS) encontrava-se na fase de projeto no período da pesquisa, na modalidade Mestrado Profissional.

No conjunto, 19 programas estão em funcionamento, sendo que destes se podem identificar 11 (onze) nos níveis de Mestrado e Doutorado (USP; UNESP; UFBA; UFPB; UFPE; UFSC; UFF; UFRJ-IBICT; UNB; além de dois na UFMG), quatro na no nível de Mestrado na modalidade Acadêmico (UFPA; UFSCAR; UEL e UFC) quatro no nível de Mestrado na modalidade Profissional (UDESC; FCRB; USP; UFRN).

Ainda de acordo com o Quadro 1, na Região Nordeste, existem três Programas de Pós-Graduação *stricto senso* em Ciência da Informação (UFPB; UFPE e UFBA) e três cursos de mestrado: um na modalidade Acadêmico (UFC) e dois na modalidade Profissional (UFRN e FUFSE).

Na Região Sudeste, constatam-se os programas da UNESP; UFF; UFRJ; USP; além de outros dois na UFMG, um Mestrado Acadêmico na UFSCAR, bem como, um curso na modalidade Mestrado Profissional na Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB) e outro na USP.

Já, na Região Sul, encontram-se os programas da UFSC e da UEL, e um curso de Mestrado profissional na UDESC.

Há apenas um Programa de pós-graduação na Região Centro-Oeste, na UNB, e um curso de Mestrado acadêmico, na Região Norte, que foi implantado recentemente na UFPA.

Além disso, pode-se observar a implantação de novos cursos não mencionados no Quadro 1, na medida em que se encontram nas áreas básicas de Arquivologia e Biblioteconomia, mas tem como área do conhecimento a Ciência da Informação. Estes pertencem, portanto, a esta área de conhecimento, contudo, apresentam duas particularidades, a modalidade profissional e a delimitação de uma área básica, que correspondem às subáreas 1 e 3 da ilustração 4.

Quadro 1 – Programas de Pós-Graduação com área básica em Ciência da Informação

Programa	Instituição	Área Básica	Modalidade			Situação
			M	P	D	
Ciência da Informação	Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCCAMP)	Ciência da Informação	-	-	-	Desativado
Ciência da Informação	Universidade de São Paulo (USP)	Ciência da Informação	5	-	5	Em funcionamento
Gestão da Informação	Universidade de São Paulo (USP)	Ciência da Informação	-	4	-	Em funcionamento
Ciência da Informação	Universidade Est. Paulista Júlio de Mesquita Filho/Marília (UNESP/MAR)	Ciência da Informação	6	-	6	Em funcionamento
Ciência da Informação	Universidade Federal da Bahia (UFBA)	Ciência da Informação	4	-	4	Em funcionamento
Ciência da Informação	Universidade Federal da Paraíba/João Pessoa (UFPB/JP)	Ciência da Informação	4	-	4	Em funcionamento
Ciência da Informação	Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)	Ciência da Informação	4	-	4	Em funcionamento
Ciência da Informação	Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)	Ciência da Informação	4	-	4	Em funcionamento
Ciência da Informação	Universidade Federal de são Carlos (UFSCAR)	Ciência da Informação	3	-	-	Em funcionamento
Ciência da Informação	Universidade Federal do Pará (UFPA)	Ciência da Informação	3	-	-	Em funcionamento
Ciência da Informação	Fundação Universidade Federal de Sergipe (FUFSE)	Ciência da Informação	-	3	-	Em projeto
Ciência da Informação	Universidade Federal do Ceará (UFC)	Ciência da Informação	3	-	-	Em funcionamento
Ciência da Informação	Universidade Federal Fluminense (UFF)	Ciência da Informação	4	-	4	Em funcionamento
Ciência da Informação - UFRJ - IBICT	Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)	Ciência da Informação	5	-	5	Em funcionamento

Ciências da Informação	Universidade de Brasília (UNB)	Ciência da Informação	4	-	4	Em funcionamento
Ciências da Informação	Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)	Ciência da Informação	6	-	6	Em funcionamento
Ciências da Informação	Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)	Ciência da Informação	-	-	-	Desativado
Ciências da Informação	Universidade Federal Fluminense (UFF)	Ciência da Informação	-	-	-	Desativado
Ciências da Informação e Documentação	Universidade de São Paulo (USP)	Ciência da Informação	-	-	-	Desativado
Ciência da Informação	Universidade Estadual de Londrina (UEL)	Ciência da Informação	3	-	-	Em funcionamento
Gestão & Organização do Conhecimento	Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)	Ciência da Informação	5	-	5	Em funcionamento
Gestão da Informação	Universidade Estadual de Londrina (UEL)	Ciência da Informação	-	-	-	Desativado
Gestão da Informação	Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)	Ciência da Informação	-	3	-	Em funcionamento
Memória e Acervos	Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB)	Ciência da Informação	-	3	-	Em funcionamento
Gestão da Informação e do Conhecimento	Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)	Ciência da informação	-	3	-	Em funcionamento

Fonte: Adaptado da Plataforma Sucupira/CNPq (2017). Legenda: M = mestrado acadêmico. P = mestrado profissional. D = doutorado.

Como se pode observar no Quadro 2, há três cursos na modalidade Mestrado Profissional que se encontram na Área do conhecimento da Ciência da Informação, porém, nas áreas básicas de Arquivologia e Biblioteconomia, que são ofertados na UFCA e na UNIRIO. Dois tem como nome Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia e o último Programa de Pós-Graduação em Gestão de Documentos e Arquivos.

Quadro 2 – Cursos da Pós-Graduação da Área Básica Biblioteconomia

Programa	**Instituição**	**Área Básica**	**Modalidade**			**Situação**
			M	**P**	**D**	
Biblioteconomia	Universidade Federal do Cariri (UFCA)	Biblioteconomia	-	3	-	Em funcionamento
Biblioteconomia	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)	Biblioteconomia	-	3	-	Em funcionamento
Gestão de Documentos e Arquivos	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)	Arquivologia	-	3	-	Em funcionamento

Fonte: Adaptado da Plataforma Sucupira/CNPq (2017). Legenda: M = mestrado acadêmico. P = mestrado profissional. D = doutorado.

A diferença de áreas básicas e, complementarmente, a manutenção da grande área evidenciam, ao mesmo tempo, a construção de programas de pesquisa e de programas disciplinares na Ciência da Informação. Segundo Lenoir (2004, p. 76), programas de pesquisa "são caracterizados menos por sua preocupação em organizar a sociedade do que por seu foco orientado a problemas, mediante seu esforço para dominar os ciclos de crédito e os recursos disponíveis para estender e legitimar produtos de pesquisa." Idealizadores de disciplinas exploram os programas de pesquisa como recursos políticos para conquistar metas institucionais e suas condições de sucesso dependem das condições do mercado.

Já programas disciplinares são

> fundamentalmente institucionais na sua orientação, estão mais preocupados em estabelecer atribuições, facilitar ligações com outras disciplinas e permitir a transmissão de técnicas e ferramentas conceituais do campo científico a grupos (potencialmente múltiplos) de usuários de disciplinas vizinhas e a pessoas em treinamento para tipos particulares de carreiras (LENOIR, 2004, p. 76).

Os programas disciplinares são estratégias para ordenar, estruturar partes do campo científico, por meio do desenvolvimento de "canais de recrutamento", de prestação de serviços, capacitação, treinamento, de construções de alianças políticas, acordos, e convênios com campos vizinhos. As condições para o êxito de um programa disciplinar dependem não

somente da qualidade do conhecimento e das habilidades produzidas, mas, sobretudo, do mercado dessas habilidades dentro da economia política das práticas.

A orientação a uma epistemologia interdisciplinar da Ciência da Informação tem se apresentado como propagadora desse desenho plural de programas disciplinares. Os múltiplos projetos disciplinares trabalham na mesma ótica, ou seja, resolvendo problemas bibliográficos, documentários e/ou informacionais, no entanto, com suas próprias teorias, conceitos e métodos. Porém, em uma concepção de conformação de seu domínio epistêmico-disciplinar, suas práticas de pesquisa deverão ter como base e orientação os programas disciplinares, visto que esses demarcam limites de especialidades, são discursos de poder e instrumentos para a produção do conhecimento.

Para Saracevic (1996), a interdisciplinaridade foi introduzida na área e continua sendo até hoje pelas muitas diferenças de formação e áreas de origem das pessoas que tratam dos problemas desta ciência. Sendo assim, a Ciência da Informação deve buscar, na relação entre disciplinaridade e interdisciplinaridade, estruturar problemas, coordenar reflexões e discussões, regularizar conceitos, métodos e teorias que possibilitem, em médio prazo, ao menos, elucidar os elementos identificadores de seu campo disciplinar.

A interdisciplinaridade propicia que duas ou mais disciplinas interajam entre si de modo a tornar possível a complementação de métodos, conceitos, estruturas e axiomas sobre os quais se fundam suas práticas. É importante atentar ao fato de não confundi-la com multi- ou pluridisciplinaridade, que corresponde à "justaposição de duas ou mais disciplinas, com objetivos múltiplos sem relação entre si, com certa cooperação, mas sem coordenação num nível superior" (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2006).

Paviani (2008) observa com o mesmo cuidado a redução da interdisciplinaridade à justaposição de atividades, ao relacioná-la a um simples arranjo de disciplinas ou mera colaboração entre professores sem uma análise de suas implicações epistemológicas e metodológicas. "A superficialidade prejudica o entendimento do fenômeno, e o desgaste conceitual só aumenta a confusão da vida acadêmica constantemente em luta entre a tradição e a renovação" (PAVIANI, 2008, p. 10). O autor atribui a origem da interdisciplinaridade às transformações dos modos de produzir ciência e de perceber a realidade, bem como ao desenvolvimento dos aspectos político-administrativos do ensino e da pesquisa nas instituições científicas.

Para delinear esses programas disciplinares é importante ater-se as transformações que, segundo Souza (2012), os programas de pós-graduação vem sofrendo com o passar dos anos, nas suas áreas de concentração e linhas de pesquisa. Em grande medida, estas

transformações, decorreram da exclusão das denominações Biblioteconomia e Documentação, anteriormente utilizadas.

Quadro 3 – Áreas de Concentração dos Cursos/PPGCI

Programa	Áreas de Concentração do Programa
Mestrado acadêmico/ UFC	Representação e Mediação da Informação e do Conhecimento
PPGCI/UFPB/JP	Informação, Conhecimento e Sociedade
PPGCI/UFPE	Informação, Memória e Tecnologia
PPGCI/UFBA	Informação e Conhecimento na Sociedade Contemporânea
PPGCI/UFRJ	Informação e Mediações Sociais e Tecnológicas para o Conhecimento
PPGCI/UFF	Dimensões contemporâneas da Informação e do Conhecimento
Mestrado Acadêmico/UFSCAR	Conhecimento, Tecnologia e Inovação
PPGCI/USP	Cultura e informação
PPGCI/UNESP/MAR	Informação, Tecnologia e Conhecimento
Mestrado Acadêmico/UEL	Organização, Acesso e Apropriação da Informação e do Conhecimento
PPGCI/UFSC	Gestão da Informação
PPGCI/UFMG	Produção, Organização e Utilização da Informação
PPGGOC/UFMG	Representação do Conhecimento
PPGCI – UNB	Gestão da Informação
Mestrado Profissional/ UDESC	Gestão da Informação
Mestrado Profissional/FCRB	Acervos Públicos e Privados: Gerenciamento, Preservação, Acesso e Usos
Mestrado Profissional/UFRN	Informação e Conhecimento na Sociedade Contemporânea
Mestrado Profissional/USP	Organização, Mediação e Circulação da Informação
Mestrado Profissional/FUFSE	Gestão da Informação e do Conhecimento e Sociedade
Mestrado Acadêmico/UFPA	Gestão da Informação e Organização do Conhecimento
Mestrado Profissional/UFCA	Biblioteconomia na Sociedade Contemporânea
Mestrado Profissional/UNIRIO	Biblioteconomia e Sociedade
Mestrado Profissional/UNIRIO	Gestão de Arquivos na Arquivologia Contemporânea

Fonte: Adaptado da Plataforma Sucupira (2017).

A partir do Quadro 3 pode-se ter uma visão acerca das áreas de concentração dos cursos e programas de pós-graduação em Ciência da Informação brasileiros. Pode-se observar que o termo *informação*, que expressa o objeto de estudo da Ciência da Informação, está explícito em quase todas as áreas de concentração dos cursos e programas de pós-graduação em Ciência da Informação no Brasil, menos no PPGCI/UFSCAR, no PPGGOC/UFMG e no Mestrado Profissional/FCRB.

O termo *conhecimento* vem em seguida, presente nas áreas de concentração de 12 cursos e programas das seguintes instituições: UFC, UFPB, UFBA, UFRJ, UFF, UFSCAR, UNESP, UEL, UFMG, UFRN, FUFSE e UFPA.

O termo *gestão* está presente nas áreas de concentração, de cinco cursos e programas das seguintes instituições: UFSC, UNB, UDESC, FUFSE e UFPA. Nesse mesmo horizonte de programas disciplinares, há o uso do termo gerenciamento na área de concentração do Mestrado Profissional/FCRB.

O termo *sociedade* também compõe as áreas de concentração cinco cursos e programas de pós-graduação das seguintes instituições: UFPB, UFBA, UFRN, FUFSE e UFCA.

Já o termo *tecnologia*, bem como sua derivação (tecnológicas), estão presentes nas áreas de concentração de em quatro cursos e programas da UFPE, UFRJ, UFSCAR e UNESP.

No quadro 3, merece destaque as linhas de concentração dos cursos de mestrado da UFCA e da UNIRIO, na medida em que estas apontam para a delimitação das subáreas de Arquivologia e Biblioteconomia. A primeira está presente no Mestrado Profissional/UNIRIO em Gestão de Arquivo e a segunda nos mestrados profissionais da UFCA e da UNIRIO em Biblioteconomia.

Pode-se considerar que, no decorrer dos últimos anos, vem havendo uma série de transformações disciplinares e interdisciplinares, seguindo o desenvolvimento da ciência como um todo. No que concerne à Ciência da Informação, em particular, possivelmente tenha havido redefinições nas relações disciplinares em função da difundida sociedade da informação e do desenvolvimento e aplicação das novas tecnologias de informação e comunicação, nos últimos anos (SOUZA, 2011).

Por outro lado, nos programas de pós-graduação pesquisados, há uma dinâmica expressa por meio de suas áreas de concentração que possibilita aproximações e semelhanças com a área. Relacionando aos resultados apresentados no trabalho de Pinheiro (2007), pode-se observar que o objeto de estudo, *informação*, continua presente nas áreas de concentração. Além disso, é importante observar que em nove descrição das áreas de concentração,

informação vem acompanhada de *conhecimento*, uma "relação que permeia os estudos desse campo, com forte abordagem cognitiva". O termo *tecnologia*, que em 2007 só constava de uma área de concentração, atualmente aparece em quatro, e mais fortemente nos programas do Sudeste. Já o termo *sociedade* está muito relacionado aos programas do Nordeste do país.

A especificação do domínio disciplinar da Ciência da Informação requer uma reflexão epistemológica que diferencie o conceito de informação daqueles adotados em outros campos de conhecimento. Afinal, a multiplicidade que demanda o objeto de estudo "informação" exige a sua delimitação no contexto contemporâneo, que significa contextualizá-lo no processo amplo de globalização e, adicionalmente, situá-lo no setor restrito do estudo e da prática profissional.

Mesmo que a interdisciplinaridade relacione-se a um domínio científico heterogêneo caracterizado, principalmente, pela constante disputa e pela relação de força, o discurso interdisciplinar é totalmente constituído a partir de constatações lógicas aparentemente homogêneas, que produzem uma série de consequências e trazem diversas implicações para a constituição e a consolidação do domínio disciplinar da Ciência da Informação no Brasil (SOUZA, 2011).

Os termos *mediação, apropriação, utilização, uso, produção, organização e acesso* também podem ser encontrados com alguma freqüência nas áreas de concentração dos programas. Esses termos possuem relação direta com o objeto de estudo da área, a *informação*, na medida em que identificam alguns processos informacionais.

Essa pluralidade presenta na descrição das áreas de concentração é constitutiva da conformação de seu campo disciplinar, uma vez que vem se organizando a partir de diferentes áreas do conhecimento, tais como Teoria da Comunicação, Ciência do Comportamento, Matemática, Computação, Linguística e Filosofia da Ciência. Por sua relação intrínseca com outros campos de produção, a Ciência da Informação se estende resultando novas zonas interdiscursivas. Ocorre que essa prática de produção inter e transdisciplinar dificulta identificar uma diferença específica do conhecimento informacional (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2000).

> A emergência desse diferencial demanda dos nossos programas de pesquisa o atendimento de uma condição específica, que denominaremos condição de agregação de um excedente epistemológico a toda hipótese epistemologicamente unidimensional: para fazer jus a sua especificidade, a pesquisa em Ciência da Informação deve agregar um excedente epistemológico ou um excedente de problematização a todas hipóteses construída num domínio interdisciplinar ou interdiscursivo (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2000, p. 7).

Partindo deste ponto, a reconstrução de um campo científico pode ser iniciada pelos programas de pesquisa, que pode ser progressivo ou estar num estado de estagnação. A zona que define a progressão destes não é o núcleo e sim a periferia, pois nela surgem os excedentes informacionais que renovarão o escopo e a abrangência do programa.

Sendo basicamente institucionais, os programas disciplinares estão mais preocupados em estabelecer atribuições, favorecer ligações com outras disciplinas e difundir técnicas e ferramentas conceituais do campo científico para usuários de disciplinas vizinhas capacitando-se para tipos particulares de carreira.

> Construtores de disciplinas exploram programas de pesquisa como recursos políticos para conquistar certas metas institucionais. Uma vez que isso é entendido, torna-se claro que as disciplinas não são necessariamente as histórias de sucessos de teorias ou programas de pesquisas particularmente poderosos. Esses últimos podem muito bem existir sem nunca ser institucionalizados como a base de uma disciplina, e as condições de sucesso dependem de condições do mercado, que não estão causalmente relacionadas com a visão ou o sucesso intelectual do programa de pesquisa (LENOIR, 2004, p.76-77).

Para o autor, pode-se identificar nos programas de pesquisa elementos/recursos políticos que orientem metas institucionais. Com efeito, programas de pesquisa bem-sucedidos não traduzem programas disciplinares bem-sucedidos. Portanto, é necessário delinear outros elementos que evidenciam os programas disciplinares da Ciência da Informação, sobretudo no Brasil, para que se possa analisar a constituição de seus programas de pesquisa.

6.3 Infraestrutura Básica do Domínio Disciplinar da Ciência da Informação

Conforme a pesquisa de Souza (2011), o campo da Ciência da Informação convive com crescentes processos de avanço e alargamento que dificultam coordenar discussões, conceitos, métodos e teorias que possibilitem evidenciar os elementos identificadores de seu domínio disciplinar. Mas, ele entende que "a superação desse estado exige programas e projetos disciplinares que partam desses elementos disciplinadores e alcancem os aspectos teóricos e metodológicos, em um processo integrativo" (SOUZA, 2012, p. 62).

No contexto da pós-graduação e da pesquisa, alguns elementos caracterizam o domínio disciplinar da Ciência da Informação no Brasil:

- o financiamento das pesquisas;
- o corpo docente-pesquisador dos programas de pós-graduação;
- a criação de associações ou sociedades científicas;

- a produção científica;
- os periódicos científicos e sua qualificação (OLIVEIRA, 1998; SOUZA, 2012).

Deste modo, pode-se dizer que sua história vem sendo construída com base no avanço e no amadurecimento de seus programas de pós-graduação, na realização dos eventos técnicos científicos, nas publicações científicas, bem como no reconhecimento dos periódicos e das associações existentes. É nesses espaços que os programas disciplinares são delineados, pois são as disciplinas que regulam as relações de mercado entre produtores e consumidores do conhecimento.

O financiamento da pesquisa no Brasil se dá através de diferentes sistemas e instituições de fomento, que estão ligadas direta ou indiretamente aos ministérios brasileiros. Segundo o Portal Brasil (2016), para fomentar a pesquisa científica em universidades e instituições pelo Brasil, diversos órgãos ligados ao Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT) e secretarias estaduais fornecem apoio financeiro para pesquisadores e cientistas brasileiros. Entre eles estão o CNPq a CAPES e algumas Fundações de Amparo à Pesquisa (FAP).

A CAPES trabalha para a expansão e a consolidação da pós-graduação *stricto sensu* (mestrado e doutorado) em todos os Estados, atuando em várias frentes, diversificando apoios e programas. É interessante apontar que existe atualmente uma extensa rede de atividades acadêmico-universitárias coordenadas por esta instituição. Ainda de acordo com o Portal Brasil (2016), nos últimos sete anos, foram criados 872 novos cursos de mestrado e 492 de doutorado.

O CNPq, complementarmente, oferece bolsas a estudantes do ensino médio, da graduação e da pós-graduação, a recém-doutores e a pesquisadores experientes. Estas bolsas são divididas em duas categorias principais: individuais, no Brasil e exterior, e por quota. Outra forma de apoio oferecido pelo CNPq é o auxílio à pesquisa. Entre as várias modalidades estão o subsídio a publicações científicas, o apoio à capacitação de pesquisadores por meio de intercâmbios científicos ou da promoção e atendimento a reuniões e congressos científicos (PORTAL BRASIL, 2016).

Quadro 4 – Financiadores da Pós-Graduação em Ciência da Informação no Brasil

CURSO/PROGRAMA	ORGÃOS FINANCIADORES
Mestrado Acadêmico /UFC	CNPq Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP) UFC

PPGCI/UFPB/JP	CAPES CNPq
PPGCI/UFPE	CAPES CNPq
PPGCI/UFBA	CAPES CNPq Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB) UFBA
PPGCI/UFRJ	CAPES CNPq Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo a Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) International Development Reserch Center (IDRC)
PPGCI/UFF	CAPES CNPq
PPGCI/UFSCAR	CAPES CNPq Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP)
PPGCI/USP	CAPES CNPq Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP)
PPGCI/UNESP	CAPES CNPq Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP) UNESP Fundação para o Desenvolvimento da UNESP (FUNDUNESP)
Mestrado Acadêmico/UEL	CAPES CNPq UEL Fundação Araucária de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Estado do Paraná (FA)
PPGCI/UFSC	CAPES CNPq Fundação de Amparo a Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catariana (FAPESC) União Européia (EU) UFSC
PPGCI/UFMG	CAPES

	CNPq Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) Agência Nacional de Energia Elétrica (ANEEL) UFMG Cemig Distribuição S. A. Fundação Universitária Mendes Pimentel (FUMP)
PPGGOC/UFMG	CAPES Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG)
PPGCI/UNB	CAPES CNPq Fundação de Empreendimentos Científicos e Tecnológicos (FINATEC)
Mestrado Profissional/UDESC	CNPq UDESC
Mestrado Profissional/FCRB	CNPq FAPERJ
Mestrado Profissional/UFRN	UFRN
Mestrado Profissional/USP	-
Mestrado Profissional/FUFSE	-
Mestrado Acadêmico/UFPA	-

Fonte: Adaptado da Plataforma Sucupira (2017).

As FAP são importantes financiadores presentes em 21 das 27 unidades da federação, e estão ligadas aos respectivos governos estaduais. Estas entidades atuam em quatro eixos principais. O primeiro é a pesquisa, ou seja, que compreende o financiamento de projetos em todas as áreas do conhecimento. O segundo é a formação de pesquisadores, por meio da concessão de bolsas em todos os níveis de formação. O terceiro é a inovação, incentivada por meio de programas e editais que associam pesquisadores e empresas. O último é a divulgação, que busca levar para a sociedade os resultados alcançados por esses trabalhos (PORTAL BRASIL, 2016).

Algumas universidades públicas também possuem suas próprias agências, fundações e fundos separados, que são regulados com o propósito de apoiar seus docentes e estudantes no que tange à pesquisa e ao desenvolvimento de inovações tecnológicas.

No Quadro 4, construído através da Plataforma Sucupira, é possível observar os financiadores dos Cursos e PPGCI no Brasil.

Observa-se que o financiamento da pós-graduação é mantido, em grande parte, pelos órgãos CNPq e CAPES. O primeiro é financiador de 15 programas de pós-graduação e o segundo, 13, ao todo. É importante considerar que não se sabe se estes órgãos dispõem da

maior parte do investimento nas pesquisas, no que se refere ao montante, mas apenas porque eles se fazem muito presentes no quadro.

O PPGCI/UFMG apresenta o maior número de financiadores, num total de sete: CAPES; CNPq; FAPEMIG; ANEEL; UFMG; Cemig Distribuição S. A. e FUMP. Este é seguido pelo PPGCI/UNESP, com um total de cinco financiadores: CAPES; CNPq; FUNCAP; UNESP; e FUNDUNESP.

O Mestrado profissional da UDESC é financiado apenas pelo CNPq e a própria universidade. Já os PPGCI da UFPB; UFPE e UFF são financiados apenas pelos órgãos CAPES e CNPq.

Não foi localizado, na plataforma, os financiadores dos três últimos cursos de pós-graduação do Quadro 4, ofertados na USP, FUFSE e UFPA.

Acrescenta-se que outro elemento fundamental na constituição do domínio disciplinar da Ciência da Informação no Brasil é o corpo docente pesquisador, que diz respeito à categoria acadêmica responsável por lecionar aulas nos programas de pós-graduação e realizar pesquisas na área. Assim, buscando construir uma rede da infraestrutura de pesquisa e pós-graduação, identificaram-se os coordenadores e vices-coordenadores dos GT da ANCIB, que representam os docentes pesquisadores da Ciência da Informação no Brasil, pois coordenam, orientam e publicam nas respectivas áreas de pesquisas.

Pode-se observar, no Quadro 5, um número expressivo de pesquisadores com titulação na área da Ciência da Informação, mais precisamente, 12 doutores e 13 mestres. Com efeito, com exceção do GT 11, todos os GT possuem ao menos um doutor em Ciência da Informação.

Reiterando a estreita relação entre a Ciência da Informação e a Biblioteconomia, além da presença desta como área básica, conforme Quadro 2, foram identificados 10 graduados e dois mestres em Biblioteconomia, um desses como obtenção do título no exterior. Por outro lado, há apenas um museólogo e nenhum arquivista neste rol representativo da pesquisa em Ciência da Informação no Brasil.

É possível observar também que, na área de Ciência da Computação, há dois graduados e um doutor; na área de Educação, um mestre e dois doutores; na área de Administração, um graduado, um mestre e um doutor; em Letras, um graduado e dois doutores; e, na área de Engenharia Elétrica, um graduado e um mestre. Além desses, também é possível observar pesquisadores de áreas como Ciências Biológicas, Estatística, Serviço Social, História, Química, Ciências Sociais e Difusão do conhecimento. Esses resultados da

pesquisa ratifica a pluralidade de formação dos pesquisadores que compõem o campo da Ciência da Informação.

Nessa constatação da pluralidade de áreas do conhecimento que compõe a Ciência da Informação desde sua origem, é válido retomar um pensamento de Brookes (1980, p. 128), para quem "a ciência da Informação é uma mistura peculiar de linguística, comunicação, ciência da computação, estatística, métodos de pesquisa, juntamente com algumas técnicas de biblioteconomia, tais como indexação e classificação".

Com o caminhar das ciências foram surgindo problemas que precisavam ser resolvidos e necessidades que deveriam ser atendidas para que pudesse dar continuidade e orientar o progresso científico. Neste contexto, foram criadas as associações científicas a fim de reunirem periodicamente, grupos de cientistas com o intuito de discutir ideias correlatas a um determinado domínio do conhecimento, aperfeiçoá-las, problematizá-las, contextualizá-las, sobretudo, disseminá-las para toda comunidade científica e sociedade em geral.

Quadro 5 – Coordenadores e Vices-Coordenadores dos GT/ANCIB

GT	Coordenador	Formação/Titulação	Vice-Coordenador	Formação/Titulação
01	Isa Maria Freire	Ciências Sociais (G) Ciência da Informação (M/D)	Edivanio Duarte de Souza	Biblioteconomia (G) Ciência da Informação (M/D)
02	Gercina Ângela Borem de Oliveira Lima	Biblioteconomia (G) Library Science (M) Ciências da Informação (D)	Hildenise Ferreira Novo	Biblioteconomia e Documentação (G) Ciências da Informação (M) Difusão do Conhecimento (D)
03	Lídia Eugênia Cavalcante	Biblioteconomia (G) História Social (M) Educação (D)	Martha Suzana Cabral Nunes	Administração (G) Educação (M) Ciência da Informação (D)
04	Alzira Karla da Silva	Biblioteconomia (G) Ciência da Informação (M/D)	Emeide Nóbrega Duarte	Biblioteconomia (G) Ciência da Informação (M) Administração (D)
05	Terezinha Elisabeth da Silva	Biblioteconomia (G/M) Multimeios (D)	Rodrigo Moreno Marques	Engenharia Elétrica (G) Ciências da Informação (M/D)
06	Helena Maria Tarchi Crivellari	Serviço Social (G) Administração (M) Educação (D)	Gabriela Belmont de Farias	Biblioteconomia (G) Ciência da Informação (M/D)
07	Rogério Mugnaini	Estatística (G) Ciência da Informação (M/D)	Fábio Castro Gouveia	Ciências Biológicas (G) Ciências (Microbiologia) (M) Química Biológica (D)
08	José Eduardo Santarém Segundo	Tecnologia em Processamento de Dados (G) Ciência da Informação (M/D)	Moisés Lima Dutra	Ciências da Computação (G/D) Engenharia Elétrica (M)
09	Luisa Maria Gomes de Mattos Rocha	Museologia (G) Ciência da Informação (M/D)	Alegria Célia Benchimol	Licenciatura Plena em Português e Francês (G) Ciência da Informação (M/D)
10	Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira	Biblioteconomia (G) Ciência da Informação (M) Letras (D)	Leila Beatriz Ribeiro	História (G) Ciência da Informação (M/D)
11	Marcello Peixoto Bax	Ciência da Computação (G) Informatique et Matematique (M) Informática (D)	Zeny Duarte de Miranda	Biblioteconomia e Documentação (G) Letras e Lingüística (D)

Fonte: ENANCIB (2017) e Plataforma Lattes (2017).

No progresso da ciência, às associações científicas foram sendo agregados papéis e funções cada vez mais relevantes, as comunidades científicas foram se diversificando, ampliando-se, tornando-se normativas, com competências e poderes. Além das comunicações informais, as reuniões periódicas dessas associações resultam em publicações que expressam o pensamento da comunidade científica veiculando resultados de estudos, pesquisas e debates. Essas sociedades científicas promovem a institucionalização do campo científico por intermédio de sua atuação político-científica (SOUZA, 2011).

Segundo o Quadro 6, há no Brasil duas associações expressamente vinculadas à área da Ciência da Informação, a ANCIB e a ABECIN, embora esta não se dedique especificamente à pesquisa vinculada à pós-graduação.

Quadro 6 – Associações Científicas da Ciência da Informação no Brasil

ASSOCIAÇÕES CIENTÍFICAS	**SITE**
Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB)	http://www.ancib.org.br/
Associação Brasileira de Educação em Ciência da Informação (ABECIN)	http://www.abecin.org.br/

Fonte: ANCIB (2017) e ABECIN (2017).

A ANCIB é uma sociedade civil, sem fins lucrativos, que foi fundada em junho de 1989 graças ao empenho de alguns Cursos e Programas de Pós-Graduação da área no país. A Associação admite sócios institucionais (Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação) e sócios individuais (professores, pesquisadores, estudantes de pós-graduação e profissionais egressos dos programas). Possui como finalidade acompanhar e estimular as atividades de ensino de pós-graduação e de pesquisa em Ciência da Informação no Brasil. Tem se projetado, no país e fora dele, como uma instância de representação científica e política importante para o debate sobre questões pertinentes à área de informação (ANCIB, 2017).

As atividades da ANCIB são estruturadas em duas frentes: os Programas de Pós-Graduação *stricto sensu*, que são representados pelos seus coordenadores, e o ENANCIB, fórum de debates e reflexões que reúne pesquisadores interessados em temas especializados da Ciência da Informação. O Encontro é organizado em GT que já passaram por algumas modificações, mas hoje estão dispostos da seguinte forma:

- GT 01 – Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação
- GT 02 – Organização e Representação do Conhecimento
- GT 03 – Mediação, Circulação e Apropriação da Informação
- GT 04 – Gestão da Informação e do Conhecimento
- GT 05 – Política e Economia da Informação
- GT 06 – Informação, Educação e Trabalho
- GT 07 – Produção e Comunicação da Informação em Ciência, Tecnologia & Inovação
- GT 08 – Informação e Tecnologia
- GT 09 – Museu, Patrimônio e Informação
- GT 10 – Informação e Memória
- GT 11 – Informação & Saúde (ANCIB, 2017)

Nas denominações dos GT da ANCIB, é possível observar, mais uma vez, que permanece forte a pluralidade nas pesquisas desenvolvida no campo da Ciência da Informação, mas o objeto de estudo da área, a *informação*, mantém-se expressamente presente, na medida em que, num total de 12, aquele compõe a descrição de 11 GT.

Os termos *conhecimento* e *tecnologia* fazem parte de apenas dois GT. Além desses, há outros que expressam, em certa medida, os programas de pesquisa e os programas disciplinares das áreas, tais como *memória, patrimônio, museu, saúde, política, economia, educação, comunicação, trabalho* e *inovação*.

É importante observar que, na descrição dos GT, termos como *organização, representação, mediação, circulação, apropriação, gestão e produção*, expressam parte dos processos abordados na Ciência da Informação, e, por conseguinte, se encontram relacionados à *informação* ou ao *conhecimento*.

> O discurso interdisciplinar é constituído por uma diversidade de formações discursivas que se entrecruzam em uma rede interdiscursiva, mas que se organizam, principalmente em torno de quatro espaços discursivos: o novo modelo de tecnociência contemporânea, a multiplicidade de origem da Ciência da Informação, o imperativo tecnológico e a complexidade de seu objeto de estudo (SOUZA, 2015, p. 127-128)

E foi justamente sobre essas formações discursivas que o XVI ENANCIB, realizado em 2016, trouxe como tema "Descobrimentos da Ciência da Informação: desafios da Multi, Inter e Transdisciplinaridade (MIT)", realizado em Salvador, Bahia, para dar continuidade a esse debate tão aprazível em torno da disciplinaridade da área.

A ABECIN, por sua vez, é uma entidade que possui como a finalidade assegurar o debate sobre a formação de pessoas comprometidas com a manutenção e a ampliação de um corpo profissional atuante nos campos das práticas da Ciência da Informação, tendo vínculo estreito com o corpo profissional desses campos.

A ABECIN é, também, um espaço político no qual a discussão sobre a perspectiva da construção e experimentação de saberes é tão importante e significativa quanto à ação de praticar esses saberes conquistados, possuindo deste modo, quatro vertentes que são fundamentais ao seu trabalho:

- os saberes dos conteúdos do respectivo campo já existentes e prontos para serem utilizados, transmitidos, adaptados e transformados;
- os saberes de como realizar a transposição didática desses conteúdos para a formação das competências, habilidades e atitudes dos profissionais egressos dos cursos;
- os saberes derivados da transposição didática e seu efeito na consolidação dos saberes profissionais nos egressos dos cursos;
- os saberes sobre os melhores métodos e técnicas de ensino a serem empregados na formação das habilidades e das atitudes esperadas pelos usuários dos serviços prestados pelos egressos da escola (ABECIN, 2016)

Sob esta perspectiva, a ABECIN é uma associação de educação instituída pelo campo de ensino, por sua vez estabelecido pelo corpo profissional. É parte integrante do sistema de conhecimento e de ação política do corpo profissional do campo das profissões da informação, representado pela Ciência da Informação, como um todo.

Por fim, mas não menos importante, os periódicos científicos se apesentam como importantes elementos disciplinadores da Ciência da Informação, que se expressam basicamente na definição de seu foco e de seu escopo de atuação na área de conhecimento. Com efeito, dentre as diversas atividades técnico-científicas, a produção científica é uma das que merece maior destaque, pois é através dela que o conhecimento produzido pode ser difundido e democratizado para a comunidade científica, sobretudo, para a sociedade no geral. Esta produção é um dos meios pelo qual a universidade ou instituição de pesquisa se faz presente no saber-fazer científico.

No rol destas produções, há a revista científica, que é uma publicação periódica, por isso também chamada de periódico científico, destinada a promover o progresso da ciência, geralmente noticiando novas pesquisas e discussões da área. A maioria das revistas e/ou

periódicos contém artigos que foram submetidos a revisão por pares, numa tentativa de assegurar que estes possuam padrões de qualidade e validade científica da publicação, tornando-se parte de um registro científico permanente.

No Brasil, estes periódicos são avaliados pela Fundação Capes através do Qualis-Periódicos, que é um sistema utilizado para classificar a produção científica dos programas de pós-graduação no que diz respeito aos artigos publicados nestes veículos**.** Segundo a Capes (2016), a classificação é realizada pelos comitês de consultores de cada área de avaliação seguindo critérios previamente definidos, que procuram refletir a importância relativa dos diferentes periódicos para uma determinada área. A classificação de periódicos é realizada pelas áreas de avaliação e, anualmente, passa por um processo de atualização. Esses veículos são enquadrados em estratos indicativos da qualidade - A1, o mais elevado; A2; B1; B2; B3; B4; B5; e C - com peso zero (CAPES, 2017).

No quadro 7, podem-se observar os periódicos científicos brasileiros da área da Ciência da Informação, bem como o foco e escopo, o período de cobertura e seus estratos indicadores de qualidade (Qualis).

Quadro 7 – Periódicos Científicos da Ciência da Informação no Brasil

PERIÓDICO CIENTÍFICO	**ISSN**	**FOCO E ESCOPO**	**PERÍODO DE COBERTURA**	**QUALIS (2013-2016)**
Archeion Online	2318-6186	Arquivologia	2014-	C
AtoZ	2237-826x	Administração Ciência da Informação Tecnologia	2011-	B2
Biblionline	1809-4775	Arquivologia Biblioteconomia Ciência da Informação Museologia	2005-	B5
Biblioteca Escolar em Revista	2238-5894	Biblioteca Escolar Leitura	2012-	B3
Bibliotecas Universitárias: pesquisas, experiências e perspectivas	2237-7115	Biblioteconomia Ciência da Informação	2011-	C
Biblos: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação	0102-4388	Ciência da Informação	1985-	B3
Brazilian Journal of Information Science	1981-1640	Arquivologia Biblioteconomia Ciência da Informação Museologia	2006-	B1
Ciência da Informação	1518-8353	Ciência da Informação	1972-	B1
Ciência da Informação em Revista	2358-0763	Administração	2014-	B5

		Arquivologia Biblioteconomia Ciência da Computação Ciência da Informação Comunicação Social Engenharia de Produção Museologia		
Comunicação & Informação	1415-5842	Ciência da Informação Cinema Gestão da Informação Jornalismo Publicidade e Propaganda Relações Públicas	1998-	B2
RCA - Revista Conhecimento em Ação	2525-7935	Biblioteconomia Gestão de Unidades de Informação	2016-	B5
Revista CRB-8 Digital	2177-1278	-	-	B5
Data Grama Zero	1517-3801	Ciência da Informação	1999-2015	B3
Em Questão	1808-5245	Ciência da Informação	2003-	A2
Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação	1518-2924	Arquivologia Biblioteconomia Ciência da Informação	1996-	A2
Revista Folha de Rosto	2447-0120	Biblioteconomia Ciência da Informação	2015-	B5
InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação	2178-2075	Área Informacional	2010-	B1
Informação & Informação	1981-8920	Arquivologia Biblioteconomia Ciência da Informação	1996-	A2
Informação & Sociedade: Estudos	1809-4783	Biblioteconomia Ciência da Informação	1991-	A1
Informação & Tecnologia	2358-3908	Administração Ciência Cognitiva Ciência da Informação Ciência da Computação Ciências da Saúde Direito Educação Engenharia Geografia Linguística	2014-	B5
Informação Arquivística	2316-7300	Arquivologia	2012-	B5
Informação em Pauta	2525-3468	Arquivologia Biblioteconomia Ciência da Informação		B5
Informação@Profissões	2317-4390	Ciência da Informação	2012-	B5
Liinc em Revista	1808-3536	Produção, Circulação e Apropriação da Informação e do Conhecimento	2005-	B1

Múltiplos Olhares em Ciência da Informação	2237-6658	Arquivologia Biblioteconomia Ciência da Informação Museologia	2012	B5
Perspectivas em Ciência da Informação	1981-5344	Arquivologia Biblioteconomia Ciência da Informação Museologia	1996-	A1
Perspectivas em Gestão & Conhecimento	2236-417x	Gestão Conhecimento	2011-	B1
Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia	1981-0695	Ciência da Informação Inclusão Social Informação	2006-	B1
Ponto de Acesso: Revista do Instituto de Ciência da Informação da UFBA	1981-6766	Campo da Informação	2007-	B1
RACin – Revista Analisando em Ciência da Informação	2317-9708	Arquivologia Biblioteconomia Ciência da Informação Computação Comunicação Museologia	2013-	B5
RBBD: Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação	1980-6949	Biblioteconomia Ciência da Informação	1973-	B1
RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação	1678-765x	Biblioteconomia Ciência da Informação	2003-	B1
REBECIN: Revista Brasileira de Educação em Ciência da Informação	2358-3193	Arquivologia Biblioteconomia Ciência da Informação Gestão da Informação Museologia	2014-	B5
RECIIS: Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde	1981-6278	[Não identificado]	2007-	B1
Revista ACB	1414-0594	Arquivologia Biblioteconomia Ciência da Informação Documentação Museologia	1996-	B2
RICI: Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação	1983-5213	Ciência da Informação	2008-	B1
Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação	1983-5116	Ciência da Informação	2008-	B1
Transinformação	2318-0889	Arquivologia Biblioteconomia Ciência da Informação Museologia	1989-	A1

Fonte: LT*i* (2017) e Plataforma Sucupira (2017).

Segundo o Quadro 7, há, ao todo, 38 periódicos da Ciência da Informação, no Brasil. Desse total, 29 indicam expressamente a Ciência da Informação como foco e escopo; 18 incluem a Biblioteconomia; 14 a Arquivologia; nove, a Museologia; dois, a Ciência da Computação e também dois incluem a Gestão da Informação.

É possível constatar uma forte ligação das áreas recorrentes na Ilustração 6 com a formação dos pesquisadores que coordenam as atividades de pesquisa da Ciência da Informação, no Brasil, do Quadro 5, reafirmando o maior vínculo entre a Ciência da Informação e a Biblioteconomia.

Ilustração 6 - Foco e escopo dos periódicos científicos da Ciência da Informação



Fonte: LTi (2017). Plataforma Sucupira (2017).

A Arquivologia e a Museologia fizeram-se presentes repetidamente no foco e escopo dos periódicos, embora não esteja presente de forma nas áreas de concentração dos programas, tampouco na formação dos pesquisadores da ANCIB.

Há alguns periódicos cujos focos escopos não possuem áreas reincidentes, tais como biblioteca escolar; leitura; Comunicação Social; Engenharia de Produção; Cinema; Jornalismo, Publicidade e Propaganda; Relações Públicas; gestão de unidades de informação; área informacional; Ciência Cognitiva; Ciências da Saúde; Direito; Educação; Geografia; Linguística; apropriação, circulação e apropriação da informação e do conhecimento; Inclusão Social; campo da informação; e Documentação. Porém, essas áreas são facilmente alusivas às áreas de formação dos pesquisadores da ANCIB, tais como a Engenharia, a Linguística, a Educação, a Comunicação, entre outras. Acrescente-se a isso que foi possível observar uma estreita relação das áreas citadas com as áreas de concentração dos programas de pós-graduação, na medida em que, em menor ou maior grau, está relacionado à *informação* e seus processos, entre eles, a gestão, organização, apropriação e uso, nos mais variados contextos.

Não foi possível certificar o foco e escopo dos periódicos: *Revista CRB-8* e *RECIIS: Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde*, embora, em certa medida, as denominações destes os apontem.

Quanto aos períodos de cobertura, constatou-se uma crescente criação de periódicos científicos com o passar dos anos. E, conforme Quadro 7, o *Data Grama Zero* encerrou suas atividades no ano de 2015, 16 anos depois de ser criado.

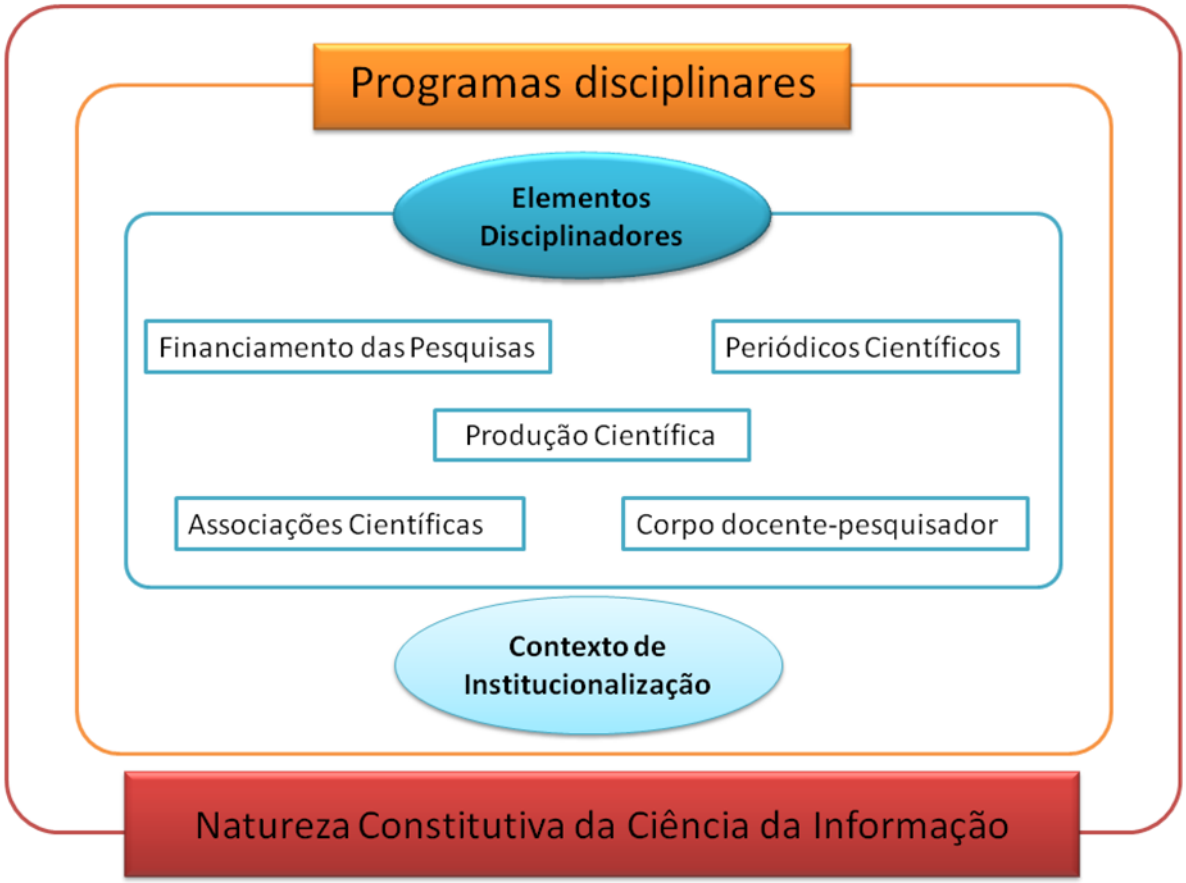
Dois periódicos foram criados na década de 1970, posteriormente à implantação do primeiro curso de Pós-graduação em Ciência da Informação no Brasil, no ano de 1972. Outros dois periódicos surgiram nos anos de 1980, esse número cresceu chegando a sete, nos anos de 1990, 11 nos anos 2000 e 13 no ano de 2010. Esse fato não é próprio da Ciência da Informação, mas de muitas áreas que se desenharam em torno das mudanças que aconteceram em decorrência da crise do modelo centrado em políticas técnicas e científicas financiadas pelo Estado. Essas políticas resultam da vinculação da Ciência e Tecnologia ao setor produtivo (SOUZA, 2012)

Ainda no que se refere ao período de cobertura, não foi possível constatá-lo em dois periódicos, *Revista CRB-8* e *Informação em Pauta*.

Os resultados da pesquisa evidenciam a institucionalização da Ciência da Informação a partir dos diferentes elementos que constitui os programas disciplinares, que ordenam e estruturam o campo científico, uma vez que, segundo Lenoir (2004), se apresentam, em última análise, como “canais de recrutamento”. Esses canais se fazem presentes, explicita e implicativamente, nos elementos disciplinadores da área aqui analisados.

Os resultados revelam, em síntese, os elementos que compõem o domínio disciplinar da Ciência da Informação, no Brasil, estes vêm sedimentando a consolidação da área. As áreas de concentração, que incluem as linhas e os programas de pesquisa, os financiamentos das pesquisas, o corpo docente-pesquisador e os periódicos científicos são responsáveis pela autonomia da área, além de promover conexões com disciplinas afins e possibilitar o compartilhamento de conceitos, teorias, métodos e técnicas, entre outros elementos fundantes do campo científico. A Ilustração 7 expressa a forma coordenada e dinâmica de organização e manutenção desses programas disciplinares.

Ilustração 7 – Programas Disciplinares da Ciência da Informação



Fonte: autora (2017).

A epistemologia interdisciplinar da Ciência da Informação propaga um desenho plural de programas disciplinares, que, dinamicamente demarcam limites de especialidades e estabelecem relações com áreas afins, em um jogo de institucionalização de poder na produção do conhecimento.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Ciência da Informação emerge em um período assinalado por profundas transformações sociais, políticas e econômicas, que, segundo Castells (2000) e Mattelart (2002), caracterizam uma nova era, marcada por um conjunto de acontecimentos que reestruturou o modo de produção capitalista, dando seguimento à emergência de um novo modelo de desenvolvimento, o informacionalismo, a intensificação da globalização da economia e, consequentemente, a uma nova configuração de sociedade contemporânea.

O modo de produção industrial objetivava o crescimento da economia e/ou a maximização de lucros, o informacionalismo, além disso, propõe também o desenvolvimento tecnológico, a acumulação de conhecimentos e maiores níveis de complexidade de processamento da informação (CASTELLS, 2000). Desta forma, o modo de desenvolvimento padroniza os domínios comportamentais da sociedade, assemelhando-se a um paradigma. Portanto, a emergência de um novo implica necessariamente em novas formas históricas de interação, controle e transformação social.

Deste modo, vivenciando um processo de transição entre distintos paradigmas, no campo da ciência, como um todo, é comum que a Ciência da Informação busque sua constituição e identidade, pois, segundo Saracevic (1996), ela precisa adquirir e manter o caráter de ciência relativamente autônoma, superar alguns entraves que acometem a indefinição de seu objeto de estudo e os processos que o envolvem.

Nesta perspectiva, esta pesquisa foi pensada numa tentativa de estabelecer um desenho disciplinar da Ciência da Informação através dos elementos que compõem os programas disciplinares do campo, no Brasil. Para tanto, buscou-se explorar a produção que aborda os elementos disciplinadores, caracterizar o contexto de institucionalização destes elementos, compreender a natureza constitutiva e evidenciar os contornos dos programas disciplinares da área.

Os programas disciplinares, segundo Lenoir (2004), empenham-se em organizar atribuições, permitir ligações com outras disciplinas e facilitar a transmissão de técnicas e ferramentas conceituais do campo científico à comunidade de disciplinas vizinhas. E isso pode ser observado no decorrer de toda pesquisa. Desde a origem poli-epistemológica da Ciência da Informação às terminologias utilizadas nos cursos e programas de pós-graduação, especificamente nas áreas de concentração destes, nos GT, e na pluralidade de formação dos representantes das pesquisas da área.

Constatou-se que a interdisciplinaridade pode dificultar a representação institucional da Ciência da Informação como área do conhecimento embora essa seja uma das características principais da área. Assim, constatou-se que há três formas diferentes de encontrar a Ciência da Informação na Plataforma Sucupira (2017), que podem apontar para distintas conformações disciplinares.

Inicialmente, a Ciência da Informação é compreendida, no Brasil, como campo de conhecimento das *Ciências Sociais Aplicadas*, incluída no *Colégio de Humanidades* juntamente com as *Ciências Humana*s e *Linguística, Letras e Artes*. Ela está associada à Área de Avaliação *Comunicação e Informação*, juntamente com *Comunicação*, *Desenho Industrial* e *Museologia*. E possui como subáreas a *Biblioteconomia*, *a Teoria da Informação* e a *Arquivologia*. Com especialidades voltadas para *Teoria da Classificação, Métodos quantitativos, Bibliometria, Técnicas de Recuperação de Informação e Processos de Disseminação da Informação; Teoria geral da Informação, Processos da Comunicação e Representação da Informação* e; *Organização de Arquivos.*

Considerando as três áreas básicas, Arquivologia, Biblioteconomia e Ciência da Informação, na pesquisa, constatou-se que há atualmente, no Brasil, 28 cursos e programas de Pós-graduação da área da Ciência da Informação, embora cinco desses se encontrem desativados: Ciência da Informação da PUCCAMP, Ciências da Informação da UFRJ, Ciências da Informação da UFF; Ciências da Informação e Documentação da USP e Gestão da Informação da UEL. Além disso, o programa da FUFSE encontrava-se, no momento da coleta de dados, na fase de projeto.

É também importante considerar que, dos 19 cursos e programas que estão em funcionamento, 11 são na modalidade Mestrado e Doutorado (USP; UNESP; UFBA; UFPB; UFPE; UFSC; UFF; UFRJ-IBICT; UNB; além de dois na UFMG); quatro na modalidade Mestrado Acadêmico (UFPA; UFSCAR; UEL e UFC) e quatro na modalidade Mestrado Profissional (UDESC; FCRB; USP; UFRN).

No que se refere à distribuição geográfica, na Região Nordeste existem três programas de pós-graduação *stricto senso* em Ciência da Informação (UFPB; UFPE e UFBA) e três cursos, sendo, um na modalidade Mestrado Acadêmico (UFC), e dois na modalidade Mestrado Profissional (UFRN e FUFSE). Na Região Sudeste, estão presentes os programas da UNESP; UFF; UFRJ; USP; além de outros dois na UFMG, um curso Mestrado Acadêmico na UFSCAR, bem como, um curso na modalidade Mestrado Profissional na FCRB e outro na USP. Na Região Sul, encontram-se os programas da UFSC e da UEL, e um curso de Mestrado profissional na UDESC. Há um programa de pós-graduação na Região Centro-

Oeste (UNB) e um curso de Mestrado acadêmico, na Região Norte, que foi implantado recentemente na UFPA.

Conclui-se que a região Sudeste é a que dispõe do maior número de cursos na área, ao todo nove, seguido da Região Nordeste com seis, da Região Sul com três, da Região Centro-Oeste com um e Região Norte também com um.

Nas áreas básicas de Arquivologia e Biblioteconomia, os três cursos se encontram nas regiões Nordeste e Sudeste, a primeira exclusivamente nesta região (UNIRIO) e a segunda com cursos distribuídos nas duas regiões, na Região Nordeste (UFCA) e na região Sudeste (UNIRIO).

A Ciência da Informação vem, portanto, se expandindo sobre o território brasileiro, embora de forma assimétrica, principalmente, porque é constitutiva da história da Pós-graduação no Brasil. O fato é que essas assimetrias não são exclusivas desta área de conhecimento, mas de muitas áreas que se desenham em torno de políticas técnicas e científicas financiadas pelo Estado, que vinculam, em grande medida, a C&T ao setor produtivo.

Considerando que para ser possível delinear os programas disciplinares da Ciência da Informação é importante ater-se as transformações que, segundo Souza (2012), os programas de Pós-graduação vêm sofrendo, sobretudo, no que diz respeito as suas áreas de concentração e linhas de pesquisa, observou-se as áreas de concentração dos PPGCI brasileiros e pode-se constatar que o termo *informação*, que expressa o objeto de estudo da Ciência da Informação, está explícito em quase todas as áreas de concentração de cursos e programas de pós-graduação em Ciência da Informação no Brasil, exceto no PPGCI da UFSCAR; PPGGOC, na UFMG, e no Mestrado Profissional da FCRB.

O termo *conhecimento* vem em seguida, uma vez que se encontra expresso em 12 cursos e programas de pós-graduação da área: UFC; UFPB; UFBA; UFRJ; UFF; UFSCAR; UNESP/MAR; UEL; PPGGOC; no Mestrado Profissional da UFRN, da FUFSE; e da UFPA. Nesse particular, é importante considerar a relação intrínseca entre informação e conhecimento, bastante presente na produção científica.

O termo *gestão* está presente em cinco áreas de concentração, nos cursos e programas da UFSC, UNB, UDESC, FUFSE e UFPA. Nesse mesmo horizonte de programas disciplinares, há o uso do termo gerenciamento na área de concentração do Mestrado Profissional/FCRB.

O termo *sociedade* está presente nas áreas de concentração dos programas da UFPB; UFBA; UFRN; FUFSE e UFCA. Já o termo *tecnologia*, bem como sua derivação

(tecnológicas), aparece em quatro áreas de concentração de cursos e programas da UFPE; UFRJ; UFSCAR; e UNESP.

O termo *Biblioteconomia* foi encontrado apenas na área de concentração do Mestrado Profissional na UFCA e UNIRIO. Nesse particular, é importante considerar que, diferentemente dos demais, estes definem como área básica a Biblioteconomia.

De modo geral, os resultados da pesquisa demonstram que a Ciência da Informação se dedica a uma pluralidade de processos informacionais, mencionados expressamente em suas linhas de pesquisa, tais como *mediação, apropriação, utilização, uso, produção, organização* e *acesso*. Esses termos estão diretamente relacionados com o objeto de estudo da área, a *informação*, na medida em que são apontados na literatura como os principais processos informacionais.

Os resultados da pesquisa evidenciam que, no decorrer dos últimos anos, vem havendo uma série de transformações disciplinares e interdisciplinares, seguindo o desenvolvimento da ciência como um todo. No que concerne à Ciência da Informação, em particular, possivelmente tenha havido redefinições nas relações disciplinares em função da difundida sociedade da informação e do desenvolvimento e aplicação das novas tecnologias de informação e comunicação, nos últimos anos (SOUZA, 2011).

Ainda quanto aos elementos que caracterizam o domínio disciplinar da Ciência da Informação no Brasil, observou-se que estes crescem com base no avanço e amadurecimento dos programas de pós-graduação, pois estão diretamente ligados a eles. E, nesses espaços, que os programas disciplinares são delineados e institucionalizados, pois regulam as relações de mercado entre produtores e consumidores do conhecimento. Portanto, conforme Oliveira (1998) e Souza (2012), os elementos estudados que constituem estes programas foram: o financiamento das pesquisas; o corpo docente pesquisador; as associações científicas; os periódicos científicos.

Quanto ao primeiro elemento, constatou-se que o financiamento das pesquisas é mantido em grande parte pelos órgãos CNPq e CAPES. O primeiro financia, ao todo, 15 programas de pós-graduação na área e o segundo, 13. Não se sabe se estes órgãos custeiam a maior parte das pesquisas, mas eles foram encontrados como maiores financiadores, no conjunto de cursos e programas.

Quanto aos cursos e programas mais amparados, no que diz respeito ao número de financiadores, o PPGCI – UFMG apresentou o maior número de financiadores, num total de sete: CAPES; CNPq; FAPEMIG; ANEEL; UFMG; Cemig Distribuição S. A. e FUMP. O PPGCI – UNESP/MAR é o segundo com maior quantidade de financiadores, com um total de

cinco: CAPES; CNPq; FUNCAP; UNESP e FUNDUNESP. Os PPGCI da UFPB; UFPE e UFF são financiados apenas pelos órgãos, CAPES e CNPq. O Mestrado profissional da UDESC, por sua vez, é financiado apenas pelo CNPq e a própria universidade. E, por fim, não há menção de financiadores a um curso de mestrado da USP e aos cursos de mestrado da FUFSE e da UFPA. Não se pode, contudo, afirma a inexistência desses, sobretudo, proveniente dos seus respectivos Estados.

A natureza interdisciplinar, o vínculo com a tecnologia da informação e a participação deliberada na Sociedade Informacional são características que, segundo Saracevic (1996), constituem o tripé de existência e evolução da Ciência da Informação. Nos últimos anos, essas características permeiam os debates em torno do estabelecimento do domínio disciplinar da área.

A rigor, pode-se considerar que a orientação interdisciplinar foi bastante constatada na pesquisa, principalmente, a partir da pluralidade de pesquisadores originários de diversas áreas do conhecimento. O corpo de pesquisadores, representados pelos Coordenadores e Vices-Coordenadores dos GT da ANCIB, possui diferentes formações e titulações, embora haja um número bastante expressivo de titulação na área da Ciência da Informação, mais precisamente, 12 doutores e 13 mestres. Em todos os GT, exceto no GT 11, há a presença de um pesquisador com doutorado realizado na área de Ciência da Informação.

Reiterando a estreita relação entre a Ciência da Informação e a Biblioteconomia, foram identificados 11 graduados e um mestre em Biblioteconomia. Por outro lado, entre os pesquisadores da amostra, há apenas um museólogo e não há nenhum arquivista.

Foi possível observar também que há dois graduados e um doutor na área de Ciência da Computação; dois doutores e um mestre na área da Educação; da Administração há um graduado, um mestre e um doutor; há dois doutores em Letras e um graduado e; um mestre e um graduado em Engenharia Elétrica. Afirmando ainda mais a pluralidade de formação dos pesquisadores que compõem o campo da Ciência da Informação, também foram identificados pesquisadores de áreas como Ciências Biológicas, Ciências Sociais, Estatística, História, Química e Serviço Social.

Esse panorama da formação e titulação em Ciência da Informação, no Brasil, também foi constatado por Brookes (1980) na América do Norte, evidenciando que historicamente se apresenta como condição de pesquisa e produção desta área de conhecimento. Em função disso, a multiplicidade de formação e titulação foi apontada por autores como Souza (2011), como um dos principais fundamentos, especialmente, da sua orientação interdisciplinar.

Quanto às associações científicas, foram consideradas a ANCIB e a ABECIN, que embora esta não se dedique especificamente à pesquisa e à pós-graduação das áreas, ambas são espaços políticos de discussão de questões pertinentes à área da Ciência da Informação, no Brasil.

As atividades da ANCIB são estruturadas em duas frentes, os programas de pós-graduação *stricto sensu*, que são representados pelos seus coordenadores, e o ENANCIB, que é organizado anualmente em 11 GT que apresentam debates plurais em torno da área. O objeto de estudo da área, a *informação*, mantém-se claramente presente nas denominações dos GT, uma vez que está expressamente presente na denominação de 10, dos 11 GT. Já os termos *conhecimento* e *tecnologia*, embora bastante presente na literatura da área, pode ser observado na designação de dois GT.

É importante considerar a presença de outros termos como *memória, patrimônio, museu, saúde, política, economia, educação, comunicação, trabalho* e *inovação,* que evidencia a pluralidade de temáticas e a relação com outras áreas de conhecimento afins.

Além disso, termos como *organização, representação, mediação, circulação, apropriação, gestão e produção* designam diferentes processos relacionados à *informação* ou ao *conhecimento*, bem como às possíveis relações existentes entre esses.

Por fim, foram identificados 38 periódicos da área da Ciência da Informação, buscando analisar a presença de programas disciplinares no foco e no escopo de cada um deles. O fato é que esses elementos condicionam, em grande medida, a produção e a comunicação científica nas áreas por eles contempladas. Assim, no universo pesquisado, 29 identificam a Ciência da Informação como foco e escopo; 18 a Biblioteconomia; 14 a Arquivologia; nove, a Museologia; dois, a Ciência da Computação; e dois a Gestão da Informação. Além dessas áreas, diversos outros campos também estão presentes na definição do foco e escopo dos periódicos, mas não foram recorrentes, limitaram-se a apenas um periódico.

Os resultados desta pesquisa apresentam, pois, algumas contribuições na compreensão das condições plurais de construção do campo epistemológico da Ciência da Informação, no Brasil. Considera, em síntese, que os programas disciplinares foram evidenciados mediante os elementos que caracterizam o domínio de constituição e atuação da área, no campo científico. Eles promovem construções disciplinares identificadoras, pautadas no objeto de estudo, a *informação,* que se mostrou elementar em todas as etapas do estudo. Com efeito, o estudo, o uso, as práticas e os processos, dentre outros elementos teórico-práticos, são essenciais para

estabelecer as atribuições, difundir métodos e técnicas, e favorecer ligações entre as diferentes áreas contempladas de alguma forma nos estudos informacionais.

Todos esses componentes que presentes na infraestrutura de pesquisa, pós-graduação e produção científica, que incluem as áreas de concentração dos cursos e programas de pós-graduação, a formação dos pesquisadores do campo, os eixos temáticos dos grupos de trabalho, e o foco e escopo dos periódicos científicos, evidencia que a Ciência da Informação mantém programas disciplinares orientados a autonomia relativa do campo científico, uma vez que mantem constante correlação com as diversas áreas do conhecimento.

Por fim, este estudo foi muito aprazível, mas diversas dificuldades foram enfrentadas. Dentre essas, a mais frequentes foi limitação de textos que abordam o assunto. Deste modo, os textos que deram suporte ao referencial teórico foram deveras esmiuçados, refletidos, questionados e debatidos. Por outro lado, grande parte desse referencial encontrava-se disperso e, por conseguinte, envidou maior esforço para leitura, reflexão e compreensão sobre o contexto em que foram produzidos.

Outra dificuldade enfrentada foi o uso da Plataforma Sucupira, que se encontra diariamente em manutenção e em constante atualização dos dados. Com efeito, muitas vezes, foi preciso repetir toda pesquisa para atualizar os dados coletados e sistematizados. Por fim, meses antes de concluir a pesquisa, o *layout* da plataforma foi modificado, e toda a metodologia detalhada outrora, precisou ser refeita.

Houve dificuldade também quanto aos dados dos Programas de Pós-graduação situados na plataforma, pois estes programas alimentam a plataforma inserindo elementos e informações que precisam ser revistas periodicamente. O fato é que, não procedendo desta forma, os resultados se apresentem desatualizados e/ou incompletos, refletindo nas considerações da pesquisa. Por outro lado, viu-se um campo vasto de exploração, para programas de pesquisa. Portanto, como proposta de estudo, sugere-se um aprofundamento na descrição e interpretação dos elementos objetos desta pesquisa. E, mais que isso, pesquisas que abarquem, complementarmente, os programas de pesquisa da área, em vistas a somar aos programas disciplinares.

REFERÊNCIAS

ALVARES, L; ARAÚJO JÚNIOR, R.H. Marcos históricos da ciência da informação: breve cronologia dos pioneiros, das obras clássicas e dos eventos fundamentais. **TransInformação**, Campinas, v. 22, n. 3, p. 195-205, set./dez., 2010.

ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais:** pesquisas quantitativas e qualitativas. São Paulo: Editora Pioneira, 2001.

ARAÚJO, C. A. Á. Ciência da Informação, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia: relações institucionais e teóricas. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 16, n. 31, p.110-130, maio 2011.

BARRETO. A.A. A condição da informação. **São Paulo Perspectiva**, São Paulo, v.16, n. 3, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392002000300010> Acesso em: 17 de maio 2016.

BAUZER, R. Formação de profissionais em Ciência da Informação. **Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 75-78, 1979. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/129/129> Acesso em: 12 jun. 2016.

BROOKES, B. C. The foundation of Information Science. **Journal of Information Science**, v. 2, Part I (p.125-133), Part II (p.209-221), Part III (p.269-275), and v. 3, Part IV (p.3-12), 1980.

BUSH, V. As we may think. **The atlantic monthly**, v. 176, 1, p. 101-108, 1945. Disponível em: <http://www.theatlantic.com/doc/194507/bush>. Acesso em: 1 jun. 2016.

CAPURRO, R. Epistemologia e Ciência da Informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5, 2003, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: UFMG, 2003. 1 CD-ROM.

CAPES, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Portal da CAPES**. Brasília, DF, 2016 Disponível em: <http://www.capes.gov.br/avaliacao/plataforma-sucupira> Acesso em: 23 mai. 2017.

CAPES, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Portal da CAPES**. Brasília, DF, 2017 Disponível em: http://www.capes.gov.br/avaliacao/instrumentos-de-apoio/classificacao-da-producao-intelectual Acesso em: 26 Jun. de 2017

CASTELLS, M. A Sociedade em Rede. In: _____. **A era da informação:** economia, sociedade e cultura. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000. 617p. v. 1.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais.** 3.ed. São Paulo: Cortez, 1998.

ELIEL, R. A. Institucionalização da Ciência da Informação no Brasil: estudo da convergência entre a produção científica e os marcos regulatórios da área. **TransInformação**, Campinas, v. 20, n. 3, p. 207-224, set./dez., 2008.

EUGÊNIO, M.; FRANÇA, R. O.; PEREZ, R. C. A Ciência da Informação sob a ótica paradigmática de Thomas Kuhn: elementos de reflexão. **Perspect. Ci. Inf.**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 27-39, jan./jun. 1996.

FERNEDA, E. **Introdução aos Modelos Computacionais de Recuperação de Informação**. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2012.

FREIRE, I. M. Da construção do conhecimento científico à responsabilidade social da Ciência da Informação. **Informação e sociedade: estudos**, João Pessoa, v. 12, n. 1, 2002. Disponível em: <http://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/158/152>. Acesso em: 23 maio 2016.

GIL, A. C.. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2000.

_____. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOFFMAN, W. Information Science: discipline or disappearance. **ASLIB proceedings**, v.22, n. 12, p. 589-596, dec. 1970.

GOMES, H. F. Interdisciplinaridade e Ciência da Informação: de característica a critério delineador de seu núcleo principal. **Data grama zero - revista de Ciência da Informação**, v. 2, n. 4, ago. 2001. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/ago01/Art_04.htm>. Acesso em: 25 ago. 2009.

GONZÁLEZ DE GOMEZ, M. N. Metodologia de pesquisa no campo da Ciência da Informação. **Data Grama Zero - revista de Ciência da Informação,** Rio de Janeiro, v.1, n. 6, Artigo 03, dez/2000. Disponível em: < http://www.dgz.org.br/dez00/Art_03.htm >. Acesso em: 5 maio 2014.

JAPIASSU, H. ; MARCONDES, D. **Dicionário Básico de Filosofia**. 4. ed. Atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2006.

KOBASHI, N. Y.; SMIT, J. W.; TÁLAMO, M. F. G. M. A função da terminologia na construção do objeto da Ciência da Informação. **Data grama zero – revista de Ciência da Informação**, v. 2, n. 2, p. 1-8, abr. 2001. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/abr01/Art_03.htm>. Acesso em: 12 maio 2016.

KOCHE, J.C. **Fundamentos de metodologia científica:** teoria da ciência e iniciação à pesquisa. 24. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

KUNH, T. **A estrutura das revoluções científicas.** São Paulo: Perspectiva, 2006.

LE COADIC, Y. **A Ciência da Informação.** Brasília, DF: Brinquet de Lemos/Livros, 2004.

LENOIR, T. **Instituindo a ciência**: a produção cultural das disciplinas científicas. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.

LENZI, L. A. F.; BRAMBILA, E. Z. Ciência da Informação, ciência e revolução científica: breve histórico e reflexões. **Informação e informação**, Londrina, v. 11, n. 1, jan./jun. 2006.

LÓPEZ YEPES, J. **La Documentación como disciplina:** teoría e historia. Eunsa, Pamplona, 1995.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica.** 5. ed. São Paulo : Atlas 2003.

MATTELART, A. **História da sociedade da informação.** São Paulo: Edições Loyola, 2002. 197p.

MENDONÇA. E. S. A lingüística e a ciência da informação: estudos de uma interseção. **Ci. Inf**., Brasília, v. 29, n. 3, set./dez. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19652000000300006> Acesso em: 5 maio 2016

MINAYO, M. C. S. (org.); DESLANDES, S. F.; GOMES, R. **Pesquisa Social – Teoria, método e criatividade**. 32. ed. Petrópoles RJ: Vozes, 2012.

_____. SANCHES, O. **Quantitativo-Qualitativo:** Oposição ou Complementaridade? **Caderno de Saúde Pública da Escola Nacional de Saúde Pública da Fiocruz**, Rio de Janeiro, jul./set 1993.

MIRANDA, Antônio; BARRETO, Aldo. Pesquisa em ciência da informação no Brasil: Síntese e Perspectiva. In: SIMEÃO, Elmira (Org.) **Ciência da Informação:** teoria e metodologia de uma área em expansão. Brasília: Thesaurus, 2003. 212p.

MUELLER, S. P. M. Bibliotecas e sociedade: evolução da interpretação de função e papéis da biblioteca. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v. 13, n. 1, p. 7-54, 1984. Disponível em: <http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/2698>. Acesso em: 16 maio 2017

NEHMY, R. M. Q. et al. A Ciência da Informação como disciplina científica. **Perspectiva Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 9-25, jan./jun. 1996. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/239/26>. Acesso em: 5 maio 2015.

NUNES, L.C.P. **Análise da política de pós-graduação no Brasil**. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 1978.

ODDONE, N.O IBBD e a informação científica: uma perspectiva histórica para a Ciência da Informação no Brasil. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 35, n. 1, p. 45-56, jan./abr. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/ci/v35n1/v35n1a06.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2016.

OLIVEIRA, H. P. **Arquitetura da informação pervasiva:** contribuições conceituais**.** 2014. TESE (Doutorado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 201.

OLIVEIRA, M. **A investigação científica na Ciência da Informação**: análise da pesquisa financiada pelo CNPq. 1998. 201f. Tese (Curso de Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade de Brasília, Brasília, 1998.

_____. Origens e evolução da Ciência da Informação. In: OLIVEIRA, M. (Coord.). **Ciência da Informação e Biblioteconomia:** novos conteúdos e espaços de atuação. Belo Horizonte:EdUFMG, 2005. Cap. 1, p. 9-28.

ORTEGA, C. D. **Informática documentária:** estado da arte. 2002. 235 f. Dissertação (Mestrado em ciências da comunicação) – Escola de comunicação e artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

PAVIANI, J. **Interdisciplinaridade:** conceitos e distinções. 2.ed. rev. Caxias do Sul, RS. Eudes, 2008. 128 p.

PINHEIRO, L. V. R. Cenário da pós-graduação em Ciência da Informação no Brasil, influências e tendências. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 8., 2007, Salvador. **Anais...** Salvador, UFBA, 2007.

_____. Gênese da Ciência da Informação: os sinais enunciadores da nova área. In: AQUINO, M. A. **O campo da Ciência da Informação:** gênese, conexões e especificidades. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2002. p. 61-86.

_____. Processo evolutivo e tendências contemporâneas da Ciência da Informação. **Informação e sociedade: estudos**, João Pessoa, v. 15, n. 1, p. 13-48, jan./jun. 2005. Disponível em: < http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/51/1521>. Acesso em: 5 maio 2015.

PINHEIRO, L. V. R; LOUREIRO, J. M. M. Traçados e limites da Ciência da Informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 24, n. 1, p. 42-53, jan./abr. 1995. Disponível em: <http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/view/531/483>. Acesso em: 13 maio 2015.

PLATAFORMA SUCUPIRA, CNPq, 2016. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/programa/listaPrograma.jsf> Acesso em: 30 jun. 2016.

PRICE, D. J. de S. **Little science, big science.** New York: Columbia University, 1963.

RABELLO, R. A Ciência da Informação como objeto: epistemologias como lugares de encontro. **Perspect. ciênc. inf.**, Belo Horizonte, v. 17, n. 1, jan./mar. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-99362012000100022>. Acesso em: jun. 2016.

RAYWARD, W. B. The origins of Information Science and the International Institute of Bibliography/International Federation for Information and Documentation (FID). **Journal of the American Society for Information Science**, New York, v. 48, n. 4, p. 289-300, apr. 1997. Disponível em: <http://people.lis.illinois.edu/~wrayward/OriginsofInfoScience.pdf>. Acesso em: 6 maio. 2015.

ROBREDO, J. Informação, conhecimento e Ciência da Informação. In: _____. **Da Ciência da Informação revisitada aos sistemas humanos de informação.** Brasília: SSRR Informações; Thesaurus, 2003. p.1-103.

SALDANHA. G.S**.** Thomas Kuhn na epistemologia da Ciência da Informação: uma reflexão crítica**. Informação e informação**, Londrina, v. 13, n.2, p.56-78, jul./dez. 2008.

SANTOS, B. S. **Introdução a uma ciência pós-moderna.** Rio de Janeiro: Graal, 1989. 176p.

SANTOS, C.M. Tradições e Contradições da Pós-Graduação no Brasil. **Educ. Soc.,** Campinas, vol. 24, n. 83, 2003. p. 627-641. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/es/v24n83/a16v2483.pdf> Acesso em: 3 jun. 2016

SARACEVIC, T. **Interdisciplinarity nature of Information Science. Ciência da Informação**, v. 24, n. 1, p.1-9, jan./jun. 1995.

_____: Ciência da Informação: origens, evolução e relações. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 30-72, jan./jun. 1996. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/235/22 >. Acesso em: 06 set. 2014**.**

_____: Information Science. JASIS; **Journal of the American Societyfor Information Science**, New York, v. 50, n. 12, p. 1051-1063, 1999**.**

SHERA, J. H. Epistemologia Social, Semântica Geral e Biblioteconomia. **Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 9-12, 1977. Disponível em: <http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/download/1564/1179>. Acesso em: 12 maio 2015.

_____; CLEVELAND, D. B. **History and foundations of Information Science.** Annual Review of Information Science and Technology, v. 12, p. 249-275, 1977.

_____. Sobre Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação. In: GOMES, H. E. (Org.). **Ciência da Informação ou Informática?** Rio de Janeiro. Calunga, 1980. p. 90-105.

SILVA, J. L. C.; FREIRE, G. H. A. Um olhar sobre a origem da ciência da informação: indícios embrionários para sua caracterização identitária. **Encontros Bibli**, Santa Catarina, v. 17, n. 33, 2012. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2012v17n33p1 Acesso em 14 maio 2016.

SOUZA, F. C.; STUMPF, K. Ética na ciência da informação e biblioteconomia brasileiras: sua discussão em periódicos e anais de eventos. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 10., 2009, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: UFPB, 2009.

SOUZA, E. D. **A Ciência da Informação:** fundamentos epistêmicos discursivos do campo científico e do objeto de estudo. Maceió. EDUFAL, 2015. 222 p.

_____. **A epistemologia interdisciplinar na Ciência da Informação**: dos indícios aos efeitos de sentido na consolidação do campo disciplinar. Belo Horizonte, 2011. 343f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais.

_____. A institucionalização da Ciência da Informação no Brasil: elementos disciplinadores do campo científico. **Informação e Sociedade: estudos,** João Pessoa, v.22, p. 49-64, Número Especial 2012. Disponível em: <www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/13297> Acesso em: 02 set. 2015.

TANUS, G. F. de S. C.; ARAÚJO, C. A. Á. Proximidades conceituais entre Arquivologia, Biblioteconomia, Museologia e Ciência da Informação. **Biblionline**, v. 8, n. 2, p.27-36, 2012.

WERSIG, G. **Informatin Science: the study of postmodern knowledge usage**. Information processing & nanagement**,** v. 29, n.2, p. 227-239, 1993.

_____. NEVELING, U. **The phenomena of interesting to Information Science**. Information scientist, v. 9, n. 4, p. 127-140, dec. 1975.